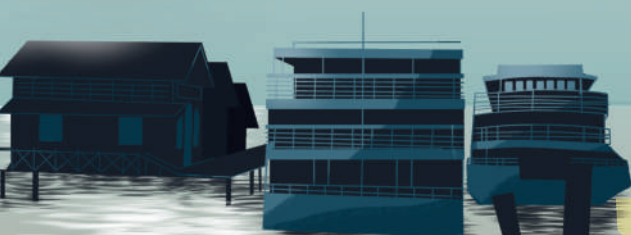




Jeovani de Jesus Couto

Temporeza

saberes de mulheres da Comunidade
Santo Ezequiel Moreno Portel-PA



Pedro & João
editores

TEMPOREZA:
SABERES DE MULHERES DA
COMUNIDADE SANTO EZEQUIEL
MORENO PORTEL-PA



JEOVANI DE JESUS COUTO

TEMPOREZA:
SABERES DE MULHERES DA
COMUNIDADE SANTO EZEQUIEL
MORENO PORTEL-PA

Orientação de tese por
José Anchieta de Oliveira Bentes



Copyright © Jeovani de Jesus Couto

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos da autora.

Jeovani de Jesus Couto

**Temporeza: saberes de mulheres da Comunidade Santo Ezequiel Moreno
Portel-PA.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. 229p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-2358-2 [Impresso]

978-65-265-2359-9 [Digital]

1. Mulheres. 2. Dialogicidade. 3. Saberes. 4. Temporeza. I. Título.

CDD – 370

Capa: Marcos Della Porta

Arte da capa: Fabíola Barroso Cabral

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2025

A Deus sobre todas as coisas

Ao meu filho amado, João Pedro, o milagre da vida

À minha mãe Raimunda, amiga, o próprio amor

Ao meu pai José Antônio e meus irmãos e irmãs Couto

Às comunidades rurais da Amazônia marajoara

Aos educandos e educandas que marcaram minha docência rural

Aos educadores e educadoras da educação do campo

Ao meu querido vô Raimundo Matos, trabalhador rural e homem valoroso (*In memoriam*)

AGRADECIMENTOS

A Deus que está sempre cuidado de mim, eu te agradeço por tudo que tens feito em minha vida, pelos dons que me deste e pelos relacionamentos que permitem que eu cresça todos os dias.

Ao meu filho João Pedro, o amor da minha vida, a quem sigo ensinando e aprendendo e, aprendendo, ensino. Por você, agradeço a Deus cada amanhecer e compreendo o significado de amar mais alguém do que a mim mesma.

À minha mãezinha Raimunda, que tem um amor incondicional por mim, intercede todos os dias pela minha vida em oração

Ao meu pai e meus irmãos e irmãs Jhoy, Joyce, Junior, Jeane e Jeová que, em família, são certeza de carinho e afeto.

Ao meu Vô materno Raimundo de Matos, que é uma das inspirações desse trabalho, que viveu em favor dos outros no contexto rural e na família, com todo amor e cuidado agradeço-te.

Ao meu orientador José Anchieta de Oliveira Bentes, obrigada por acreditar e apostar em minha singularidade na condução dessa tese, por desafiar-me a assumir a autoria dessa tese com poética, ciência e alteridade, gratidão pela confiança, respeito e paciência, por cada mês, dias e horas e segundos de dedicação e por sua disponibilidade genuína.

A Zoe e Pãthy, meus cachorrinhos que não falam, mas os olhos e ações dizem mais do que se pode ouvir; quando precisei de mãos achei as suas patinhas.

Às minhas queridas amigas que o doutorado me deu Cyntia, Lyandra e Kássya, que me ajudaram em muitas dúvidas, curas de incertezas e torcida para vencer os desafios. Minha vida, na pós, seria muito sem graça sem vocês e suas ideias alegres e festivas.

À Fabíola, pelo enlace e representatividade artística nessa tese, embelezaste minha sensibilidade poética, sem palavras para

descrever a alegria da chegada de sua arte em tessitura com a minha. Gratidão!!!

Às comunidades rurais da Amazônia marajoara, em especial à Comunidade Santo Ezequiel Moreno, que me acolheram em todos os momentos de pesquisa; às mulheres dessa comunidade que narraram suas histórias com emoção, que riram, choraram, se emocionam, cantaram e dançaram em um contexto de águas, ventos, florestas, maresiando a existência de ser mulher do campo.

Aos meus queridos educandos, alunos e egressos dos saberes da terra, das casas familiares rurais, do IFPA Campus Breves e de todas as escolas rurais pelo qual passei e aprendi mais do que ensinei.

Aos educadores e educadoras do campo, das águas e das florestas que plantam sementes de conhecimento e constroem pontes para a sabedoria.

Não pode haver antagonismo entre “escrever certo” e escrever gostoso; que escrever gostoso é que é, em última análise, escrever certo. (Paulo Freire, 2021, p. 107)

SUMÁRIO

1. NAVEGANTE: CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2. DO ECOFEMINISMO A TEMPOREZA: POR UMA METODOLOGIA DIALÓGICA	49
2.1 A concepção de teoria ecofeminista	49
2.2 A abordagem da narrativa de vida e as rodas de conversa ...	51
2.3 O tipo de pesquisa dialógica	54
2.4 A Interseccionalidade como Instrumento de análise.....	55
2.5 A Categoria epistemológica e suas características	57
2.6 Participantes da pesquisa.....	59
2.7 Cuidados éticos	61
2.8 Levantamento de produções sobre a Comunidade Santo Ezequiel Moreno.....	62
3. AÇAÍ: O LASTRO DA COMUNIDADE SANTO EZEQUIEL MORENO.....	81
3.1 Cooperação, soberania e comunicação.....	81
4. TEMPOREZA	99
4.1 Saberes da natureza marajoara	99
4.2 Entre mururés e convidados: freireando a temporeza	109
4.3 Bem-viver: equilíbrio entre os saberes da natureza e os saberes da vida comunitária.....	122
5. A TEMPOREZA ECOFEMINISTA COMUNITÁRIA: DIALOGANDO COM OS SABERES.....	131
5.1 Por uma concepção de saberes	131
5.2 Tecendo o feminismo comunitário com o ecofeminismo e o saber comunal	138
5.3 Saberes da espiritualidade.....	144

5.4 Comunidade do espírito e saberes da temporeza.....	149
5.5 A armadilha patriarcal e a (re)existência com o bem-viver	156
5.6 Rios de identidade em floresta território: saber manejar os frutos	162
5.7 Semeando resistência: florogundo a pororoca	165
6. PORQUE SOMOS É QUE FAZEMOS: TESSITURAS EM RODAS DE CONVERSA.....	173
6.1 Depois da curva do rio.....	173
6.2 Rodas de conversa	176
6.3 Unidade na diversidade de ser mulher rural ribeirinha	188
7. EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DA TEMPOREZA	195
7.1 A importância da experiência sensorial da temporeza para a pesquisa.....	195
7.2 Olfato e degustação da temporeza	196
7.3 Imagética Temporeza.....	198
7.4 Os sons da temporeza	212
8. NESSA MINHA MARESIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR.....	215
REFERÊNCIAS	221

1. Navegante: considerações iniciais

A mareante

Como marajoara sabia que por muitas águas teria que passar
É o rio-tempo, o rio-pensamento, para lá e para cá
Olhando as estrelas, percorrendo as incertezas
Desde menina eu fui fraqueza e fortaleza

Do cajueiro refúgio à biblioteca em viagens poéticas da existência
Na juventude o encontro do magistério rural em muitas vivências
Histórias contadas e recontadas no chão das águas
Cirandas, contos de mim e de outros desagua

Nas curvas dos rios e igarapés de saberes uma pedagogia remada
Saberes da terra, da água e das floresta entrelaçada
Pedagogia da alternância, do tempo escola e comunidade
Gurupá, Portel e Breves das CFRs ao IFPA em alteridade

Margeando eu professora sou mãe, sou filha, sou negra, sou estudante
Amo a Deus, a quem fez de mim e meu filho um uno milagre abundante
Mulher enraizada que encontrou na pesquisa outras mulheres de lutas
Que tem nos saberes a beleza e o enfrentamento de ser uma em muitas

A mareante sou eu é você aguerrida
Soprou o vento, nos fizemos sorrída
Dispersando semente em meio a dor
Para produzir frutos com amor

Jecovani Couto (Gil)
Breves, 24 de maio de 2024, às 17:24

¹ Essa é a primeira das sete imagens poetadas que serão apresentadas na abertura de cada seção dessa tese, a ideia foi fazer um resumo em arte de cada uma com poemas meus e desenhos da Professora Ma. Fabíola Barroso Cabral. Para mais informações, ver seção 7- Experiências sensoriais da temporeza e subseção 7.1 Imagética temporeza.

1. NAVEGANTE: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A natureza em mim é atemporal e sem limite geográfico, é a natureza que poetiza minhas palavras e sensações e humaniza a historicidade dessas vivências que transcendem ao eu (...) Quantos mururés passei, quantos aguapés fui eu, quantas águas naveguei, em quantos livros me inspirei...

Muitas são as histórias no e do contexto rural, contadas e recontadas na imensidão das florestas e dos extensivos rios, que se misturam com o imaginário e a vida real, que se conectam com os vários tempos de vida, do viver que se entrelaça com a cultura e com a natureza que é também existência humana.

Viveres que partem da história de vários lugares que se assemelham ou partem da história de um lugar, como a da comunidade Santo Ezequiel Moreno, no Município de Portel, o qual me proponho a discutir. Nesse lugar, tem florestas e, nessa floresta, tem gente, tem mulheres com trajetórias de luta e de coragem em diferentes travessias.

Agora, revisito essa pesquisa, rememoro alguns momentos vividos com as participantes desta que, como eu, são mulheres e, as ouvindo, pude ouvir a mim mesma e a muitas de nós. Elas se apresentaram a mim com seus amores, suas dores, seu território de águas, florestas e muitas pontes construídas através da cooperação mútua; trilhas por onde seus pés caminharam em direção à várzea ou à terra firme ou em direção à conquista de outros sonhos, outras pontes.

Mulheres rurais da Amazônia Marajoara que são mães, esposas, gestoras, coordenadoras, que erguem suas vozes nas reuniões do sindicato dos trabalhadores rurais, na associação dos moradores e nas atividades cooperadas, que realizam formações e, enfrentando o patriarcado, pelem e são aguerridas, mulheres que me convidaram para as rodas de conversa e para os cânticos, que

compartilharam suas narrativas de vida cheias de vivacidade e verdade. Com elas, também tive vivências em barcos, cascos e rabetas, além de celebrações na capela, reuniões de planejamento, tiveram também convites para café de fim de tarde e para os abraços afetuosos e esperançosos.

Mas, como eu cheguei nesse lugar? Como pude vivenciar essa pesquisa motivadora? Como naveguei nessas águas que me inspiram? Como pude registrar na minha memória de mulher negra, de mãe, de professora e de pesquisadora essas vivências que me ensinam? Que incompletude feliz é essa que não começou nessa comunidade! Foi construída e reconstruída continuamente em (re)encontros em diferentes tempos da minha existência.

E foi assim, de tempos em tempos, que fui construindo relações, escritos, pesquisas e que humanizei minha prática, cotidianamente. Como não lembrar quando ainda graduanda em pedagogia juntei-me com um grupo de estudantes e saímos nas comunidades rurais do Município de Breves, no Estado do Pará, interagindo com professores, fazendo brincadeiras com as crianças: éramos muitos jovens e não tínhamos a pretensão de ensinar, o que fazíamos era experimentar o desafio de navegar, de conhecer o que era o magistério rural, de tentar entender as múltiplas funções do educador/a rural e o quadro dividido com giz em quatro partes (1º, 2º, 3º e 4º série) e mais os/as da alfabetização que se “arrumavam” em um cantinho da sala. Era a turma multisseriada, odiada por alguns docentes e “tolerada” por outros/as.

Esse universo era muito complexo, eu deixava mais a cargo dos/as meus/minhas colegas tentarem reinterpretá-lo à luz da teoria, eu queria mesmo era contar e ouvir histórias com as crianças. Levava os clássicos da literatura e contava. Em troca, eles e elas me contavam os contos e causos da comunidade e, assim, a gente trocava boas histórias, com boas risadas, interpretando personagens, com alegria e muitas cantigas de rodas no final de cada leitura.

No início dos anos 2000, era assim que jovens de vinte e tantos anos faziam para partilhar e aprender. Nosso campus universitário

em Breves-PA era pequeno e o que nos oferecia naquele período era o ensino, então a gente fazia nossa reinvenção pedagógica de pesquisa e extensão, uma maneira simples de vivenciar a realidade com patrocínio modesto da ONG espanhola “*en favor de...*”.

Nossos recursos eram tão escassos que no barco em que viajávamos não dava para ficar em pé, viajávamos sentados, com bagagem, água, marmita e material didático ao lado. Uma vez encontramos um navio pelo caminho, o banheiro² foi tão forte que a cumeeira³ do nosso barco caiu sobre nós, foi um “Deus no acuda”.

Uma vez graduada, conheci a Pedagogia da Alternância⁴, a priori no Projovem Saberes da Terra, um programa educacional destinado a jovens agricultores familiares em Portel nas comunidades Acangatá, no distrito de Camarapi, e no Ezídio Maciel, no Acutipereira, e, posteriormente, na Casa Familiar Rural de Gurupá, no rio Uruaí, e na Casa Familiar Rural de Breves, na Reserva Extrativista Mapuá, e, como coordenadora, vivenciei com os jovens estudantes, professores, pais e comunitários os diferentes tempos educativos e suas relações com a natureza.

Em Portel, o que marcou minha vivência pedagógica foram as visitas durante o Tempo Comunidade⁵: conhecemos a casa de cada educando, seus pais, seus avós, suas comunidades, as experimentações práticas que eles faziam em seus quintais, fruto do que aprenderam no Saberes, em uma outra formação que os estudantes fizeram na comunidade ou mesmo com os seus pais, conhecimento passado de geração em geração e que já fazia parte

² Diz do rio forte, com ondas, maresias provocadas pela força da natureza ou por embarcações maiores.

³ Parte mais elevada de um ‘telhado’ de um barco.

⁴ É uma metodologia de ensino que busca interação entre o conhecimento empírico e científico, ou seja, a relação entre a realidade que o educando vivencia em seu cotidiano e os conhecimentos adquiridos na escola e/ou academia, de forma a promover constante troca de conhecimentos entre seu ambiente de vida e trabalho escolar.

⁵ O Tempo **Comunidade** é referido às comunidades de origem dos educandos, às escolas do meio rural e as escolas localizadas nas regiões que abarquem os municípios de origem dos/as discentes.

da cultura produtiva da família. De porto em porto, nos “amarrávamos” em uma comunidade e nos “lançávamos” a outras, em diferentes “nós”, na existência pedagógica e humana.

A propósito, lembro que, certa vez, em um “Seminário Marajoara de Educação do Campo”, na cidade de São Sebastião da Boa Vista, ameaçaram cortar o microfone dos expositores de relatos de experiência se nós, estudantes, representantes dos Saberes da Terra e das Casas Familiares Rurais (CFR), não fôssemos breves em nossas apresentações, e foi na reivindicação pelo direito de fala que conheci o senhor Manuel do Carmo de Gurupá. Alguns meses depois desse episódio, eu já estava compondo a equipe da CFR, a convite desse senhor. O Senhor Manuel e a Senhora Benildes Gringues foram os precursores da Pedagogia da Alternância em Gurupá e com eles dois aprendi a ter muitos gestos professorais, como, por exemplo, o de pensar estratégias metodológicas com os instrumentos da alternância⁶.

Na especificidade do instrumento “Projeto Profissional do Jovem”, acompanhei debates sobre o tema: de um lado os que defendiam um projeto para integralizar o curso técnico em Agroecologia que pudesse pautar uma atividade agrícola desenvolvida nas comunidades dos jovens educandos como Manejo de açaí, psicultura, olericultura, entre outros; e, do outro lado, os que defendiam ampliar o tema para “Projeto Profissional de Vida do Jovem”, sendo que nessa perspectiva o educando teria que discorrer sobre a propriedade rural como um todo e sobre como realizar um projeto que pudesse olhar esta de forma holística

⁶ A pedagogia da alternância possui instrumentos pedagógicos específicos. Entre eles, destacam-se: Pesquisa participativa, Plano de estudo, plano de formação, Unidades de Estudo e Produção (UEPS), Caderno da Realidade, Projeto Profissional do Jovem etc. Cada realidade reinventa os instrumentos descritos por Jean-Claude Gimonet e presentes no livro *Praticar e Compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs*. (Petrópolis, RJ: Vozes, Paris: Associação Internacional dos Movimentos Familiares e de Formação Rural (AIMFR), 2007).

e sistêmica⁷. Na defesa desta última posição, apresentaram representações gráficas e verbalizações profundas sobre as vivências pessoais, educativas, profissionais, econômicas e ambientais dos/as educandos/as. Não chegaram a um consenso sobre um único modelo de projeto, então ficou acertado o trabalho com várias possibilidades.

No Uruaí, ainda me chamou atenção a alegria da chegada ao início do Tempo escola dos Quilombolas, sempre com música, dança e batuque, almoços coletivos no refeitório e com a colorida contribuição das famílias, com frutas, farinha, bejus⁸ e outros alimentos.

Navegando devagar, chego a Casa Familiar Rural (CFR) de Breves, com quase nove horas de trajeto entre Breves e a “Reserva Extrativista (RESEX) Mapuá”. Muitas lições foram aprendidas na CFR, às margens das águas escuras do rio Mapuá, como as tarefas que cada grupo tinha que aprender a fazer, os meninos e as meninas aprendendo a se levantar e a lavar o prato após as refeições, fazendo limpezas nas áreas coletivas e nas hortas ou ainda cuidando dos suínos e da piscicultura, tudo isso relacionado com as atividades de sala de aula e pesquisas na comunidade.

Entrelaçado a esse movimento, aprendi com o seu Antônio “Galo” do Mapuá a observar a natureza e seus diferentes tempos educativos. “Há tempo para tudo” dizia ele, para plantar, colher, para crescer, para uma diversidade de vivências entre águas, florestas e pessoas do lugar. Na minha dissertação de mestrado, registrei a seguinte fala:

Aqui na floresta nós somos guiados pela lua, pela maré (...) o homem trabalha no caminho da lua e a mulher é guiada pela lua (...) a lua cheia é o

⁷ A visão sistêmica e holística considera os agroecossistemas como uma unidade que é manejada seguindo os princípios ecológicos que foram estudados aos exemplos dos povos tradicionais.

⁸ “Beju” é de origem indígena, feita com a tapioca, que, ao ser espalhada em uma frigideira aquecida, vira um tipo de panqueca. Em algumas localidades do Marajó e do Pará, também é chamado de “tapiquinha”.

tempo da água grande. No quarto minguante a água tá bem baixa, de 06 em 06 horas ela tá baixa, de 06 em 06 horas ela tá alta, de 24 em 24 horas ela tá preamar, de 12 em 12 horas ela tá maré seca. Nós temos o período das águas grandes que é mais no inverno, o tempo da reprodução, da disova do peixe, as águas crescem e os peixes vão pro centro onde ninguém tem condições de atacar eles (...). Tem gente que pensa que natureza é só açaizal, madeira, natureza é água, é conforto, peixe é natureza... (Antônio Gonçalves, o Galo do Mapuá - pai de aluna da CFR, comunidade Bom Jesus do Rio Mapuá, 2014) (Couto, 2015, p. 91-92).

“O homem e o rio são os dois mais antigos agentes da geografia humana da Amazônia” (Tocantins, 1972, p. 306). O rio motivando a vida do homem e da mulher, o rio impregnando as populações tradicionais de seus rumos, de seus destinos, entre cheias e secas, entre furos e igarapés, criando tipos específicos de vida regional.

O tempo de trabalhar, de plantar, de colher, dos festejos religiosos são as marcas dessa relação homem-natureza. O dia a dia entre florestas e rios é regido pela **temporalidade** das águas, um modo de ver e de viver das populações tradicionais.

Diante dessas e tantas outras vivências, conheci pessoas com quem aprendi e compartilhei. Conheci também a calmaria do Rio Amazonas e seu furor na tempestade em Gurupá, vendo barcos com seus porões lotados de peixes e redes de pesca que, levantadas ao ar, formam uma fotografia perfeita em contraste com a água e o céu. Por um longo tempo, me assombrou também o grande peixe-boi morto por pescadores, ele estava em um trapiche em uma comunidade em Portel, como ele era bonito e o meu pesar aumentava à medida que eu o fitava.

Esse mesmo município me trazia imagens belíssimas em seus diferentes distritos: belezas das baías de Anapú, das farinhadas do Camarapi, da terra alta do Pacajá e da semelhança saudosa com a Várzea de Breves que o rio Acutipereira me remetia. E, por falar em saudade, lembro das Olimpíadas da Floresta⁹ com crianças-

⁹ É um programa de educação que a Estação Científica Ferreira Penna, do museu Goeldi, realiza, mobilizando professores e estudantes de escolas de Melgaço e

estudantes-atletas de várias escolas da Flona de Caxianã¹⁰, em uma maratona de arte, ciência e educação, ensinando-me sobre a **pedagogia na floresta** e alterando a rotina da Estação Científica Ferreira Pena, que é base de pesquisas científicas do Museu Paraense Emílio Goeldi, na Floresta Nacional de Caxiuanã, localizada em Melgaço-PA.

Além do convívio diário com as crianças e as modalidades como casquinagem, subida em árvores etc., tinham histórias contadas e cantadas, oficinas de tetro e dança, trilhas, pinturas fotográficas em que as imagens naturais conseguiam me atravessar. Lembro ainda da subida na torre da Estação Científica Ferreira Pena, com uma mistura de medo, desafio e vislumbre. Foi a primeira vez que vi a floresta de cima, energizante sensação com cheiro de ar puro; só senti isso novamente em Belterra, no Oeste do Pará, ao ver a floresta e o rio Tapajós. Nessa cidade alta, meus olhos queriam confundir o rio com a nuvem. Lembranças que se fundem com a floresta e o Rio Anapú em Caxiuanã. Nesse registro, a natureza em mim é atemporal e sem limite geográfico, é a natureza que poetiza minhas palavras e sensações e humaniza a historicidade dessas vivências que transcendem ao eu.

É como cantar “farinhada” feliz de viver nas comunidades em Portel e sentir a mesma energia melódica coletiva com “arroz deu caixó, feijão florió, milho na “paia” coração cheio de amor...”¹¹, em

Portel que estão na abrangência da Flona de Caxiuanã, através de gincanas e oficinas com assuntos científicos, culturais, ambientais e artísticos tratados de forma lúdica e pedagógica. A referida estação é uma base de pesquisa do museu e do Ministério de Ciência, Tecnologia, Inovações e comunicações implementada em 1993, em Caxiuanã, Município de Melgaço.

¹⁰ Floresta Nacional de Caxiuanã é uma unidade de conservação federal do Brasil criada em 28 de Novembro de 1961, por meio do decreto nº 239. É a Flona mais antiga da Amazônia Legal e a 2ª mais antiga do Brasil. É administrada pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBIO) e está localizada nos municípios de Portel e Melgaço, na mesorregião do Marajó, no Estado do Pará.

¹¹ Floriô. Canção de Chico César.

Santarém com a turma da Pós-graduação em Alternância¹² ou ainda “ Não vou sair do campo para poder ir para escola, educação do campo é direito e não esmola”¹³, nos saberes da terra em Portel e nas turmas do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PAFOR) ou nas turmas de Licenciatura em educação do campo, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Breves.

Nesses momentos, a professora não era eu, ensinavam-me a celebrar a vida, e o ato de aprender dava-se, por meio das canções que fortalece o espírito e os laços de amizade pessoais, professorais, comunitários e os que o movimento social inventou e reinventou nas marchas e rodas, uma cultura pedagógica que não se vê em todos os cursos; é preciso uma causa pela qual lutar em defesa de um território, de uma identidade e de uma verdade que se manifesta em arte, voz, corpo e cores. Essas vivências me permitem dialogar com hooks¹⁴ (2020), que afirma que a espiritualidade é a maneira como nos relacionamos com o eu e com o outro e acrescenta:

Esses momentos não são comuns. São diferentes daqueles dias em que temos uma aula “boa”. É quando o aprendizado coletivo acontece que surge a sensação do espírito comunal. E o motivo que leva uma aula assim acontecer em um dia e não no outro (independente de quão preparados professores e estudantes parecem estar) é simplesmente puro mistério (hooks, 2020, p. 227).

Essa comunidade pedagógica do espírito me fez recordar de um dia de março de 2020, em uma turma de Licenciatura em Educação do campo, no IFPA – Breves, em que a gente não estudou o conteúdo previsto, pois a turma estava meio estremecida e resolvemos conversar sobre as aflições, problematizações e conciliações. Não imaginava que depois desse encontro as aulas seriam suspensas por

¹² Especialização em Pedagogia da Alternância e Desenvolvimento Rural realizado pela Universidade do Oeste do Pará – UFOPA –, em regime de colaboração com a Associação das Casas Familiares Rurais do Pará – ARCAFAR.

¹³ Não vou sair do campo. Canção de Gilvan Santos.

¹⁴ A autora norte americana assumiu o nome da avó bell hooks em minúsculo, como forma de enfatizar a substância de seus livros e não quem ela era.

um longo período, por conta da pandemia, e, quando eu estava em isolamento, relembrei esse episódio em versos:

Lembra daquele dia?¹⁵

Que bom que teve abraços
Que bom que teve dança
Que bom que teve aperto de mãos
Era um dia de aula, poderíamos ter ido direto ao conteúdo, resolvemos nos abraçar
Era um dia comum, transformou-se em sorrisos porque resolvemos dançar
Era um dia de leitura e o fizemos e as mãos apertaram-se a compartilhar
Não economizamos afeto. Levantamos!!!
Nem disposição para ser feliz. Cantamos!!!
Como num laço, a procura do abraço. Dançamos!!!
Como imaginar que não poderíamos fazer isso agora
Que não poderíamos nos encontrar lá fora
Que estaríamos num estranho compartilhar solitário
Em um único pedido de ficar em casa isolado
Espero poder encontrá-los em breve
Na princesa das ilhas, dos Breves
Que sejamos girassóis amarelos
A procura da luz, tecendo elos
Então dançaremos, de mãos dadas a encantar
Ou no abraço em melodia a aconchegar
(Couto, 2020, p. 1).

Se não tivéssemos criado uma comunidade de ensino que celebrasse o amor e a alegria, momentos assim não aconteceriam, e o isolamento seria mais duro, pois as lembranças que me fizeram poetar não existiriam, assim como a saudade coletiva daquele dia que trouxe esperanças para muitos.

Como docente do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Pará- Campus Breves, vi e ouvi também jovens oriundos de diferentes comunidades rurais na diversidade dos municípios do Marajó ingressando como discentes dos cursos técnicos e graduações, tendo a certeza de que minhas vivências e experiências

¹⁵ Poesia disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/poesias/deamizade/6939454>>. Acesso em: 06/05/2020.

somaram-se aos desejos e inquietações desses discentes. Fazíamos longas rodas de conversas, nas quais a afetividade, a natureza e a cultura, a educação e as lutas coletivas estavam no centro do debate.

E, por falar em IFPA, os projetos integradores¹⁶ trouxeram algumas aprendizagens, como a visita à “Comunidade Oléria”, no Município de Breves, onde docentes e jovens estudantes do curso técnico em Agropecuária experienciaram andar de casco, fazer farinha, andar na mata e tirar açaí e muitas outras vivências cotidianas, inclusive comer camarão com açaí no chão da cozinha em roda, como faziam nossos avós. De projeto integrador que compunha as atividades, durante o tempo em que tivemos na Licenciatura em Educação do Campo, os memoriais fotográficos, exposições foram frutos das pesquisas em comunidades rurais nos municípios de Breves, Portel, Muaná e Curralinho.

É importante frisar ainda que a Licenciatura em Educação do Campo foi fruto de um diálogo entre os docentes do curso, gestores do IFPA, as comunidades rurais marajoaras, os movimentos sociais e as instituições de ensino. Aprendi que é possível construir um documento institucional, mas não institucionalizado e engessado, com as imperfeições de uma “primeira viagem” e também com o desejo coletivo e sincero de ofertar um curso com os pés fincados na cultura e no território, na docência rural marajoara sem esquecer do mundo que nos cerca.

¹⁶ “Art 1º o projeto integrador é uma atividade específica de orientação coletiva, para desenvolvimento de práticas integradoras que possibilitem a integração entre as disciplinas de formação geral e formação técnica e as atividades de ensino, pesquisa e extensão [...]”; Art. 3º “O PI consiste num exercício de conciliamento da teoria com a prática para a realização de pesquisa aplicada, de maneira que permita aos estudantes a investigação de temáticas relacionadas aos eixos de formação de curso e a criação de técnicas e tecnologias para o desenvolvimento da comunidade [...]” . BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. *Instrução Normativa PROEN/IFPA Nº 004*, de 20 de novembro de 2018. Estabelece normas para organização do projeto integrador na integralização curricular das atividades acadêmicas específicas dos cursos técnicos de nível médio e de graduação do IFPA.

É importante acrescentar ainda dois projetos de extensão que coordenei que me aproximaram ainda mais das temáticas rurais “Marinatambal: Raízes quilombolas e indígenas”¹⁷, PROEXTENSÃO IFPA edital nº 03/2019 PROEX, em que a perspectiva foi visibilizar rastros da memória de grupos remanescentes de tradições orais, impressas em fontes escritas, orais e visuais, que construíram identidades, culturas e saberes afroindígenas na Amazônia Marajoara, especificamente na Vila Amélia, na Reserva Extrativista Mapuá, município de Breves e comunidade quilombola de São Tomé de Tauçú, em Portel; e o projeto “*Re@ja: Por mulheres em favor da comunidade*”¹⁸, PROEXTENSÃO IFPA edital Nº 04/2020 PROEX. Este último objetivava discutir a produção de conhecimento sobre gênero, ruralidade e gestão, além de evidenciar a experiência exitosa da organização de mulheres na comunidade Santo Ezequiel Moreno (SEM), município de Portel/PA, e dar publicidade à produção realizada por esta comunidade, propondo possibilidades de mercado virtual e abordando discussões sobre as relações de gênero em espaços rurais, demarcando a necessidade de uma maior presença feminina na constituição de abordagens teóricas, metodológicas e de expansão de redes no mundo do trabalho.

A presença das mulheres rurais na produção agrícola familiar é um fato na comunidade. Não se pode negar que elas estão ocupando terras, plantando, colhendo e cultivando o desejo de ter uma terra livre e de usufruí-la com seu trabalho. Presentes na casa, no quintal, na roça, no artesanato, na agroindústria e na luta pela terra.

A emergência das mulheres rurais no movimento social local proporcionou o aparecimento destas como sujeitas políticas, trabalhadoras, suscitando o debate de gênero. Por essas e outras razões, me desafiei a escrever o projeto de pesquisa, submetido e

¹⁷ Ver publicação existente na Revista Interfaces em educação <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/4957>.

¹⁸ Um dos produtos do projeto é um livro em quadrinhos, com linguagem acessível, educativa e divertida. Link do livro: <<https://bit.ly/EbookReaja>>. Acesso em 08/09/2021.

aprovado no Comitê de Ética, por meio da Plataforma Brasil, com o título “Movimento de Mulheres Marajoaras: a luta pelo bem-viver na comunidade Santo Ezequiel Moreno, Portel-PA”, entretanto, uma vez estando em campo realizando a pesquisa, percebi que o título precisava dizer mais sobre essas mulheres, o seu lugar de origem e os saberes que são tecidos na relação com natureza, então cheguei ao título: **“TEMPOREZA: saberes de mulheres da Comunidade Santo Ezequiel Moreno, Portel/PA”**.

Eu gosto de ver e sentir os lugares por onde pesquiso e, nessa busca por sensações e percepções, invento as palavras que elas me causam e foi assim com “Temporeza”, um misto de tempo e natureza, existe o tempo corrido nas cidades, guiado pelo relógio, entretanto o tempo regido pela natureza nas comunidades rurais tem outro percurso. Lento, impreciso, com curvas dos rios e livre como os pássaros, um tempo vivido por mulheres, um tempo ecológico em que as mulheres apreendem e se entrelaçam em saberes.

Na disciplina “Seminário de qualificação de tese”, no doutorado em educação da Universidade do Estado do Pará, apresentei o texto de qualificação e “Temporeza”, entre outras palavras criadas por mim, surgiram na minha apresentação. Uma colega da turma disse que criar termos ainda não existentes em língua portuguesa é “verivérbiar”, como utilizado por Guimarães Rosa, escritor brasileiro que se destaca pelas inovações de linguagem. Não ousou comparar meus “ensaios linguísticos” com as “veredas” de linguagem de Guimarães Rosa, contudo confesso que esse processo de criação me causa um profundo vislumbre da natureza que se mistura com a essência das mulheres rurais e que interfere na minha existência.

Nesse percurso, me encontro com os saberes ecológicos das mulheres da comunidade Santo Ezequiel Moreno (SEM), que realizam inovações na gestão, na militância, na economia solidária, no manejo sustentável, na criação gastronômica, ao inventar e reinventar receitas, tendo como principal matéria prima o que a natureza lhes oferece.

Entrelaço esses saberes ecológicos com as ações comunitárias dessas mulheres e à luta em favor da natureza, captando, com respeito, a simplicidade das palavras, das ações individuais e coletivas, os problemas sociais, as relações interpessoais, a ancestralidade, as responsabilidades domésticas e comunitárias, as subordinações, as lideranças exercidas, as contrariedades, as corporeidades, o silêncio e os “gritos”.

Nesse diálogo de saberes, a concepção Freireana também é elucidada, visto que não há saber mais ou saber menos, há saberes diferentes; um convite a respeitar e aprender com os saberes da experiência e dos saberes socialmente construídos (Freire, 1987). Assim como “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 46). E, nesse processo de consciência da inconclusão, “ninguém sabe tudo e ninguém ignora tudo, onde há vida, há inacabamento” (Freire, 1987, p. 49) dado que ninguém é, todos estão sendo, e estar disponível à mudança é fundamental, faz parte do processo histórico e cultural na relação com as pessoas, com a natureza; um ato solidário, ético e estético.

Em Pedagogia da Autonomia (1996), Freire evidencia ainda o reconhecimento da identidade cultural, da amorosidade, da espiritualidade, da humildade, da tolerância, da luta para a defesa de direitos e da apreensão da realidade com alegria e esperança, saberes que são fortemente encontrados no movimento de mulheres da comunidade SEM, em que a mudança com curiosidade, generosidade e comprometimento social é uma possibilidade. Os **saberes ecológicos** que as mulheres praticam são um processo educativo e emancipatório, sendo uma forma de intervir em suas realidades, com liberdade, autonomia e alteridade.

É uma tarefa complexa e ao mesmo tempo sutil realizar essa pesquisa na comunidade, visto que há belezas, contradições e conflitos, experiências e vivências que têm atravessado a minha história como mulher, negra, mãe, filha, estudante, pesquisadora, filha, neta de avô campesino, marajoara.

Quantos mururés¹⁹ passei, quantas aguapés²⁰ fui eu, quantas águas naveguei, em quantos livros me inspirei, quantas histórias ouvi de minha mãe, de meu vô e de tantos passageiros que eram desconhecidos até atarem suas redes ao lado e contar e recontar suas vivências. Foram navios para Belém, barcos para as pequenas cidades no Marajó e seus interiores.

Vivências que se fazem no mesmo tempo da maternidade. Meu filho estava comigo embarcado na primeira infância em várias das viagens até o rio Mapuá e, quando ele começou a ficar para estudar, meu coração ficava apertado a cada partida, fitava a cidade de Breves até a curva do rio deixá-la para trás e meus olhos não conseguirem mais ver. No início, não tinha comunicação; recentemente as mensagens instantâneas dos aplicativos ficaram mais populares no meio rural, todavia não com a qualidade desejada; eu pedia e ainda peço para as minhas irmãs e para a minha mãe que, ao me darem notícias de meu menino, escrevam as mensagens e não mandem áudios, pois, no interior, é muito lento para baixar e, às vezes, eu nem consigo.

Angustiada ficava quando ele adoecia e eu estava tão longe, aflita também diante das dificuldades que ele apresentava durante sua vida. Meu pequeno João Pedro nasceu prematuro e ficou quatro meses internado na Santa Casa de Misericórdia do Pará, em decorrência de uma eclâmpsia que tive. Entre Unidade de Terapia Intensiva (UTI), semi-intensivo e mãe canguru²¹, sofria muito por não ter certeza se ele viveria. E, depois da batalha hospitalar vencida, quando ele tinha idade escolar grandes conflitos passou: na educação infantil, pela hiperatividade apresentada quando as professoras se aborreciam com ele e, a partir do ensino

¹⁹ Mururé é uma planta aquática de origem amazônica, encontrada em igarapés e rios, é utilizada como planta medicinal e sua presença é recorrente na literatura paraense.

²⁰ Aguapé também conhecida como mururé.

²¹ O método mãe canguru é uma técnica de atenção do recém-nascido em situação de baixo peso ao nascer e/ou prematuridade que fundamenta-se no contato pele a pele entre a mãe e o bebê e nos cuidados na alimentação, estimulação e proteção.

fundamental, pelas dificuldades de aprendizagem, ele ficava grande parte do horário escolar somente riscando o caderno no fundo da sala. Já teve vários diagnósticos, vários laudos, o mais recente é de autismo, ora tem apoio pedagógico, ora a secretaria de educação tira. Acabo brigando pela permanência do apoio com ajuda de ONGs inclusivas do meu município e o apoio pedagógico volta, e essa é a roda viva pelo direito à educação do meu filho.

Aprendi, na batalha diária, que o tempo de ser mulher é uno, unidade de ser na diversidade de mulher, mãe, pesquisadora, filha, amiga, aprendiz, militante, negra, dona de casa que limpa, lava e faz a refeição que alimenta. Vejo as cores das verduras se misturarem, o cheiro cheiroso do refogado e a satisfação do menino em ser feliz, em saborear a comida no prato, açaí na tigela e o desafio de repetir todos os dias que ele também pode cozinhar, desfazer a mesa, lavar a louça, ser uma pessoa melhor a cada dia. Insisto em dizer que ele é sim inteligente e que pode ser o que quiser ser e que nunca, nunca, deixe que lhe digam o contrário. Repeti isso diversas vezes a ele e, à medida que seus olhos ficavam marejados com mais força, entoava minhas palavras.

No livro “Para educar crianças feministas”, Chimamanda Ngozi Adichie (2017) relata que uma amiga de sua infância perguntou a ela o que deveria fazer para criar uma filha feminista e, em resposta, resolveu escrever uma carta que se tornou o livro ao qual me refiro, assim ela apresenta algumas sugestões. Entre elas, a autora orienta que a mulher deve ser uma pessoa completa: “a maternidade é uma dádiva maravilhosa, mas não seja definida pela maternidade” (Adichie, 2017, p. 14) e ainda complementa que não devemos nos desculpar por trabalhar, por fazer outras coisas além da maternidade. Chama atenção para o fato de que pai e mãe têm responsabilidade iguais e que pai não “ajuda”, deve-se dividir igualmente; ensina ainda que papéis de gênero são absurdos “não se deve fazer ou deixar de fazer algo ou alguma coisa porque você é menina [...] e saber cozinhar não é algo que vem pré-instalado na vagina” (Adichie, 2017, p. 21-22).

Solicita que se rejeite totalmente o que chama de feminismo leve em que os homens são naturalmente superiores, mas “devem tratar bem as mulheres [...] Não e não. A base para o bem-estar de uma mulher não pode se resumir à condescendência masculina” (Adichie, 2017, p. 29). Evidencia ainda que devemos ensinar às crianças a questionar a própria linguagem que, às vezes, está carregada de preconceitos; ensina a não se preocupar em agradar e sim que ela deve ser ela mesma e que nunca se deve falar de casamento como uma realização.

Destaca que é fundamental ensinar um senso de identidade e, ao crescer, deve-se orgulhar do que é e da sua cultura, respeitar a si mesma e aos mais velhos independentemente da atividade que exerça. Reafirma que “Feminismo e feminilidade não são mutualmente excludentes” (Adichie, 2017, p. 55), praticar esportes, fazer caminhadas, não descuidar da aparência não são fatores que excluem a criticidade e a criatividade, pelo contrário o que se deve ensinar é questionar o uso seletivo da biologia como razão para as normas sociais em nossa cultura e que a diferença entre os gêneros nunca foi o problema, essa deve até mesmo ser celebrada, o problema está na desigualdade de direito.

Sugere conversar sobre sexo, sexualidade, romances, opressão, diferença etc., e que é urgente termos conversas honestas sobre como criar nossos filhos, na tentativa de preparar um mundo mais justo e honesto para homens e mulheres.

Eu, assim como a amiga da Chimamanda, prometo tentar realizar essas sugestões, mesmo sabendo que os desafios não são poucos na estrutura patriarcal em que vivemos. Por ora, desejo que meu filho durma sossegado, enquanto faço minhas tarefas acadêmicas, que ele sonhe, batalhe e aprenda questões, como respeito, humildade, bondade e identidade na escola e na vida quando estou do seu lado e enquanto navego. E que ele tenha saúde, felicidade, espiritualidade, humor, amor, arte e muita poesia em sua longa vida.

Poesia que subscrevo em mim, poética que tem inspiração no filho, na vida cotidiana, nos amores e nas dores, na fé e na

existência, na docência e nos rios, na memória e na ancestralidade, na minha mãe, que é minha intercessora, amiga, que cuida com amor e zelo e no Deus que há em mim.

Na banca de qualificação dessa tese, me indagaram: “Quem é Deus que habita em ti?” A pergunta inicialmente foi desconcertante, depois pensei em mim e em João Pedro, meu filho, e nas vidas que a nós foi devolvida depois de quase mortes, a eclâmpsia foi o pior pesadelo que já vivenciei, toda a minha família em oração rogou a Deus pelo milagre que os médicos não acreditavam, as primeiras vezes que o visitei na UTI eu só chorava, até um dia que uma das médicas que estava de plantão disse: “você sabe que tudo que você faz ele sente”? Daquele dia em diante, eu parei de chorar e passei a cantar. Lembro da primeira vez que eu abri a portinha da incubadora e coloquei o meu dedo indicador na mão pequena do meu bebê nascido com um quilo e cem gramas e declarei em melodia “o meu Deus é o Deus do Impossível²², Jeová Jireh, o grande El Shadai...”.

Quem é Deus? O que fez o impossível por mim e pelo João Pedro, ele é o suficiente, absolutamente completo, ele se basta, descobrir a sua grandiosidade não me assustou naquele dia nem me assusta até hoje, aumenta o meu amor por ele, Deus é como o sol, a lua, mesmo que alguns percam a visão ou não queiram vê-lo, ele não para de brilhar, ele não depende da criação, ele é o criador de tudo “por ele e para ele foi criado todas as coisas” (Colossenses 1:16). Os céus, as árvores, as florestas, os rios, todos os firmamentos anunciam o Deus criador. E mesmo sendo grande, ele resolveu me chamar de filha.

Deus não sofre influências, porque tudo que Deus é ele sempre foi, ele não depende de mim nem de você, mas tem prazer em nós, sou convencida disso desde que na minha meninice sonhei com ele e sua luz; no sonho, eu cantava uma canção e, nesse instante, sentia a presença dele em resplendor; ele é o todo poderoso, não precisava

²² “Deus do Impossível”, composição de Alda Célia, intérprete Aline Barros.

que eu cantasse para ser adorado, mas ele sentiu satisfação com o meu louvor.

A minha insuficiência só pode ser suprida completamente em Deus, ele fica bem sem mim, eu que não fico bem sem ele: “o senhor é o meu pastor e nada me faltará” (Salmo 23.1). Deus supre a minha necessidade espiritual, porque ele é bom, amoroso e misericordioso. O que eu seria sem Deus? Ele sem mim continua sendo Deus, mas eu sem Deus o que seria?

Já tive dias não tão bons, de desânimo, de depressão, de medo, mas olhando para ele, de onde me vem o socorro, as tempestades se acalmam, com fé é possível suportar as intempéries, não atentando para o que se vê, mas sim ao que não se vê e se acredita (2 coríntios 4:18). Ele é o próprio amor, por isso tenho depositado nele a fé e a esperança.

Todos os dias, ele declara o seu amor não desistindo de mim. Agradeço a Deus pelo milagre da vida que é o João Pedro e de poder declarar hoje que eu também sou um milagre, esse é o meu Deus.

Todas as letras, rimas e poética da minha existência resultam desse amor, desde o princípio é por ele e com ele que percorro os caminhos da vida e da escrita.

Escrevo desde “o meu querido diário”, quando o meu adolescer e o de Anne Frank²³ se entrecruzaram nas páginas de um livro, desde os primeiros poetas que amei na biblioteca de minha pequena cidade. Escrevia e escrevo para lembrar, para me amar e para repetir para mim mesma quem eu sou, não importando se tudo que eu tinha era um caderno, um lápis e um cajueiro que ficava na frente da minha antiga casa e que era o meu refúgio. Eu precisava experimentar uma existência menina negra que eu pudesse inventar, existência que não tinha preconceito pela cor da pele ou pela fé que professasse, existência que não me fizesse

²³ O *Diário de Anne Frank* é um livro escrito por Anne Frank entre 12 de junho de 1942 e 1 de agosto de 1944, durante a segunda guerra mundial. É conhecido por narrar na linguagem de uma menina acontecimentos cotidianos de uma adolescente e momentos vivenciados pelo grupo de judeus confinados em um esconderijo durante a ocupação nazista.

menos mulher por não ter a roupa da moda, que me permitisse na idade adulta trabalhar não somente para a subsistência, mas para ter lazer, saúde e realização profissional. Poemas de amor, de saudade, de irmandade e maternidade, de educação e temporalidades, de versões de mim em tantas pessoas que eu lia em diálogo ou em silêncio. Escritas de carta que nunca enviei, mas que me ajudaram a passar pela pandemia com esperança, letras que formam palavras e frases em versos curando-me da solidão e descobrindo-me em solitude.

E foi assim que fui poetando as minhas vivências até o encontro com as mulheres da comunidade SEM com quem aprendo, pesquiso, milito, compartilho as minhas angústias e alegrias em diálogo, assim reconheço mulheres outras, nelas e em mim, na diversidade ecofeminista de corpos-territórios.

Além das relações pessoais que me instigam nessa pesquisa, a temática gênero e ruralidade demarca um posicionamento ético-político, considerando a heterogeneidade e a diversidade, bem como a singularidade presente no contexto local da comunidade Santo Ezequiel Moreno, no Município de Portel, na Amazônia marajoara. Eu parto do (re)conhecimento dos contextos rurais em suas especificidades, de modo a compreender como ali se produzem as condições e os modos de vida das mulheres nessa localidade. A compreensão de espaço rural é tomada como uma construção social, intimamente ligada ao lugar. Essa ideia desloca-se da imagem bucólica, de um rural como um paraíso idealizado, também não se associa à imagem o sinônimo de atraso.

Estabelece-se um rompimento com o rural como homogêneo, ao passo que refuta a ideia de sua definição como negação do “urbano”, assim como nega a construção eurocêntrica que tem origem na racionalidade moderna de concepções urbanocêntricas do espaço e de educação em que ciência oficial é entendida como único conhecimento válido e verdadeiro; o mundo é representado de forma fragmentada, exemplificado na separação entre: sujeito-objeto, corpo-alma, natureza-sociedade, cultura-natureza, gerando hierarquizações entre os modos de vida, como o urbano e o rural,

por exemplo. Esse paradigma contribui para tentativa de homogeneizar as culturas (Haje, 2005), a partir de um padrão externo, que vem das metrópoles, impondo um padrão de consumo muito influenciado por padrões ideais – americanos e europeus –, estabelecendo um modo único de viver, de gostar das coisas, de vestir, de falar, de ser humano.

A ruralidade, portanto, é compreendida como associada a um modo de ser e de viver mediado por uma maneira singular de inserção nos processos sociais e históricos. E ainda, aliada a um processo dinâmico da cultura local, seus saberes, viveres, sabores e dinâmicas regidas pela temporeza.

Nos contextos rurais, existem discussões produzidas e produtoras de modos de existência. Mais do que o local onde a vida acontece, os contextos rurais constituem-se como impulsionadores de modos de vida. Diante de tal diversidade de discussões possíveis, neste estudo, me interessa evidenciar as questões de gênero em contexto rural. Gênero, por sua vez, aqui é compreendido por meio do que é produzido nas relações sociais, nas experimentações do viver, em meio à intersecção com as relações familiares, as condições econômicas, financeiras e de trabalho, com o corpo, saúde e sexualidade, étnico-raciais e de classe, atravessadas por relações de poder. As discussões de gênero demarcam, assim, um caráter interseccional, ao reconhecerem a pluralidade das manifestações singulares e coletivas dos saberes locais, uma vez que “a interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade bem como as experiências individuais na vida cotidiana” (Collins 2010, p. 15).

Esses pressupostos nomeia uma corrente de feminismo subalterno, contra-hegemônico, que inclui também o feminismo pós-colonial, negro, comunitário, campesino, indígena, entre outras representações que denunciam o racismo de gênero e a forma como a geopolítica do conhecimento silencia, de modo a contemplar as diferentes realidades que envolvem a vida das mulheres na comunidade, como parte integrante do processo de

luta pela terra e pela defesa da floresta, pela valorização do trabalho das mulheres, conquista de espaços de liderança, acrescentadas às pautas de acesso às políticas públicas. Nessa trajetória, há uma combinação entre serem sujeitas de direito e liberdade e demandantes de políticas públicas.

Novos elementos são pautados neste debate, como a questão ambiental. Ecologia e liberdade coexistem desdobrando-se em questões, como a sustentabilidade do uso dos recursos naturais e a defesa da preservação das florestas (Mendes, 2016).

A biodiversidade, a soberania dos povos, a segurança alimentar e o bem-viver são questões que vêm sendo permanentemente debatidas, inclusive como forma de denunciar as violências vivenciadas no campo, especialmente as situações enfrentadas pelas mulheres. No que se refere ao bem-viver, especificamente implica-se estudar a reconstituição da identidade cultural, a recuperação de conhecimentos e saberes antigos e a vida comunitária que se sobrepõem ao individualismo, uma questão aberta no debate e na prática social cotidiana das populações (Quijano, 2010, p. 9).

Neste pressuposto, a pesquisa refere-se aos saberes de mulheres da comunidade SEM que são históricos, dialógicos – construídos na interação social, cultural e ecológica – aprendidos pelo ensinar, pelo olhar, pelo sentir e tocar, saberes que estão no enfrentamento aos conhecimentos eurocêntricos.

No processo de compreensão de saberes, a leitura de mundo, deve ser compartilhada pelo diálogo, que é um instrumento que “sela o ato de aprender” (Freire; Shor, 1986, p. 14). Conhecer é estabelecer relações, formar vínculos. Fora do mundo da comunicabilidade “[...] é impossível dar-se o conhecimento humano” (Freire, 2007, p. 65). É na e pela palavra que os sujeitos participantes do diálogo pensam e repensam o próprio pensamento, ao mesmo tempo em que também o fazem acerca do pensamento dos outros. Nesse debate, surgem processos multiculturais, apresentando questões de classe, gênero, etnia, diferença, solidariedade, alteridade, tolerância, entre outros necessários à luta

política contra todas as formas de opressão, seja por fatores de classe, etnia, gênero, entre outros (Oliveira, 2015 p. 104).

Nas reflexões freireanas, evidencio a construção epistemológica, que trato como epistemologia dialógica. Assim, o conhecimento atende a um movimento dinâmico pela ação-reflexão-ação, ajudando a problematizar a realidade. Para Freire: “A dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos” (Freire, 2007, p. 60).

O amor, a humildade e a fé no ser humano fazem parte do diálogo dessa pesquisa em todas as etapas do ato de conhecer, para tanto afina-se a cada intervenção, à relação de confiança com as mulheres que fazem parte desta pesquisa. O diálogo é o encontro dos seres humanos para serem mais e, dentro dessa pesquisa, o faço com esperança.

A problematização é ferramenta para produção de conhecimento, que deve ser sempre em torno de circunstâncias existenciais, estabelecendo que cada passo “[...] dado por um dos sujeitos, vai abrindo novos caminhos de compreensão do objeto da análise aos demais sujeitos” (Freire, 2007, p. 82).

Por meio da leitura de Paulo Freire, dos seus conceitos de círculo de cultura, do diálogo e da prática, gera-se uma perspectiva intercultural que envolve não apenas um reconhecimento da diversidade cultural existente no grupo de mulheres, mas também no aprender a realidade de cada uma em alteridade e ainda permitir a relação de troca, favorecendo o encontro não impositivo de culturas, nos termos que “a cultura, então, é entendida como interações que se dá no nível interpessoal e social, nos quais há trocas simbólicas de sistemas de significação, de veiculação ideológica, sofrendo as influências do meio econômico, social, ambiental e político que lhe servem como âncora” (Rodrigues *et al.*, 2007, p. 28).

Assumir a cultura como processo de compreensão da realidade significa entendê-la como um processo de comunicação, que depende da intersubjetividade, nos termos que:

(...) há de se considerar a cultura como um lugar no qual se articulam os conflitos sociais e se atribuem diferentes sentidos às coisas do mundo através do corpo, do imaginário, do simbólico, da participação, da interação, da poesia e do cotidiano. Nela se constituem os sujeitos e a sua identidade coletiva (Rodrigues *et al.*, 2007, p. 29).

Reconhecer a cultura como parte do povo, o qual articula uma concepção de mundo e de vida em contraposição às estruturas de dominação é evidenciar a necessidade de valorizar as pessoas, os lugares, as experiências e as vivências. Entendo que a cultura popular amazônica

refere-se aos diversos modos das classes e dos grupos populares da Amazônia de produção e reprodução social da realidade, assentadas nas condições de vida locais, nos saberes, nos valores, nas práticas sociais e educativas, no simbólico e no imaginário de uma variedade de sujeitos habitantes de áreas de terra firme, várzea e igapó, em localidades rurais e urbanas da região (Rodrigues *et al.*, 2007, p. 32).

Essa pesquisa sobre mulheres evidencia diferentes matrizes étnicas e religiosas, com diversos valores e modos de vida em interação com a rica e atrativa biodiversidade presente na Amazônia marajoara que constitui os grupos e as classes que lutam por justiça social, trabalho, produção e vida digna no campo.

Fundamentando-me nessa perspectiva, evidencio o ecossocialismo, de Chico Mendes, refletindo sobre as questões relacionadas à defesa das florestas e das pessoas que nela vivem, seus protagonismos, saberes e luta, como ele próprio afirma em sua célebre frase: “No começo, pensei que estivesse lutando para salvar seringueiras, depois pensei que estava lutando para salvar a

Floresta Amazônica. Agora, percebo que estou lutando pela humanidade”²⁴.

Chico Mendes exercia um tipo de liderança que tinha uma expressiva organização; essas características fizeram desse seringueiro um líder comunicativo, que utilizava essa habilidade como um instrumento a favor da liberdade, na luta por direitos, ele,

como educador criou o projeto seringueiro, buscando o apoio de companheiros tecnicamente qualificados. Esse projeto desenvolveu por anos um trabalho educativo ajustado às relações de trabalho no seringal e inspirado no método do educador Paulo Freire. A cartilha Poronga – nome da lamparina e querosene que fica presa na cabeça do seringueiro para a coleta do látex – ficou conhecida fora do acre por sua linguagem e metodologias singulares, bem apropriada a cultura local (Diniz, 2019, p. 62).

A perspectiva de Chico Mendes é fundamental para as populações tradicionais e movimentos sociais no e do campo, e suas aproximações com a concepção freireana em defesa da liberdade, da ética e da democracia consolida elementos conceituais e fundamentação prática, indispensáveis para observar, descrever, analisar e intervir com as mulheres em defesa do meio ambiente, da justiça social, cultural e ecológica e dos direitos das populações tradicionais, aliados ao bem-viver:

O Bem Viver – enquanto filosofia de vida – é um projeto libertador e tolerante, sem preconceitos nem dogmas. Um projeto que, ao haver somado inúmeras histórias de luta, resistência e propostas de mudança, e ao nutrir-se de experiências existentes em muitas partes do planeta, coloca-se como ponto de partida para construir sociedades democráticas (Acosta, 2016, p. 29).

²⁴ Essa frase é uma das frases mais conhecidas de Chico Mendes, tem ampla divulgação nas redes sociais e nos documentários sobre o seringueiro e ativista ambiental. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/a-resistencia-doseringueiros-conheca-a-historia-de-chico-mendes/>>. Acesso em: 21 de fevereiro de 2022. Um dos documentários mais conhecidos, com alcance internacional, foi “Chico Mendes: eu quero viver”, de 1987, produzida pelo cineasta Adrian Cowell. Disponível em: <<https://youtu.be/cUr2t3Te8Jo>>. Acesso em março de 2022.

O Bem-Viver recupera esta sabedoria ancestral, rompendo com o alienante processo de acumulação capitalista que transforma tudo e todos em coisa, em mercadoria. O Bem-Viver se afirma na harmonia e na convivência entre os seres. Na harmonia entre o indivíduo com ele mesmo, entre o indivíduo e a sociedade, e entre a sociedade e o planeta com todos os seus seres, e mais:

O Bem Viver também se expressa na articulação política da vida, no fortalecimento de relações comunitárias e solidárias, assembleias circulares, espaços comuns de sociabilização, parques, jardins e hortas urbanas, cooperativas de produção e consumo consciente, comércio justo, trabalho colaborativo e nas mais diversas formas do viver coletivo, com diversidade e respeito ao próximo (Acosta, 2016, p. 16).

O bem-viver e bom conviver com o outro é uma oportunidade para construir um mundo diferente, outro mundo será possível se for pensado democraticamente, com os pés fincados nos direitos humanos e nos direitos da natureza. “O Bem Viver é, essencialmente, um processo proveniente da matriz comunitária de povos que vivem em harmonia com a natureza” (Acosta, 2016, p. 24).

É importante compreender o que realmente significa e representa os Direitos da Natureza e os Direitos Humanos e, depois, como metadireitos – à água, à soberania alimentar, à biodiversidade, à soberania energética –, o estabelecimento de direitos civis aos negros e negras, o reconhecimento histórico dos direitos das mulheres e os princípios feministas relacionados à natureza, em termos que os princípios devem estar voltados

ao cuidado da vida, baseada em cooperação, complementariedade, reciprocidade e solidariedade, colocam-se na ordem do dia. São concepções relevantes para as mulheres e para a sociedade em seu conjunto. Como parte de um processo de construção coletiva do Bem Viver, exigem novas abordagens feministas em que se expliquem e cristalizem os conceitos de autonomia, soberania, dependência, reciprocidade e equidade (Acosta, 2016, p. 193).

Entendo que o protagonismo político dessas mulheres produz diferentes formas de lutar e de enxergar a relação feminismo e natureza. Formas de resistência decoloniais dentro do movimento ambientalista diante do acirramento dos conflitos socioambientais que têm atingido a Amazônia marajoara.

Para ampliar essa percepção holística, conto com o feminismo decolonial de Patrícia Collins (2016; 2021), bell hooks (2019; 2020; 2021; 2022), Lélia Gonzalez (1984; 2020), Maria Lugones (2014) e Gargallo (2004). O feminismo decolonial nomeia uma corrente dos feminismos subalternos, contra-hegemônicos, que incluem também os feminismos pós-coloniais, negro, comunitário, camponês e indígena, cujas intelectuais denunciam o racismo de gênero e a forma como a geopolítica do conhecimento silencia as vozes. É uma prática que evidencia os marcadores, tais como o racismo, o sexismo, a xenofobia, o capacitismo, a colonialidade, o capitalismo; contrapondo essas formas de opressão e de exploração a outras formas de viver e de ser no mundo, que se baseiam na vida das mulheres, suas condições e a forma como lidam com a estrutura social e são tratadas por ela. A interseccionalidade na luta contra essas opressões surge como um conceito metodológico que permite enxergar e agir sobre as subordinações existentes. A consequência da colonialidade

é que “mulher colonizada” é uma categoria vazia: nenhuma mulher é colonizada; nenhuma fêmea colonizada é mulher. Assim, a resposta colonial a Sojourner Truth é, obviamente, não”. Diferentemente da colonização, a colonialidade do gênero ainda está conosco; é o que permanece na intersecção de gênero/classe/raça como construtos centrais do sistema de poder capitalista mundial. Pensar sobre a colonialidade do gênero permite-nos pensar em seres históricos compreendidos como oprimidos apenas de forma unilateral. Como não há mulheres colonizadas enquanto ser, sugiro que enfoquemos nos seres que resistem à colonialidade do gênero a partir da “diferença colonial”. Tais seres são, como sugeri, só parcialmente compreendidos como oprimidos, já que construídos através da colonialidade do gênero. A sugestão é não buscar uma construção não colonizada de gênero nas organizações indígenas do social. Tal coisa não existe; “gênero” não viaja para fora da modernidade colonial. Logo, a

resistência à colonialidade do gênero é historicamente complexa (Lugones, 2014, p. 939).

O diálogo interseccional feminista também permite que se compartilhem experiências atravessadas por diferentes formas de opressão, acreditando, assim como bell hooks (2019), que:

A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado. É importante destacar que a sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe, se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados de mulheres. Enquanto mulheres usarem poder de classe e de raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo (hooks, 2019, p. 34).

A **sororidade** diz respeito a um comportamento de não julgar outras mulheres e, ainda, ouvir com respeito suas reivindicações. É um movimento importante que desconstrói a rivalidade entre mulheres, pautando-se em um sentimento de coletividade. Feminismo, cultura, linguagem e tantos outros temas nos ajudam a pensar uma pedagogia feminista e antirracista, contribuindo para a descolonização do saber e do gênero.

Em Lélia Gonzalez, há também uma multiplicidade de temas tratados em profundidade. Dentre os vários textos, é interessante citar **Racismo e sexíssimo na cultura brasileira** (Gonzalez, 1984), que me faz pensar na insistente estratégia de colocar mulheres negras apenas como mulatas, domésticas e mães pretas na sociedade brasileira.

Recorrendo ao pensamento feminista negro de Patrícia Hill Collins (2022), reflito sobre as bases para o que é mais central em sua obra: a importância do empoderamento na prática **interseccional** de luta coletiva contra as opressões históricas e sociais. De acordo com Collins e Bilge (2016), a interseccionalidade é uma maneira de compreender e analisar a complexidade do

mundo nas pessoas e em experiências humanas. Os eventos e as condições de vida social e política são formados por muitos fatores diferentes e que mutuamente se influenciam. Quando se trata de desigualdade social, vida e organização do poder em uma dada sociedade, há divisão social, seja de raça, gênero ou classe, mas existem muitos eixos que trabalham juntos. A interseccionalidade, como uma ferramenta analítica, dá um melhor acesso à complexidade do mundo e de si mesmo.

Gargallo (2014) também estabelece intersecções entre sexo e raça, de forma clara, comprometida e envolvente, através da reflexão crítica e coletiva sobre mulheres indígenas de Abya Yala²⁵. A autora relata, com vivência, a engrenagem do racismo-patriarcal que constitui o eixo da colonialidade e que serviu de justificativa para os genocídios coloniais. Nesse contexto, algumas questões apresentadas por Gargallo (2014), como a defesa do território e a coexistência de um patriarcado ocidental com um patriarcado ancestral, dialoga com a realidade rural das mulheres da comunidade Santo Ezequiel Moreno, quando se entrelaça as lutas coletivas vinculadas ao trabalho, território-corpo e matrizes culturais.

Os estudos das autoras permitem um planejamento para a pesquisa mais sistemático em volta do referencial teórico-metodológico do feminismo interseccional, com vistas a estimular a compreensão de como algumas situações interferem na vida de cada mulher e de como elas conseguiram desenvolver processos de superação a partir dos seus próprios saberes.

²⁵ *Abya Yala* é o nome Kuna que, especialmente na América do Sul, é usado por líderes e comunicadores indígenas para definir o sul e o norte do continente, sendo a América um nome colonial com o qual eles não querem identificar seu território comum. O povo Kuna, que vive nos arquipélagos do Panamá e do Darien, fala uma língua do grupo Chibchense e pode ser visualizado a partir de sua geografia precisa na cintura do continente, tanto no sul como no norte da América. Talvez sejam os únicos que lhe tenham dado um nome comum.

Franscesca Gargallo. **Feminismos desde Abya Yala: Ideas y proposiciones de las mujeres e pueblos en nuestra América**, 2014.

Partindo desses elementos, tenho como **problemática** de pesquisa o seguinte: Como os saberes da temporeza podem ser emancipatórios para as mulheres que vivem na comunidade Santo Ezequiel Moreno e de que forma expressam uma pedagogia da temporeza anunciada a partir de outra episteme, outras antologias, outros modos de existir? E como **objetivo geral**: Mapear os saberes emancipatórios a partir das práticas de preservação da natureza, saberes ecológicos, espirituais, comunitários, organizativos e do manejo reveladores de uma pedagogia da temporeza. E como objetivos específicos: a) analisar fazeres das mulheres no protagonismo, na mobilização social, no respeito à preservação da natureza e contra violências e exclusões; b) caracterizar os saberes organizativos da comunidade, de preservação ecológica, de manejo e de cooperação agroextrativista, a partir das narrativas de vida das mulheres e das rodas de conversa.

Diante dessas projeções, a **tese** que defendo é que ocorre um movimento de mulheres na Ilha do Marajó, especificamente na comunidade Santo Ezequiel Moreno, protagonizado e fundamentado no reconhecimento dos saberes organizativos, comunitários, de manejo, de preservação ecológica e na cooperação agroextrativista.

Partindo dessa perspectiva, proponho uma ampliação na agenda feminista, incorporando uma visão não antropocêntrica, uma epistemologia da temporeza como pressuposto ecofeminista, dando sentido ao olhar direcionado tanto às mulheres quanto à natureza. Ao integrar ecologia e feminismo, subscrevo uma metodologia dialógica nas observações, nas rodas de conversas, nos levantamentos de pesquisas, nas narrativas e percepções no que se refere à resiliência, conservação e relação com a natureza. Uma episteme de saberes espirituais, ecológicos, de manejo e de comunidade é o que apresento na seção II **“ECOFEMINISMO: POR UMA METODOLOGIA DIALÓGICA”**.

Depois dessa compreensão metodológica, atraco no porto da Comunidade Santo Ezequiel Moreno, em Portel/PA, com a seção III **“AÇAÍ: O LASTRO DA COMUNIDADE SANTO EZEQUIEL**

MORENO", tendo em vista que a comunidade conscientizou-se do valor do seu "ouro preto", o que deu a ela equilíbrio, estabilidade e segurança econômica, a partir de ações cooperadas, com participação ampla e efetiva das mulheres.

Nesta correnteza, entre curvas de rios, na imensidão das florestas, apresento a quarta seção designada "**TEMPOREZA**", na qual discuto a reciprocidade entre tempo e natureza na Amazônia Marajoara e como esse saber ajuda na compreensão dos modos de vida, das relações socioculturais, afetivas e na economia solidária. Discuto que o processo de compreensão da temporeza é sossegado, sem tempo cronometrado, é dispersão de sementes, é terra, é água, é território, é uma pedagogia da temporeza, da estética, da ética, da sutileza. Compreender e respeitar a temporeza é respeitar também as pessoas e todas as formas de vida na imensidão das águas e das florestas.

Depois desse passeio poético-territorial sobre o Marajó, a próxima seção apresenta quem são essas mulheres da comunidade SEM, no coletivo e nas suas individualidades, suas adversidades e bonanças. Uma tarefa que exige ação e reflexão envolta de um ecofeminismo plural, coletivo e singular.

Ecofeminismo com interseções comunais, de gênero, raça, classe, sexualidade, em movimento interpessoal e intrapessoal, concatenado a estratégias dialógicas em rodas coletivas e em companhia da mulher em si mesma, a sós, lendo-se e sendo lida. Nesta perspectiva, evidencio também as mulheres que participam na gestão, organização e participação na associação dos moradores, no Fundo solidário Açai, na cozinha agroextrativista iacá, na cooperativa e no Manejaí. Considerando a constituição, os processos de origem, parcerias e produção, a relação com a natureza estabelecida para criação dos produtos, a comercialização, divulgação e ainda como esses saberes ajudam no crescimento da comunidade. Desdobra-se, assim, a seção V: "**A TEMPOREZA ECOFEMINISTA COMUNITÁRIA: DIALOGANDO COM OS SABERES**".

Na sexta seção, **“PORQUE SOMOS O QUE FAZEMOS: TESSITURAS EM RODAS DE CONVERSA”**, evidencio o protagonismo, emancipação e saberes de mulheres, mães, filhas, esposas, que lutam por terra, qualidade da água e alimento de qualidade com equidade e justiça social, compreendendo que essas lutas não são individuais, e sim coletivas, na e da comunidade, em que, uma vez conscientes dos ganhos sociais, ecológicos, ambientais, entre outros que a comunidade SEM organizada conquistou. Essas mulheres partilham com outras comunidades o que a natureza e os princípios feministas que dialogam com a temporeza lhe ensinaram. Uma pedagogia de saberes, fazeres, práticas de existência, rompimento, luta, autoconhecimento e pertença. Unindo historicidade, perseverança, inovação, mudança, fé, diferença e identidade no coletivo de mulheres, na família e na comunidade. Abrindo caminhos e semeando, em todos os lugares que o vento soprar, uma pedagogia feminista que refuta um espírito comunal, de liberdade e de existência que merece ser conhecida e tida como inspiração. Relatos que foram realizados em rodas de conversas, pautados a partir de dinâmicas e deliciosos lanches compartilhados e saboreados por elas e que se uniram aos cânticos e risos de tardes em diálogos.

Nessas tessituras, compreendo que vivenciamos cenários de natureza e cultura expressa na imagética temporeza, um diálogo com os sons, cheiros, sabores, cores do lugar e das mulheres que o compõem e é isso que é discutido na sétima seção **“EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DA TEMPOREZA”**. Com os sentidos aguçados, busco e me refaço, vejo as imagens, as palavras que se entrelaçam, assim como o cheiro e o paladar e os sons da temporeza; é um misto do que é real e o que a imaginação pintou e recriou, é o enlace do percurso da pesquisa e da vida, inseparáveis como revoada de pássaros e o amanhecer, é composição intersemiótica, é leitura de mundo.

Em **“NESSA MINHA MAREZIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR”**, evidencio reflexões do percurso da tese e suas travessias poéticas, éticas,

estéticas, humanas e não humanas que a pesquisa me leva e me transforma e como ela pode atravessar a quem permitir escutar as matas, os animais, os rios e a sua gente, em especial as mulheres da comunidade SEM, que, desaguando na epistemologia da floresta, ensinam.

Na morfologia botânica, diz-se flor o feminino. Que brotem flores, que o pólen delas seja levado ao feminino de outras mulheres, que promovam a atração de polinizadores, a quantidade perfeita de néctar de umas e a coloração das pétalas de outras, que o sol chegue e floresça na natureza de todas e, assim, floresça em encontro de perfume e beleza.

2. Do ecofeminismo à temporeza: por uma metodologia dialógica

Epistemologia da Temporeza

Tempo e espaço se fundam
Ação-reflexão-ação fecundam
Pertencimento ao território singular
Movimento de mulheres a compartilhar

Episteme de conhecimentos dialógicos
Saberes espirituais e ecológicos
Do manejo e da comunidade, saberes
Desdobram-se e transformam-se ao receberes

Narrativa de vida, construção de significados
Rodas de conversa, exercícios partilhados
Abordagens sobre trajetórias embarcadas
Na temporeza de relações entrelaçadas

Confundir-se com a natureza
Em uno movimento de sutileza
Com lutas a enfrentar
E florestas e águas a temporalizar

Jeovani Couto (Gil)
Breves, 08 de junho de 2024, às 16:05



2. DO ECOFEMINISMO A TEMPOREZA: POR UMA METODOLOGIA DIALÓGICA

Atravessando o rio, descubro as diferenças culturais como força edificante de novas éticas; há uma diversidade de sons, de cheiros e sabores, de linguagens e de imagens expandindo-se em redes e em pontes, uma ecologia de saberes e de vivências, legitimando a epistemologia da temporeza como prática da vida.

2.1 A concepção de teoria ecofeminista

Vivo a satisfação da descoberta dos saberes não escolares, ao seguir o curso da Temporeza Ecofeminista, compreendendo-a a partir da análise sociológica, ecológica, a qual as mulheres da comunidade Santo Ezequiel Moreno (SEM) utilizam em situações coletivas e individuais, algo que já inspirava as minhas pesquisas. Sempre senti necessidade de contextualizar as mulheres em comunicação com a natureza e a cultura e, a partir dessa ação dialógica que perpassa as narrativas de vida, as rodas de conversa e a observação, descrever as situações vivenciadas na comunidade com uma poética crítica e criativa:

[...] é, pois, possível pensar na escrita poética através de realizações criadoras pontuais, concretas, singulares, porque somente assim se poderá avançar significativamente no aprimoramento (embelezamento) das metodologias de ação e transformação humana (Pimentel *et al.*, 2012, p. 145).

A poética e a temporeza entrelaçadas na pesquisa, como ativadoras de uma nova racionalidade metodológica pelo viver ativo, transformador, atuante e por mais vida na pesquisa e na escrita. Um estudo aberto à criação incorporada, partilhada, valorizando as diferentes manifestações, com sensibilidade aos

fatos vistos, ouvidos e a seus efeitos educacionais, comunitários e ecofeministas.

Essa especificidade metodológica tem inspiração no ecofeminismo e, antes do aprofundamento, gostaria de oferecer um breve panorama sobre o ecofeminismo:

ele é tanto um campo teórico de estudo quanto um movimento social que surgiu em resposta à degradação crescente do mundo natural. O termo ecofeminismo foi cunhado em 1974 por uma francesa chamada Françoise D'Eaubonne (1974), embora ele pareça ter surgido de forma independente em outros lugares por volta da mesma época. Embora não haja uma filosofia única do ecofeminismo, certos temas principais são comuns ao campo. No nível mais amplo, o ecofeminismo refere-se à ideia de que a desvalorização das mulheres e da natureza tem andado de mãos dadas na sociedade ocidental patriarcal. Essa desvalorização se reforça mutuamente, por exemplo, as mulheres são associadas com a natureza e por isso são desvalorizadas; e a natureza é vista como feminina e por isso também é desvalorizada (Kheel, 2019, p. 25).

O desafio atual é delinear um novo horizonte abordando a questão ambiental a partir das categorias do patriarcado, do cuidado, do sexismo e do gênero. O ecofeminismo seria, portanto,

la corriente del feminismo que se propone abordar nuestra relación con la naturaleza desde la perspectiva de género, proponiendo una redefinición del ser humano y la naturaleza, de forma que nos entendamos humildemente como parte de ésta y no como superiores y dominadores de ella (Puleo, 2011 *apud* Sesma, 2019, p. 58).

Partindo desse pressuposto, afirma-se que existem relações históricas entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza, e existem múltiplas conexões entre o feminismo e a ecologia. Logo, para se alcançar uma ética ambiental é necessária uma compreensão adequada da teoria feminista e do movimento ambiental local, nesse ínterim, chamo atenção para o movimento ecológico de mulheres, realizado na Amazônia Marajoara, em que tempo e espaço se fundam entrelaçados em Temporeza Ecofeminista.

Suscetível pelo feito individual e coletivo e ao ser feito no método como criação de si e das outras mulheres embebedas de temporeza. Antes de tudo, uma expressão de sentidos próprios e apropriados de cada mulher da comunidade, uma investigação criadora e partilhada pelos afetos, conquistas e frustrações. Um método que nasce das relações e interações de um comum pertencimento ao território.

Atravessando o rio, descubro as diferenças culturais como força edificante de novas éticas; há uma diversidade de sons, de cheiros e sabores, de linguagens e de imagens expandindo-se em redes e em pontes, uma ecologia de saberes e de vivências, legitimando a epistemologia da temporeza como práticas da vida.

Para a construção das narrativas, dedico-me ao exercício da escuta, da oralidade feminina e da percepção dos sons da temporeza que se misturam e se conectam. A abordagem da pesquisa é de caráter qualitativo, pois investiga um fenômeno que não pode se reduzir à quantificação.

2.2 A abordagem da narrativa de vida e as rodas de conversa

Este trabalho se debruça sobre os significados que permeiam as narrativas das mulheres da comunidade SEM e das rodas de conversa, no município de Portel, na Amazônia Marajoara. Elas contam a respeito de suas realidades enquanto mulheres rurais, suas trajetórias e histórias entrelaçadas com as lutas dentro da coletividade comunitária e do movimento social do campo. Por isso, as interpretações são a partir das suas narrativas de vida.

A perspectiva adotada aqui é a da “narrativa de vida etnossociológica, [...] forma oral e mais espontânea, e, sobretudo, forma dialógica” (Bertux, 2010, p. 50), relacionando a história contada com o ambiente em que se vive, com as identidades; as relações com a temporeza, aflorando o “eu” singular de cada mulher e o “nós” do grupo, em coletividade, nas rodas de conversa. A ideia é que nas falas a percepção dos modos de vida, das

relações pessoais e intrapessoais, dos saberes e vivências sejam perceptíveis.

A linguagem empregada passa por ajustes, “apropriando-se” da linguagem das mulheres e não lhes impondo qualquer outra. E o que é necessário para obter uma boa narrativa?

Para narrar bem uma história é necessário delimitar os personagens, descrever suas relações recíprocas, explicar suas razões de agir, descrever os contextos das ações e interações e até mesmo formular julgamentos (avaliações) sobre as ações e os próprios atores. Descrições, explicações, avaliações, mesmo não sendo formas narrativas, fazem parte de toda narração e contribuem para construir significados (Bertaux, 2010, p. 47).

Para se fazer uma entrevista narrativa é, antes de tudo, necessário estar ciente dos movimentos que a narrativa mobiliza, como o tempo, a experiência discursiva e a própria enunciação desta. Com esta compreensão em mente, opto por refletir, inicialmente, sobre tais mobilizações, para daí me deter na proposta deste trabalho, que são as metodologias usadas em entrevistas que têm as narrativas de vida das mulheres como objetivo.

Em um primeiro momento, as entrevistas ocorrem de forma individualizada, pois as participantes resgatam as suas memórias de forma livre e introspectiva, entrelaçando afetos, sentimentos, denúncia, realizações, militâncias, relações humanas e tantos outros sentimentos que as atravessam, no intuito de alcançar a complementariedade, verdade e emoção feminina. Nesse percurso, a proposição é “entrar em metáforas sonoras como narrativa, poesia, música e dança, iniciativas coletivas, criativas, sugerindo novos caminhos de investigação para a interseccionalidade” (Collins, 2022, p. 339).

A comunidade traz em seu bojo a coletividade em prol do **bem-viver**; assim, as atividades interpessoais — que são também pressupostos formativos em movimento, na relação com a temporeza, com o trabalho dentro das atividades do sindicato, associação de moradores, cooperativas, organização de mulheres, entre outras — exigem um tipo de pesquisa com entrevista,

narrativa individual e, em outro momento, uma escuta do coletivo de mulheres, considerando que as participantes da pesquisa estão juntas na mesma experiência. O conhecimento, assim, é criativo, transforma e é transformado, sugerindo uma modificação processual e fomentando um olhar crítico sobre a realidade.

Na busca pela proximidade na pesquisa, além das narrativas de vida, realizei, com o coletivo de mulheres, três rodas de conversa, compreendendo que a abordagem individualizada é tão importante quanto dedicar atenção ao que é tecido junto.

No exercício da partilha, há a necessidade de criação coletiva e de mudanças, de amadurecimento, de debates de ideias (...) tecer coletivamente soluções, mesmo sabendo-se provisórias, em diálogo é fundamental para o desenvolvimento do trabalho, para aprendizagem coletiva e para tessitura das relações mas ecológicas entre diferentes saberes (Reis; Oliveira, 2018, p. 66-67).

No encontro com a palavra da outra, aprende-se e compartilha-se experiência, “ocupa-se de estabelecer uma conversação em que ambas resoam suas palavras, seus ecos, seus estranhamentos” (Sampaio; Ribeiro; Souza, 2018, p. 24, grifos meus).

Trato de uma opção metodológica que se ocupa do processo, da construção, da criação e recriação individual e coletiva, uma intrínseca relação entre as individualidades construídas dentro de subjetividades socioculturais. Implica, assim, “reunir saberes produzidos pelos sujeitos acerca de suas práticas e/ou modos de vida fragmentados para que possam ser potencializados e coletivizados, ou seja, buscar encontros, percursos, por entre práticas e saberes, culturas e poder” (Silva; Diniz, 2011, p. 66). Pretendo evidenciar um conjunto de conexões com outros saberes, como a heterogeneidade, e construir significados, no intuito de compreender a realidade a partir de diferentes pontos de vistas e rediscuti-los.

Evidenciar práticas sociopolíticas de minorias é uma estratégia metodológica para que se formem redes que se oponham à colonialidade do saber, trazendo novos significados para as subjetividades sociais. É um posicionamento político de construção

do conhecimento, além de técnico e ético, um instrumento de reivindicação da realidade e de defesa do território.

2.3 O tipo de pesquisa dialógica

A pesquisa possui caráter exploratório-investigativo, de abordagem qualitativa, utilizando-se de entrevista narrativa, de rodas de conversa e da epistemologia da temporeza atravessada pelo tipo de pesquisa dialógico. A dialogicidade freireana permite desvelar os territórios epistêmicos contra-hegemônicos. Nos termos de Freire:

Volto à relação dialógica enquanto prática fundamental, de um lado à natureza humana e à democracia; de outro, como uma exigência epistemológica. [...] A dialogicidade é uma exigência da natureza humana e também um reclamo da opção democrática do educador. Não há comunicação sem dialogicidade e a comunicação está no núcleo do fenômeno vital (Freire, 1995, p. 74).

A dialogicidade freireana ajudará no entrelaçamento das narrativas de vida com o círculo de diálogo cultural pressuposto por Freire. Trabalhar com os círculos dialógicos investigativo-formativos, como pesquisa e auto(trans)formação, possibilita reconhecer cada mulher na sua singularidade e na sua capacidade de construir conhecimentos sempre pelo diálogo de umas com as outras.

Um dos movimentos fundamentais, nesta perspectiva, é a escuta sensível, que implica educar a sensibilidade do olhar e o silêncio como condição para a existência do diálogo. Assim, só no momento em que se silencia a voz é que se cria a capacidade de ver e escutar a voz das mulheres participantes da pesquisa, criando um ambiente propício para que elas digam sua palavra: “[...] no processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é uma condição ‘*sine qua non*’ da comunicação dialógica” (Freire, 1998, p. 131).

Assim, é por meio da ação dialógica investigativa-formativa que transcorre o movimento de pesquisa. A partir da fala e da escuta dialógica, emergem as temáticas geradoras problematizadas no diálogo com o grupo de mulheres imbuídas de saberes vivenciais, que são expressos pelo meio social e natural. Estas temáticas emergem sempre da realidade concreta, da práxis, das relações no e com o mundo: “os temas, em verdade, existem nas pessoas, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos” (Freire, 2014, p. 137).

Nesse sentido, como se trata de mulheres participantes de movimentos sociais, tem-se em Chico Mendes (2016) um importante aliado para as questões éticas e ecológicas apresentadas nos instrumentos e na análise. Freire e Mendes entendiam as hierarquias territoriais, de classe, culturais, relações de poder e ecolibertárias. No livro *Pedagogia da Indignação* (Freire, 2000), Freire evidencia a importância de se educar para a liberdade e estimula homens e mulheres a assumirem as fissuras causadas por este ato. Esse risco de educar para a liberdade também está em Chico Mendes, na relação com as populações das florestas. A luta pela ética e liberdade em prol da superação da realidade opressora é um dos pressupostos da pesquisa dialógica.

2.4 A Interseccionalidade como Instrumento de análise

Em consonância à dialogicidade presente no método, tenho a **interseccionalidade** como instrumento de análise de dados (Collins; Bilge, 2021). Seu uso como ferramenta analítica considera as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, formação, etnia e faixa etária, entre outros, e a relação que estabelecem entre si.

Desse modo, a interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade das pessoas e das experiências humanas, surgindo como um “projeto epistemológico e metodológico do feminismo negro para tornar visível o cruzamento de opressões

estruturais que sustentam as desigualdades e os privilégios sociais, operados por sistemas de poder” (Collins; Bilge, 2021, p. 15).

Com a interseccionalidade como ferramenta analítica, proponho considerar as múltiplas identidades em diferentes categorias: a “**interseccionalidade estrutural**”, a qual diz respeito à posição das mulheres na intersecção da raça e do gênero e às consequências sobre a experiência da violência sofridas por elas, e a “**interseccionalidade política**”, incluindo as políticas feministas, as políticas antirracistas e as políticas ecológicas em defesa do bem-viver. Relembrando Freire:

Não creio em nenhuma busca, bem como em nenhuma luta em favor da igualdade de direitos, em prol da superação das injustiças que não se funde no respeito profundo à vocação para a humanização, para o ser mais de mulheres e de homens (Freire, 2003, p. 193).

“Ser Mais” é exercitar a amorosidade enquanto prática; este pressuposto também é imprescindível para bell hooks, quando afirma que “começar por sempre pensar no amor como uma ação, em vez de um sentimento, é uma forma de fazer com que qualquer um que use a palavra dessa maneira automaticamente assuma responsabilidade e o comprometimento” (hooks, 2020, p. 55).

Essa pesquisa ousa criar teoria a partir da amorosidade e do lugar da dor e da luta, uma interação dialógica de igual para igual, uma educação em comunhão, preconizada por uma ecologia de saberes com justiça social. Aqui, não há conformismo com uma suposta superioridade do conhecimento científico sobre o popular; pelo contrário, amor, solidariedade, bondade e frutos da espiritualidade ajudam a reconhecer na temporeza o bem-viver que essas mulheres conseguiram realizar a partir de saberes preconizados por elas, no intuito de “ser mais”, saindo da subalternidade para a emancipação.

2.5 A Categoria epistemológica e suas características

A epistemologia da temporeza é práxis de saberes no percurso da ação-reflexão-ação, um entendimento de que fazemos parte da natureza,

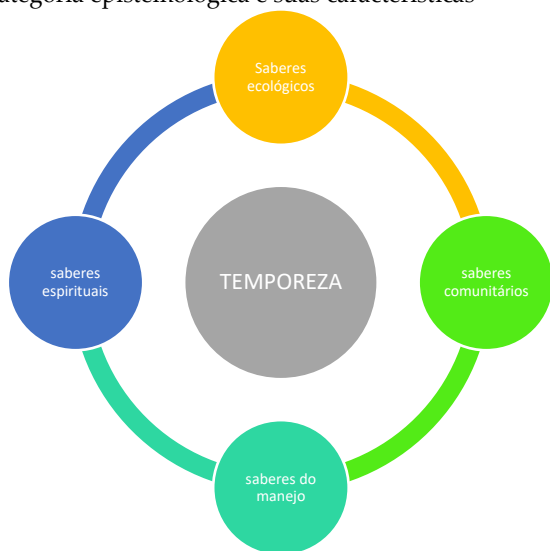
então o primeiro presente que ganhei com essa liberdade foi o de me confundir com essa natureza num sentido amplo, de me entender como uma extensão de tudo, e ter essa experiência de sujeito coletivo. Trata-se de sentir a vida nos outros seres, numa árvore, num peixe, num pássaro e se implicar. A presença dos outros seres não apenas se soma à paisagem do lugar que eu habito, como modifica o mundo. Essa potência de se perceber pertencendo a um todo e podendo modificar o mundo poderia ser uma boa ideia de educação. Não para um tempo ou um lugar imaginário, mas para o ponto que estamos agora (Krenak, 2022, p. 102).

É uma relação indissociável com a mãe terra, com a ancestralidade, em habitar um território com muitas lutas a enfrentar e que também tem poética em viver uma experiência com a natureza que afeta a vida, a existência, o coletivo em comunidade e a espiritualidade.

Temporeza vem de acontecimentos seguidos pelo ritmo da maré, em que a poética da escrita dessa pesquisa faz parte, assim como as características da categoria epistemológica da temporeza, que são os saberes ecológicos, do manejo, espirituais, comunitários, organizativos e de mobilização social que as mulheres apresentam nas narrativas e na conversação em rodas.

Não existe hierarquia nessa roda viva, a temporeza e os saberes apresentados fazem parte da terra e das águas, da espiritualidade, da vida e das relações entre as pessoas e animais e pessoas e vegetais, pessoas e o mururé, tão característico da comunidade. Tudo isso marcado no tempo e no espaço, em território e territorialidade, por isso utilizo a figura do círculo para representá-las.

Figura 1 – A categoria epistemológica e suas características



Fonte: Elaboração própria, 2024.

As categorias da temporeza surgem em consonância aos objetivos propostos dessa pesquisa e se reafirmam nas narrativas, rodas de conversa e análises. É interessante observar que não surgiram novas categorias, mas sim características dessa categoria epistemológica que é profunda, desdobra-se e transforma-se em tessituras. As categorias e suas características serão conceituadas com mais amplitude na parte teórica e nas análises desta pesquisa.

Tal qual a vivência em campo, as observações e reflexões foram fundamentais para a escolha das categorias e para a sustentação teórica dessa pesquisa a partir da dialogicidade Freireana, do ecologismo de Chico Mendes e do feminismo comunitário e de pertencimento de bell hooks e Francesca Gargallo, como apresentarei ao longo do texto.

A fim de produzir outras subjetividades, bell hooks (2017) nos ensina a exercitar a resistência ao colonialismo a partir do modo como praticamos a educação com espiritualidade e amor, propondo participação coletiva, movimento, partilha e relacionamentos humanizados. Em suma, assim como em bell

hooks e Freire, o amor dos oprimidos desafia para mudança, um ato de coragem e liberdade, que Chico Mendes também ensina, partindo da epistemologia da floresta, que se entrelaça ao ecofeminismo e ao feminismo comunitário de Gargallo, dialogando com a potência que desagua e enraiza a alteridade e identidade das mulheres da comunidade SEM.

2.6 Participantes da pesquisa

Mas, afinal, quem são essas mulheres e que saberes são esses? São em torno de 20 (vinte) mulheres que fazem parte do movimento feminino na comunidade e que se inserem na pesquisa por meio dos círculos dialógicos coletivos nas rodas de conversa. A partir dessa amostra, escolhi cinco lideranças, as quais forneceram as narrativas individuais que também vão permear esse trabalho.

Inicialmente, as entrevistas seriam feitas somente de forma individualizada; entretanto, as mulheres solicitaram que tivessem esses encontros coletivos, que já fazem parte da tradição comunitária. As narrativas individuais permitem conhecer cada mulher, cada participante; assim, elementos intrapessoais suscitam com potência, ainda que outras relações também apareçam. Na coletividade, por sua vez, o associativismo, o cooperativo e o movimento social em si surgem com mais intensidade.

Essas mulheres têm uma vida diária com os filhos e maridos, nos afazeres de casa e no movimento, na roça, no artesanato, na associação, nas atividades cooperadas, no remo, na rabeta, no barco, nas águas, nos rios, nos afluentes, na comunidade às margens do rio, na colheita e nas receitas inventadas e reinventadas a partir das árvores frutíferas da região. Mulheres que são temporeza, tradição, saberes, inovação, delicadeza e força.

O Quadro 1 evidencia o perfil dessas mulheres que realizaram suas narrativas de vida e suas relações com as inovações sociais, como o Fundo Solidário Açaí (FSA), com a Cozinha Agroextrativista Iaçá, com a Cooperativa CopiAçá, com o Manejaí

e com a coordenação da Associação dos Moradores do Acutipereira (ATAA).

Ao descrever o gênero dos filhos (as) das narradoras, utilizarei “M” para mulheres e “H” para homens. Ao evidenciar as inovações sociais, disponho de “P” para participante e “G” para gestora. É importante ressaltar que os pseudônimos foram escolhidos pelas participantes da pesquisa.

Quadro 1 – Perfil das Mulheres da Comunidade SEM

Pseudônimo	Idade	Escolaridade	Cônjuge	Filhos	ATAA	INOVAÇÃO SOCIAL			
						FSA	Coz. Agro	C.i.Açá	Manejaí
Rosa	36	Superior incompleto	Sim	5 (3 M, 2 H)	P	P	G	P	----
Natália	38	Fundamental completo	Sim	5 (3 H, 2 M)	G	P	P	P	P
Nia	42	Médio completo	Sim	11 (8 M, 3 H)	P	P	G	P	P
Margarida	41	Superior completo	Sim	2 (H)	---	--	--	--	G
Mãe Maria	37	Superior incompleto	Sim	Não	P	P	P	P	P

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A importância do quadro 1 se dá porque no decorrer das seções desse trabalho, serão transcritas algumas narrativas dessas mulheres; assim, o perfil ajudará a identificar as suas informações pessoais e as atividades coletivas desenvolvidas.

As inovações da comunidade são imbricadas e fortalecedoras das atividades cooperadas e associadas, havendo, ainda, uma preocupação para que a gestão seja paritária. As mulheres ensinam que as tecnologias sociais são possíveis a partir da (re)inventividade e de saberes ecológicos, fruto do diálogo entre os membros, nas experiências pessoais e na natureza.

Deste modo, as lutas feministas são tecidas nas lutas em defesa da biodiversidade e da diversidade cultural, constituída pelas

lendas, músicas, economia solidária, imaginários, gastronomia, florestas, linguagens, rios e religiosidade, entre outros aspectos, que serão tratados nesta pesquisa com respeito, ética e compromisso social e com a extrema delicadeza e força que pressupõe o feminino.

2.7 Cuidados éticos

No intuito de resguardar a integridade física e emocional das participantes da pesquisa, seus nomes são protegidos, prevenindo a possibilidade de as participantes se sentirem constrangidas com alguma questão relacionada à violência doméstica, machismo, sexismo ou outro tipo de violência. Nesse caso, assumo a responsabilidade de manter o sigilo, bem como de resguardar o conteúdo de suas narrativas, por isso utilizo nomes fictícios para as narradoras. Em comum acordo com as mulheres que narram suas experiências de vida e as que participam somente das rodas de conversa, as nomeio como participantes, o intuito é preservar a identidade de todas.

Ainda sobre isso, de forma alguma será exposta a imagem das mulheres sem autorização. Além disso, foi usado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)²⁶. A respeito do último, solicitamos a cada informante que assinasse um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Essas opções adotadas explicitam o caráter ético, posto que a pesquisadora respeita as pessoas participantes do trabalho, assim como a preservação da integridade delas. Além do mais, com o uso do TCLE, eu, pesquisadora exporro a legitimidade da escolha realizada pelas mulheres em colaborar com a pesquisa, ou seja, o seu caráter voluntário. Também asseguro as condições legais da minha atuação como pesquisadora com a pesquisa e com as mulheres participantes.

²⁶ Anexado na página 200

2.8 Levantamento de produções sobre a Comunidade Santo Ezequiel Moreno

Para se compreender melhor o contexto da comunidade Santo Ezequiel Moreno, no Município de Portel - PA, onde residem as mulheres participantes da pesquisa, pretendo, em um primeiro momento, alargar essa compreensão por meio da apresentação de um estudo teórico com entrelaçamentos empíricos sobre a referida comunidade. Para tanto, fiz um levantamento no Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), com os seguintes descritores: “Comunidade Santo Ezequiel Moreno” e “Economia Solidária”. Membras da coordenação do Grupo de Mulheres colaboraram também com a indicação de dissertações e livros já elaborados sobre a comunidade.

Esse levantamento tem a preocupação de compreender que olhar tem sido lançado sobre a comunidade e sobre sua historicidade, bem como de analisar se há uma preocupação de referendar a história de luta e a identidade e alteridade, antes e após a criação do Fundo Solidário Açaí, que impulsionou os pressupostos de associativismo e cooperativismo.

Na descrição e análise, apresento quais temas são privilegiados, discorro se estes possuem alguma discussão sobre gênero e analiso como o conhecimento se expressa nessa perspectiva, detectando, ainda, as lacunas e apresentando alternativas metodológicas de investigação pouco utilizadas em pesquisas sobre mulheres.

Nessa perspectiva, espero que os resultados desse levantamento de pesquisas possam ampliar o conhecimento a respeito da comunidade, gerar aprendizagens nos diferentes campos de estudo e, por meio dessa metodologia mais restrita, evidenciar possibilidades de interlocuções outras. Diante disso, convido a marear, navegar sobre as dissertações, atravessando-as; para tanto, apresento o Quadro 2 com os temas e principais categorias.

Quadro 2 – Pesquisas relacionadas ao estudo sobre a comunidade SEM

DISSERTAÇÕES E TESES/ CAPES						
Nº	Ano	Autores	Orientadores	Título	Universidade	Categorias
1	2018	Danilson Correa Leite	Solange Maria Gayoso da Costa	Relações de trabalho na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Marajó PA.	Mestrado em Serviço social, Universidade Federal do Pará	Relações de Trabalho e produção agroextrativista na comunidade tradicional
2	2020	Lucivando Barbosa de Moraes	William Santos de Assis	Para além do alimento: inovações sociais em torno do açaí na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Arquipélago do Marajó, Pará.	Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares, Universidade Federal do Pará.	Ação coletiva, Autogestão, Cultura alimentar, Inovação social
3	2020	Alexandre Nunes da Rocha	Gilberto de Miranda Rocha	A economia solidária como vetor de desenvolvimento territorial do Marajó: estudo de caso da comunidade Santo Ezequiel Moreno, Portel (PA).	Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará	Economia solidária; cultura solidária e cooperada

4	2020	Matheus Monteiro Alves	Fábio de Castro	Do Peasants Make Science? Solidarity-based Strategies and Sustainable Livelihoods in the Amazon Estuary: a case study of the Açaí Solidarity Fund, Brazil	Mestrado em Pesquisa Estudos de Desenvolvimento Internacional Escola de Pós-Graduação em Ciências Sociais Universidade de Amsterdã	Solidariedade, Desenvolvimento Rural, Fundos Compartilhados, Açaí.
---	------	------------------------	-----------------	---	---	--

Fonte: Banco de dados da Capes (2022).

Detalho brevemente os objetivos desse quadro de dissertações:

1) Denilson Correa Leite, em **“Relações de trabalho na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Marajó/PA”**, evidencia as relações de trabalho na comunidade tradicional, no período compreendido entre 1970 e 1980. Essas relações, segundo o autor, dependiam da mediação de indivíduos sociais que estavam dispostos a trocar mercadorias. As conclusões revelam que as relações de trabalho envolviam exploração da força de trabalho em formas não assalariadas, uma vez que os trabalhadores rurais da comunidade “trocavam mercadoria por mercadoria (...) enquanto o atravessador comprava palmitos dos moradores de Santo Ezequiel e vendia a um preço maior para o fabricante de palmitos” (Leite, 2018, p. 90).

2) Lucivando Barbosa de Moraes, na dissertação **“Para além do alimento: inovações sociais em torno do açaí na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Arquipélago do Marajó, Pará”**, aborda as inovações sociais relacionadas ao agroextrativismo do açaí na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno (SEM), dando destaque ao Fundo Solidário Açaí (FSA) como inovação social base, em função do processo de construção que despertou maior organização e cooperação entre os comunitários.

3) Alexandre Nunes da Rocha, em **“A economia solidária como vetor do desenvolvimento territorial no Marajó: estudo de caso da comunidade Santo Ezequiel Moreno, Portel (PA)”**, contextualiza o tema “Economia Solidária” à luz do que vem sendo construído no âmbito do território do Marajó, tendo como universo da pesquisa o Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativista (PEAEX) Acutipereira, mais especificamente a Comunidade Santo Ezequiel Moreno e suas redes de colaboração solidária com as demais comunidades adjacentes. O objetivo geral da pesquisa concentrou-se em apresentar e compreender a realidade de uma comunidade rural inserida na região do Marajó, com enfoque direcionado ao conjunto de atividades econômicas solidárias, de maneira a identificar suas limitações e potencialidades, com vistas

a contribuir na busca permanente do desenvolvimento ancorado no território.

Destaca que a comunidade se encontra em plena construção de uma natureza e cultura solidária e cooperativista e vem desenvolvendo diversas iniciativas com enfoque na produção, distribuição, consumo, poupança e crédito, organizada sob a forma da autogestão, que efetivamente contribui para o alcance do desenvolvimento territorial e para uma melhor gestão dos recursos naturais. No entanto, ainda é preciso dar um salto de qualidade tanto no amadurecimento e operacionalização de seus projetos, quanto no efetivo acesso a novos mercados e no aprimoramento de suas redes de colaboração solidária dentro e fora do PEAEX Acutipereira. Dessa forma, a comunidade poderá atingir plena emancipação social e bem-estar coletivo. Constatou-se que as iniciativas econômicas solidárias em operacionalização na comunidade pesquisada, de fato, estão proporcionando geração de trabalho, renda e melhores condições de vida às famílias.

4) Mateus Monteiro Alves, em **“Peasants Make Science? Solidarity-based Strategies and Sustainable Livelihoods in the Amazon Estuary: a case study of the Açaí Solidarity Fund, Brazil”**²⁷, evidencia os impactos do Fundo Solidário Açaí (FSA), fundo compartilhado amazônico fundamentado em decisões democráticas e práticas agroecológicas, cujo dinheiro tem sido usado para financiar educação, serviços de saúde e infraestrutura. Segundo Alves (2020), após a implantação do Fundo Solidário Açaí, a comunidade de Santo Ezequiel Moreno passou de exploração predatória de produtos florestais à referência regional em manejo florestal sustentável. Revela, ainda, desafios contínuos e uma série de práticas e parcerias não monetárias sobre os impactos dos FSA nos meios de subsistência na comunidade. O autor também aponta que é necessário estabelecer as redes de troca de conhecimento com

²⁷ Em Língua Portuguesa, “Camponeses fazem ciência? Estratégias solidárias e meios de subsistência sustentáveis na Amazônia Estuário: um estudo de caso do Fundo Solidários Açaí, Brasil”.

universidades e centros de pesquisa e fortificar o engajamento com os movimentos sociais. As implicações deste estudo contribuem para debates mais amplos sobre a ação dos camponeses como central para processos de desenvolvimento rural.

No intuito de apresentar a comunidade e sua história, procuro destacar ainda como as dissertações descrevem o lócus de estudo, conforme o Quadro 3.

Quadro 3 – Lócus de estudo

Nº	Dissertações	Descrição do <i>lócus</i> de estudo
1	Relações de trabalho na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Marajó/PA	“Ao chegar na entrada da comunidade, pode-se deparar com a quase tapagem do caminho fluvial que leva até os moradores. Os barrancos que tomam conta da paisagem dão características únicas ao local. Diante de tantos barrancos que na maioria das vezes tapam o igarapé, os moradores cuidam para que, pelo menos, a entrada esteja sempre desobstruída para o livre trânsito de embarcações” (Leite, 2018, p. 27-28).
2	Para além do alimento: inovações sociais em torno do açaí na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Arquipélago do Marajó, Pará	“O lugar de estudo também é conhecido como “Vila Santa Cruz” e segundo Leite (2018) quando o primeiro casal (João e Marcira Baia) chegou no local, na década de 60, este já era apelidado de “Inferno”, principalmente pela presença dos barrancos, e assim foi chamado por muito tempo. O nome era visto como pejorativo pelos moradores e de acordo com a fé católica que exerciam, assim, o nome foi mudado para “Vila Santa Cruz”, que é mais conhecido entre os moradores da comunidade, fora dela (cidade de Portel, municípios vizinhos e comunidades adjacentes) o nome Santo Ezequiel Moreno é mais comum, por isso é adotado nesta pesquisa” (Moraes, 2020, p. 21).
3	A economia solidária como vetor de	“As casas margeiam o rio pela disponibilidade de água e a facilidade do acesso e são construídas em sua maioria de madeira com teto de telha de

	desenvolvimento territorial do Marajó: estudo de caso da comunidade Santo Ezequiel Moreno, Portel (PA).	fibrocimento ou palha e encontram-se em torno de uma igreja e um centro comunitário. [...] Em termos de contextualização histórica, é importante destacar que a partir do início do século XX, deu-se início as fundações das primeiras comunidades as margens do rio Acutipereira, influenciadas, principalmente, pelo extrativismo do palmito e da madeira” (Silva, 2020 <i>apud</i> Silva, 2020, p. 36).
4	Do Peasants Make Science? Solidarity- based Strategies and Sustainable Livelihoods in the Amazon Estuary: a case study of the Açai Solidarity Fund, Brazil	Historicamente, há pouco material escrito ou fotográfico sobre a comunidade. No entanto, os moradores mais velhos entrevistados traçaram o motivo da chegada dos primeiros habitantes até o período do ciclo da borracha. Além disso, muitos habitantes da área onde a comunidade SEM está localizada hoje veio do estado brasileiro do Ceará. O SEM foi fundada originalmente em junho de 2003, mas seus habitantes já viviam lá, como parte da comunidade de São Benedito, que está localizada em frente à Acutipereira (Alves, 2020, p. 13).

Fonte: Síntese elaborada pela autora a partir do Banco de dados da Capes (2022).

A Comunidade Santo Ezequiel Moreno está localizada no interior do município de Portel, Marajó, Estado do Pará, na latitude 1°59'15"S e longitude 50°37'14'O (Figura 2). Com área não especificada, pertence à gleba estadual Acutipereira, tendo 66.220,3965 ha. Esta comunidade é adjacente à Baía de Portel e à margem do rio Acutipereira, a 278 km de Belém, contando com 27 casas e 28 famílias (uma das famílias não possui residência). Com exceção de uma família, as outras têm relações de parentesco entre si. Não tendo sua área especificada, encontra-se no interior do Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativista (PEAEX) Acutipereira, que recentemente recebeu o Termo de Concessão de Direito Real de Uso, sob condição resolutiva via Instituto de Terras do Pará (ITERPA), com área total de 68.321,742 ha (Alves, 2020).

Figura 2 – Localização da Vila Santa Cruz, comunidade Santo Ezequiel Moreno



Fonte: Moraes (2020, p. 22).

Partindo da cidade de Portel, os moradores da comunidade SEM têm ligação por meio fluvial com o município. A duração da viagem depende do meio de transporte escolhido. Para se deslocar da área urbana do município de Portel, utilizam barco, rabeta, lancha ou transporte terrestre (bicicleta, moto ou carro) na estrada, em um percurso de, aproximadamente, quarenta e cinco minutos, depois atravessam um pequeno trecho de rabeta até a margem da comunidade, em um percurso que dura, aproximadamente, dez minutos (Leite, 2018, p. 27).

Figura 3 – Comunidade Santo Ezequiel Moreno



Fonte: Acervo comunitário, cedido por Maria Claudia dos Santos Baia.

A Figura 3 amplia a percepção de uma comunidade cercada por águas e pelo verde das matas, regida por uma temporeza de marés, de chuvas e ventos e por moradores que margeiam e atravessam de tempos em tempos em barcos ou rabetas:

Ao chegar na entrada da comunidade, pode-se deparar com a quase tapagem do caminho fluvial que leva até os moradores. Os barrancos que tomam conta da paisagem dão características únicas ao local. Diante de tantos barrancos que na maioria das vezes tapam o igarapé, os moradores cuidam para que, pelo menos, a entrada esteja sempre desobstruída para o livre trânsito de embarcações (Leite, 2018, p. 27-28).

O que Leite (2018) chama de barranco, eu chamo de mururé. Ao passar por eles, deparamo-nos com um igarapé de água negra e gelada e com casas construídas ao redor; é um bem de uso comum. Essas casas, por sua vez,

margeiam o rio pela disponibilidade de água e a facilidade do acesso e são construídas em sua maioria de madeira com teto de telha de fibrocimento ou palha e encontram-se em torno de uma igreja e um centro comunitário. Em termos de contextualização histórica, é importante destacar que a partir do

início do século XX, deu-se início as fundações das primeiras comunidades as margens do rio Acutipereira, influenciadas, principalmente, pelo extrativismo do palmito e da madeira (Silva, 2020 *apud* Silva, 2020, p. 36).

O contexto de relação da comunidade com as águas, apresentado por Silva (2020), mostra um complexo quadro da reprodução social de um grupo que tem como marca uma perfeita adequação do homem e da mulher com a temporeza. Essa comunidade às margens do rio convive com uma terra submersa; a reprodução da sua unidade familiar depende de um rio, de uma “terra molhada”, denominada de várzea, e de uma “terra firme”, mais distante da casa de moradia, onde cuida de roças e viveiros de plantas, espaços que se misturam, criando uma linha quase imaginária entre as superfícies terrestre e aquática. Ainda, segundo Leite (2018, p. 28):

Na entrada da comunidade percebemos um mosaico não apenas das pontes construídas ao redor do igarapé, como também de uma vista de 180° graus de um *modus vivendi* que tem significado para os moradores daquele local. Nessa geometria, visualizamos residências com formas e cores diferentes, a igreja e o barracão comunitário, os trapiches que dispõem de formas e desenhos diferentes destinadas a mesma finalidade (tomar banho, lavar roupa, diversão das crianças e adultos). O que os comunitários chamam de beira do igarapé é constituído por um desenho bastante característico da vida naquele local. Pode-se observar que essas características foram e são dependentes da natureza, mais especificamente do formato do igarapé que circunda o mosaico comunitário.

Essas pontes dão acesso às residências dos moradores, à igreja e ao barracão comunitário; uma delas dá acesso às roças e ao campo de futebol que ficam localizados na terra firme, espaço que dispõe de, pelo menos, 600 metros de comprimento.

Essa comunidade consegue retirar os meios de sobrevivência necessários da terra e da água, como também constrói uma rede de relações sociais de venda que constitui o mundo do trabalho, fugindo da lógica capitalista com equilíbrio harmônico do ecossistema amazônico.

No entanto, nem sempre foi assim: em um passado recente, entre as décadas de 1980 até meados do ano 2000, a região marajoara foi marcada pela forte exploração dos recursos naturais com atividade madeireira e exploração do palmito, ocasionando grandes impactos ambientais em toda a região, até a ocorrência de um surto endêmico de raiva humana em 2004, nas localidades do rio Acutipereira, provenientes da mordedura de morcegos hematófagos. Nesse surto, foram registradas as mortes de 16 agroextrativistas (Silva, 2020). Os fac-símiles de um jornal da época retratam esse episódio (Figura 4):

Figura 4 – Fac-símile da notícia jornalística a respeito das mortes por raiva humana em Portel



Fonte: Jornal o Liberal – Edição 01 de abril de 2004

Fonte: Jornal o Liberal – Edição 06 de abril de 2004

Fonte: Silva (2020)

Segundo Silva (2020, p. 42),

este trágico episódio fez com que os moradores das comunidades deste rio refletissem sobre os impactos da ação do homem sobre o meio ambiente, pois a degradação da floresta obrigou a busca dos morcegos por novos habitats e novas fontes de alimentos. Criou-se então uma nova concepção quanto a relação do homem com a natureza, um novo entendimento sobre a necessidade de manter a floresta preservada. A partir desse lamentável acontecimento uma diversidade de ações deram início, promovidas e desencadeadas com o protagonismo local e suporte de órgãos públicos, organizações não governamentais, governo municipal, igreja, agentes de financiamento e instituições de ensino e pesquisa. Essa intensa rede de solidariedade, que se formou no decorrer dos anos, em meio a vivência de diversos acontecimentos com fortes impactos negativos para o meio

ambiente e principalmente para as pessoas, permitiu que nos dias atuais os agroextrativistas compreendam que a saída para a melhoria da qualidade de vida perpassa pelo incremento da renda familiar, busca por melhores condições de vida e o respeito à natureza, e isso só ocorre a partir de um intenso processo de organização e controle social.

Essa mudança de atitude possibilitou, ainda no ano de 2004, a criação da Associação dos Moradores do Acutipereira (ATAA), entidade que representa os agroextrativistas de Santo Ezequiel Moreno e de outras comunidades da região do baixo Acutipereira. Esse fator possibilitou o planejamento e a criação de diversas iniciativas inovadoras com reais poderes de transformação social, como o Fundo Solidário Açaí.

O FSA foi constituído a partir de uma metodologia colaborativa, tendo o açaí como principal produto, por ser o mais abundante na comunidade e por apresentar mais chances de gerar comercialização e renda. A cada lata vendida, ficou acertado, em assembleia, que 1,00 (um real) seria destinado ao fundo para aplicação em melhorias em favor da comunidade. Miranda *et al.* (2017, p. 67) relatam o nascimento desse fundo:

O nascimento do Fundo Açaí assemelhou-se ao rio Acutipereira e seu afluentes, com uma diversidade de eventos sociais e históricos que fizeram e fazem fluir como iniciativa coletiva e comunitária para o enfrentamento dos grandes problemas socioambientais vivenciados pelos moradores da comunidade Santo Ezequiel Moreno e seus pontos de curva, de mudança de ritmo, velocidade e até direção.

Cabe pensar que o “rio-tempo” do Fundo Açaí é marcado por furos, cursos d’água, cenários socioeconômicos e desafios para o desenvolvimento de ações cooperadas para a organização social local. No Quadro 4, evidencio algumas categorias apresentadas nas dissertações estudadas sobre o Fundo Solidário Açaí (FSA).

Quadro 4 – Fundo solidário Açaí (FSA)

Nº	Dissertações	Categoria(s)
1	Relações de trabalho na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Marajó/PA.	Leite (2018) não cita o FSA, o recorte está nas relações de trabalho e atividades agroextrativistas nas décadas de 1970 e 1980.
2	Para além do alimento: inovações sociais em torno do açaí na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Arquipélago do Marajó, Pará.	Inovação social (Moraes, 2020)
3	A economia solidária como vetor de desenvolvimento territorial do Marajó: estudo de caso da comunidade Santo Ezequiel Moreno, Portel (PA).	Tecnologia social emancipatória (Silva, 2020)
4	Do Peasants Make Science? Solidarity-based Strategies and Sustainable Livelihoods in the Amazon Estuary: a case study of the Açaí Solidarity Fund, Brazil.	Inovações locais; tecnologias sociais (Alves, 2020)

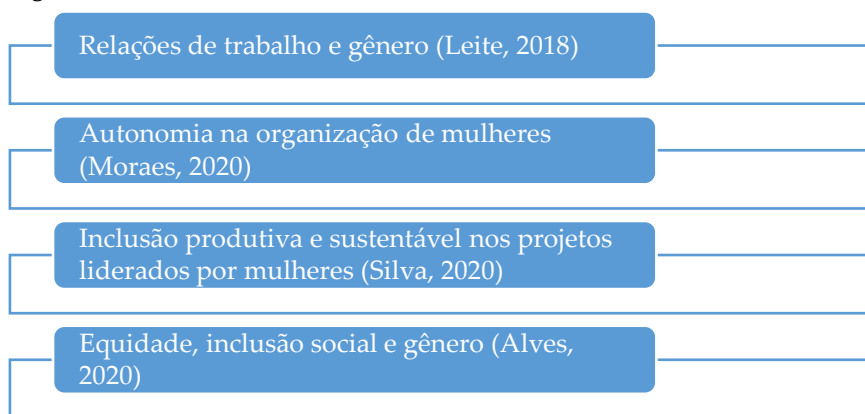
Fonte: Banco de dados da Capes (2022).

O FSA é uma ideia criada pela comunidade. Segundo Moraes (2020), o fundo é uma inovação social no local e na vida de cada comunitário e foge da linearidade, propondo teia de inovações. Para Silva (2020), o fundo é uma tecnologia social que estimula a diversificação produtiva e econômica da comunidade, permitindo a aquisição de bens e serviços coletivos no intuito de melhorar as condições de vida dos agroextrativistas, como alternativa à exploração predatória dos recursos naturais, reforçando a apropriação territorial, permanência na comunidade, afirmação coletiva da posse da terra e valorização dos recursos naturais locais por meio da transição para a produção agroecológica, evitando a degradação ambiental.

Alves (2020) evidencia que o Fundo Solidário Açaí é uma inovação local alicerçada em estratégias organizacionais, como cooperativas e fundos comunitários compartilhados, baseado em princípios de economia solidária originada e gerida pela comunidade SEM. Destaca ainda que é uma tecnologia social que tem impacto nos meios de subsistência e nos processos de redistribuição, produção e consumo sustentável. É, assim, um movimento de economia solidária e inclusão social.

Observa-se que o Fundo Solidário Açaí impulsionou a economia, gerando renda e qualidade de vida para a comunidade. Nesse contexto, minha perspectiva agora é destacar como as mulheres são percebidas pelos autores estudados, como eles as concebem dentro dos projetos e ações sustentáveis desenvolvidas. A Figura 5 apresenta um organograma sobre o principal alinhamento entre gênero e ruralidade evidenciado pelos autores.

Figura 5 – Gênero e Ruralidade



Fonte: Banco de dados da Capes (2022).

Leite (2018) evidencia as divisões de trabalho nas décadas de 1970 e 1980, em que as mulheres eram responsáveis pelos trabalhos domésticos e pela roça, cuidando de plantações diversas, principalmente a mandioca, e do manuseio do palmito. Afirma, ainda, que em poucas ocasiões as mulheres eram requisitadas para a extração do palmito, pois o corte de palmito na várzea era

considerado difícil e perigoso, por isso as mulheres quase não participavam dessa etapa do processo de trabalho.

Para Moraes (2020), o destaque referente às mulheres se dá a partir da sua organização por meio das inovações sociais presentes na comunidade. Nesse sentido, a cozinha agroextrativista Iaçá é uma dessas inovações, que nasce a partir do estreitamento com o projeto **“Mulheres Marajoaras: Inclusão Produtiva e Sustentabilidade”**, desenvolvido pelo Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), que ocorreu graças ao recurso do Fundo Solidário Açaí.

A **Cozinha Familiar** começa a ser construída em 2016, com a ideia inicial de erguer uma cozinha grande para a produção de refeições coletivas para eventos da comunidade. Posteriormente, a proposta agregou valor à produção e comercialização agroextrativista local, promovendo maior inserção da comunidade no mercado institucional e valorização da mulher no território (Moraes, 2020):

Um aspecto relevante no caso da Cozinha Agroextrativista Açaí é o protagonismo das mulheres e um elevado grau de autonomia das mulheres na condução de todas as etapas do desenvolvimento da inovação. O conhecimento utilizado para a preparação dos pratos feitos é das mulheres da comunidade e é composto principalmente de “conhecimentos tradicionais”, ou seja, “ciências” que são repassadas entre gerações em função do convívio diário na comunidade ou trocas de saberes (Moraes, 2020, p. 61).

A inserção de conhecimentos tradicionais à gastronomia local faz com que essas mulheres utilizem de forma mais eficaz os recursos florestais encontrados no seu território, usando o mínimo de ingredientes externos em suas preparações.

É importante destacar, ainda, que a existência da inovação social tem contribuído para que as mulheres alcancem maior autonomia, exercendo papel importante no combate à invisibilização do trabalho da mulher e na participação em atividades de gestão. Nesta perspectiva, compreende-se também que:

Esta iniciativa foi liderada pelo projeto Mulheres Marajoaras: **inclusão produtiva e sustentabilidade**, gerido pelas mulheres da comunidade Santo Ezequiel Moreno. É importante destacar que toda a infraestrutura em alvenaria fora construída a partir da mobilização popular e os alimentos produzidos estão sendo fornecidos à escola municipal da comunidade, por intermédio do PNAE. A perspectiva é atender a mais três escolas, além de produzir alimentos sob encomenda destinados à venda direta na comunidade e para outras comunidades vizinhas, bem como para eventos e feiras livres (Silva, 2020, p. 84, ênfase adicionada).

Quanto ao aspecto da gestão e organização da Cozinha Agroextrativista Iaçá, Silva (2020) acrescenta que as mulheres deram início às suas atividades com uma gestão baseada nas finanças solidárias e na prática de técnicas básicas na área gerencial, com controle administrativo, financeiro e contábil, gestão de pessoas e formação de preços, objetivando fortalecer as experiências solidárias de inclusão produtiva sustentável de famílias agroextrativistas do Marajó, com base no protagonismo das mulheres. Além disso, o projeto promoveu ações que visavam ao fomento à capacitação para a agregação de valor aos produtos da agricultura familiar.

O diferencial desse empreendimento solidário é a culinária marajoara, trabalhada pelo conjunto de mulheres da Cozinha Agroextrativista Iaçá. O açaí consumido pelos turistas é proveniente das boas práticas do projeto Manejaí, com o manejo de açaizais nativos das florestas de várzeas do Acutipereira, com mínimo impacto e respeito à natureza.

Alves (2020) evidencia que a comunidade desafia as abordagens econômicas em termos de renda e consumo e ressalta a relevância da inclusão social e da igualdade de oportunidades para se juntar aos projetos da FSA para mulheres e homens. Neste estudo, a inclusão social refere-se ao processo de inclusão democrática no processo de tomada de decisão dos desfavorecidos e ao acesso justo a oportunidades geradas.

Segundo Alves (2020), enquanto a maioria dos homens são peconheiros — designação da pessoa que sobe no açazeiro, com

auxílio da peconha, para a coleta do cacho do açaí —, no que diz respeito ao papel de mulheres residentes na comunidade, existem as mulheres que não conhecem os processos participativos da comunidade, como o tamanho do lote da família ou o que acontece nas reuniões, enquanto outras fazem parte da liderança da comunidade. O autor destaca ainda que algumas mulheres estão sobrecarregadas com tarefas, como limpar, cozinhar e cuidar das crianças e, às vezes, não participam das reuniões, com medo de incomodar os outros devido ao choro do seu bebê; enquanto outras mulheres estão acostumadas a viajar pelo Estado do Pará representando a comunidade, participam de projetos de ONG e das Universidades e fazem parte de grupos de liderança em FSA, ATAA e do Sindicato dos Trabalhadores, em Portel.

As dissertações trazem resultados de pesquisas que caracterizam a comunidade SEM, sua história de conflitos com a pobreza, os problemas ambientais causados pela extração desordenada da madeira e a consequente endemia de raiva humana, questões que trazem à tona a necessidade de ações urgentes para possibilidades de reinvenção. Nesses pressupostos, encontram caminhos no coletivo, uma força revolucionária de essência e resistência, traduzidas em tecnologias solidárias, como o Fundo Solidário Açaí, o Manejaí, a Cozinha Iaça e, mais recentemente, a Coopiaçaí. Esses projetos possibilitam a infraestrutura na comunidade, a abertura de mercados solidários e participativos e um florescer entrelaçado no “nós”, que, no entanto, ainda precisa rever e potencializar, em muitos aspectos, a participação e liderança feminina.

O Fundo Solidário açaí é a um elemento fundamental na “engrenagem” das outras tecnologias, e ele só é possível, porque, em coletividade, – com ampla participação das mulheres, inclusive em cargos de gestão – todos atentaram que o açaí era e é a principal riqueza comunitária.

3. AÇAÍ: O LASTRO DA COMUNIDADE SANTO EZEQUIEL MORENO



AÇAÍ, é símbolo da vida amazônica marajoara de estirpe anelado
AÇAÍ, bonança após período conturbado e ao bem viver atrelado
AÇAÍ, de ancestralidade e sentimento de cooperação
AÇAÍ, o lastro que mantém o equilíbrio e a inspiração

O que é o lastro?

LASTRO, aquilo que tem no barco
A parte pesada do fundo, um marco
Sustenta e não desequilibra
Tessitura com o lastro do bem viver que guia
Resignificando banco comunitário
O lastro é o açaí identitário

Do bem viver
O saber ser

Busca soberania em sabor sustentável
Em fundo solidário açaí desejável
Memória e história incomparável

Vivendo relações sociais cooperadas
Identidade e tradição reiteradas
Viver bem na comunitária construção
Entre enchentes e vazantes navegando
Rasas de açaí, o ouro, o lastro, partilhando

Jeovani Couto (Gil)
Breves, 13 de Junho de 2024, às 19:53

3. AÇAÍ: O LASTRO DA COMUNIDADE

SANTO EZEQUIEL MORENO

O açaí é mais que um fruto, assim como a floresta, ele é diverso: é trabalho, é memória, é renda, é comida, são relações sociais e cooperadas que se estabelecem a partir dele, ele é holístico e sistêmico, é cultura, tradição e ancestralidade, é o lastro que mantém o equilíbrio nessa dinâmica de enchentes e vazantes...

3.1 Cooperação, soberania e comunicação

Uma vez escrita a seção de análise, percebi que tive que explicar muitas coisas sobre as atividades cooperadas da comunidade na orientação de tese, e a curiosidade do meu orientador me fez refletir até eu chegar no navio que me levaria de volta para Breves. Inquieta, atei a rede, deitei e, em plena Baía do Guajará, matutei²⁸... matutei, desassossegada, mesmo que as águas estivessem tranquilas aquela noite, depois do “toró”²⁹ que caiu sobre Belém, no fim da tarde. Minha mãe sempre diz quando chove antes da viagem é bom sinal. Apeguei-me a isso e fui acalmando, à espera da resolução do conflito dentro de mim, assim como quem espera no fim da tempestade a bonança.

Será que estou me fazendo entender? Será que seria importante falar do significado do cooperativismo para a comunidade? Qual a motivação de tudo isso? Que movimento solidário se constituiu para que a cooperação fosse uma realidade? Qual o poder transformador de entender e cultivar uma ideia de coletividade? Será que alguns parágrafos na seção de análise bastariam para explicar tudo isso? Não!!! Pensei em voz alta, falando sozinha, enquanto o homem ao lado roncava. Desatei a

²⁸ “Matutei” vem do verbo *matutar*, regionalismo, o mesmo que meditei, pensei, considere.

²⁹ “Toró”, na região, significa “muita chuva”.

rede e fui para bem longe do homem que atrapalhava meu falar comigo mesmo, andarilha dos rios e confiante de que acharia o desfecho, afirmei: devo escrever uma seção anterior. Mas como construir isto? Que respostas posso dar sem que seja uma seção essencialmente teórica e linear.

O vento então soprou forte na embarcação, fiz uma pausa, lembrei do amigo Carlos Augusto Pantoja Ramos, conheci ele na comunidade Santo Ezequiel Moreno, em 2006, naquele enredo da seção posterior, por meio da qual conto a história do começo de tudo, do inferno que se transformou continuamente em paraíso. Ele estava fazendo uma consultoria naquele dia, lá no barracão da comunidade. Quem é ele? É engenheiro florestal, consultor socioambiental, doutorando do Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA/UFGA) e neto de macaquinho, como gosta de complementar – a piada se refere ao avô que nasceu no rio Macacos, município de Breves.

Desde aquele dia cultivamos uma amizade que só se fortalece ao longo dos anos, o que mais admiro nele é sua relação com as comunidades e como consegue sempre estar disposto a compartilhar saberes e aprender. Sobre nossa amizade, entre tantos episódios lembro de um, em especial, quando morre Dom e Bruno, em 5 de junho de 2022. O indigenista brasileiro Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips foram assassinados durante uma viagem pelo Vale do Javari, segunda maior terra indígena do Brasil, no extremo oeste do Amazonas. Somente no dia 15 de Junho a polícia federal decretou que não se tratava mais de desaparecimento, mas de assassinato.

Sei o quanto esse episódio estava doendo na alma do Carlos, porque ele também é um ativista social e já confrontou muita gente que acha mais importante transformar tudo em mercadoria em detrimento da floresta e dos povos tradicionais que habitam a região amazônica. Então, lhe mandei um *e-mail* em forma de carta, em que assino como Gil Couto – como os amigos me chamam – em 16 de junho de 2022, às 23h19min, escrevi:

Querido amigo Carlos,

Me bateu uma vontade de lhe escrever uma carta, eu gostaria que ela fosse com papel e a caneta, entretanto, vamos fingir que esse e-mail tem um perfume de papel e cheiro de tinta fresca, como no tempo de nossos pais, porque é sobre isso mesmo, acho que nossa alma é velha e vive o tempo que se foi na esperança que a tecnologia seja usada a favor da ancestralidade, do bem e da verdade. Te conheço faz um tempo e nessa trajetória sei um pouquinho sobre você para saber o quanto o dia de hoje pode estar sendo difícil. Li os versos para Dom e Bruno ao som de Vale de Javari que você escreveu e me emocionei, logo depois você me disse que tinha escrito para Dorothy e então chorei. Revivi o luto de Chico, Dorathy e tantos outros ambientalistas....

E em seguida você recebe a notícia do Assentamento Ilha do Carás, em Afuá, é possível que nem tenha dado tempo de enlutar pelos que partiram, porque a luta é mais forte que seu pranto. Eu tenho a pretensão que essa carta lhe traga algum conforto, que lhe diga que sua causa é justa e nobre, pelas formações que fazes e pela boniteza – parafraseando Freire – que trazes na poética florestal de teus escritos.

É possível fazer da profissão um ato de amor e de coragem. Li isso nos textos de Freire, li também que é preciso corporificar as palavras pelo exemplo, você tem me demonstrado que isso não é teoria para pedagogo decorar, é compreender, é praticar, é existir no esperar.

Que essa carta encontre também o homem que ama as mulheres de sua vida: sua esposa, sua mãe, suas filhas. Que encontre o pai especial do Vicente, um menino, um presente que a vida lhe deu, porque sim eu acredito que Deus escolhe pais e mães especiais, pessoas que conseguem trazer leveza e sensibilidade onde muitos enxergariam somente dificuldades.

Em defesa da natureza, dos animais, da humanidade, da família que ama, é assim que eu e muita gente te vê. Um poeta, um escritor, um militante, um amigo, para as horas em que o vento sopra e para quando ele para de ventar. Maré alta, maré baixa, lua vem, lua vai, anoiteceu, o tempo fechou. Doeou? Adoeceu? Logo vai passar, tempos difíceis também ensinam que devemos exercitar a caridade e a humildade, esses dons do espírito voltam para nós pelas mesmas mãos ou por outras mãos.

...chegou mais um dia, Amanheceu, Vem Carlos, vem contemplar os sentidos que teus versos trazem para a vida de muitos seres. Empate, farinha, gargalhadas, bem viver. Te desejo uma longa e prospera caminhada, hoje nem é teu aniversário, mais também é sobre isso, sobre celebrar a vida, todos os dias, e não guardar nenhum abraço que deve ser dado, nenhum olhar de admiração, nenhuma carta de gentileza.

Até as próximas linhas que a vida nos oportunizar escrever,

Um abraço maninho,

Gil Couto

E, no sábado, 18 de junho de 2022, às 21h34min, Carlos respondeu:

Gil,
Só pude chorar com tuas letras.
Erguer a cabeça depois do pranto e continuar nessa aguerrida caminhada.
Como a tua também é.
Do fundo do coração, te agradeço.
Chegou na alma.
Beijo.
Carlos

Fiz essa introdução afetuosa de amizade e relações de amor e liberdade com as comunidades rurais para dizer quem é o Carlos e o que ele representa não só para mim, mas para o Marajó e, especialmente, para a compreensão do trabalho colaborativo e associativo na comunidade Santo Ezequiel Moreno. Nessa perspectiva, trocamos a mensagem no aplicativo naquela noite no barco. Eu escrevendo texto, ele ora texto, ora áudio enquanto eu navegava, que transcrevo aqui:

[21:00, 26/05/2023] Gil- Oi maninho. Tudo bem?
[21:05, 26/05/2023] Carlos Augusto: oi Gil
[21:05, 26/05/2023] Carlos Augusto: quanto tempo
[21:05, 26/05/2023] Carlos Augusto: estás bem?
[21:05, 26/05/2023] Gil- Estou muito feliz, encontrei uma teórica que é a minha cara. Estou enamorada por bell hooks. Quem tá sofrendo é o meu cartão de crédito, termino um livro já quero comprar outro, ela é viciante. Está me ajudando a confrontar meus medos, me ensinando a transgredir.
[21:10, 26/05/2023] Carlos Augusto: simmm
[21:10, 26/05/2023] Carlos Augusto: já li um pouco
[21:11, 26/05/2023] Carlos Augusto: pouco mesmo
[21:11, 26/05/2023] Carlos Augusto: ela está gravada entre as grandes sociólogas da história
[21:12, 26/05/2023] Carlos Augusto: um dia me ensinas sobre ela
[21:14, 26/05/2023] Gil- Com muita alegria
[21:14, 26/05/2023] Gil- Estou no navio indo para Breves e gostaria que se fosse possível você me respondesse umas dúvidas, não precisa ser agora que já está tarde né, vou perguntar porque estou lembrando agora. É o seguinte, na minha tese apareceu as expressões miniagroindústria, agroindústria e

cozinha comunitária, meu orientador indagou: - Ué não são ações cooperadas? Indústria parece um contrassenso, o professor ficou confuso porque para ele indústria remete a exploração. Ele disse, que a cooperação exigiria um novo conceito, uma nova prática. Que expressão seria mais adequada em utilizar quando se fala da cozinha iaçá da comunidade Santo Ezequiel? Outra questão é o que seria economia solidária e esse tal de Fundo Solidário Açaí e banco comunitário, lembro uma vez que me explicasse de forma muito didática lá no Porto em Breves há muito tempo atrás, rememora isso aí para mim se for possível?

[21:15, 26/05/2023] Carlos: Deixa eu pensar....

[21:15, 26/05/2023] Carlos: O que eles têm são ações cooperadas, de fato existe, e na cozinha iaçá são tocadas até hoje por elas, estão ali na luta, no dia-a-dia, conseguiram montar uma estratégia muito interessante por que permanente. Mini agroindústria funciona, funciona sim, mais olha o que é interessante, não é só máquina, são as pessoas, porque você tem ali uma mini agroindústria de pequeno porte mais chega um momento que a energia elétrica não estava conseguindo manter a mini agroindústria mais por outro lado lá com as mulheres elas movimentavam e movimentaram sempre e o PNAE³⁰ ficou mais concentrado com elas, com seus produtos artesanais, quando é algo envolvendo popa de fruta aí vai na mini agroindústria, mais eu percebo que tem dado mais certo na cozinha iaçá porque é um trabalho realmente coletivo, acho que tem níveis de coletividade dentro de uma comunidade, acho que isso para mim ainda é uma coisa muito importante no Santo Ezequiel moreno.

[21:20, 26/05/2023] Carlos: Agora tu imagina uma comunidade que conseguiu entender que se tirando uma pequena parte de sua produção ela poderia ter uma reserva, tu imagina agora pessoas que trabalham com castanha pensarem assim, é possível fazer um fundo florestal com castanha outros com fundo florestal açaí, o pessoal da estrada de Breves iniciou, fez um teste com farinha e conseguiram assim palpar, então assim são formas de entendimento daquilo que é você valorizar sua produção guardando um pouquinho, um pouquinho que seja para investir coletivamente em algo que possa ajudar todo mundo, isso é uma revolução, a comunidade entende isso e Santo Ezequiel Moreno vai buscando parceiros porque o pessoal vai vendo que ali tem respostas, é interessante que o santo Ezequiel moreno passou a ter capital intelectual, porque quando coloca o pessoal para estudar você sai da situação que estava preocupado só em comer, então você começa a produzir, depois você começa a poupar, depois em investir, inclusive em intelecto, formação em técnico em agropecuária, daqui a pouco tem alguém

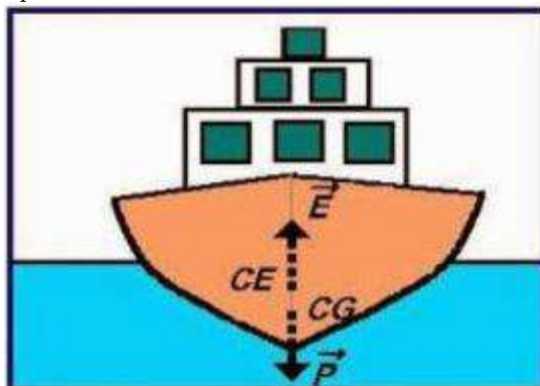
³⁰ Programa Nacional de Alimentação escolar.

estudando contabilidade, então assim, as coisas vão avançando a partir do entendimento da própria produção, que a própria floresta pode bancar isso. [21:21, 26/05/2023] Carlos: O fundo solidário açaí do Santo Ezequiel Moreno ele é uma proposta local, real do que é o entendimento sobre lastro, lastro na economia é como se fosse aquilo que tem no barco, todo barco tem o lastro, o barco e a economia tem algo em comum o lastro, o lastro é a parte pesada do fundo, do barco que faz com que ele não desequilibre nem para um lado e nem para o outro e consegue manter ali, fica “tariando” como a gente fala, sem o lastro ele pode tombar para o lado, a economia é a mesma coisa. O que que é lastro? O que equilibra a economia para não ir nem para um lado e nem para o outro? O que mantém uma firmeza para você poder progredir por muito tempo foi o ouro, o ouro era o lastro dos países, quando chega o capitalismo na sua forma neoliberal ele abandona o ouro que é algo real, ele abandona a produção e começa a assumir o próprio dinheiro, o dólar, então você começa a gerar riquezas sem lastro, é papel, é papel só, não é uma coisa real, produção que faz as pessoas realmente entender aquilo como concreto, no caso do santo Ezequiel moreno o lastro é açaí, eles conseguiram entender que se eles conseguissem vender uma rasa de açaí que sairia a vinte reais e mantivesse um real por rasa dentro da comunidade de cada rasa eles teriam lastro e até hoje eles tem lastro, não importa o que aconteça, todo ano eles tem 40 mil reais, 30 mil reais, 20 mil reais para poderem fazer aquilo que é essencial para a comunidade, daí que é o avanço do santo Ezequiel Moreno em termos sociais porque o lastro é justamente para atacar lacunas que o governo federal, estadual, municipal não consegue propor, se toda a comunidade amazônica entendesse o lastro talvez nós tivéssemos menos situações de carestia, então essa é a ideia do Fundo Solidário Açaí ele é o lastro da comunidade, uma espécie também de banco comunitário porque não, mais é um banco que não tem uma moeda, onde a própria moeda é o próprio açaí, uma espécie de fundo de reserva para os tempos difíceis e também para investimento.

[21:23, 26/05/2023] Gil- Você pode dar um exemplo mais concreto do sentido literal de lastro?

[21:26, 26/05/2023] Carlos:

Figura 6 – Exemplo de Lastro



Fonte: Texto “O determinante das riquezas futuras” (Ramos, 2014).

E complementou citando um trecho do referido escrito:

Lastro é um termo que vem da engenharia e que se dirige a qualquer material usado para aumentar o peso ou manter a estabilidade de um objeto. Em embarcações o lastro podem ser pedras e mesmo a água para trazer equilíbrio no balanço de sua viagem. Na economia, o princípio é mesmo: manter a estabilidade econômica de um país para que as pessoas possam também desenvolver-se neste quesito. O caso mais comum de lastro econômico é a relação entre moeda e ouro. Desta maneira, na medida em que uma determinada nação consegue mostrar em cédulas o quanto tem em ouro denomina-se bastante lastreada. (Ramos, 2014, p. 1).

[21:28, 26/05/2023] Carlos: A comunidade Santo Ezequiel Moreno tem seu lastro, o açaí

[21:30, 26/05/2023] Carlos: Eu quero insistir nisso, que mais importante que as máquinas, que a mini agroindústria é o **sentimento de cooperação**, muitas vezes a gente cria alternativas sem sentimento de cooperação, e as cooperativas acabam falindo, agora temos um monte de cooperativa sendo articulada pela OCB (organização das cooperativas do Brasil), que tem ligação com o agronegócio, e assim, acabam se afastando, há uma mentalidade de afastar a cooperativa do sindicalismo, o que é errado, na nossa história de luta isso é equivocado, existe outras frentes de junção de cooperativa que as pessoas não vão discutir estratégias de cooperativismo, o que acontece é que cada vez mais as cooperativas no Pará vão se afastando do sindicalismo e vão ficando mais perto do agronegócio, só pra gente

entender isso aí, a cozinha ia cá mantém a cooperação que é mais importante que um CNPJ³¹.

[21:31, 26/05/2023] Gil- E o que eu acho interessante que eles têm um capital intelectual, querem expandir redes de cooperação, mais ainda não se interessaram em construir uma escola comunitária. Entendo que eles querem focar na economia solidária.

[21:35, 26/05/2023] Carlos: Eles têm uma estratégia muito interessante de economia solidária, de cooperação, mais forte que cooperativismo, de equidade de gênero, de valorização da juventude, então assim Santo Ezequiel Moreno tem uma estratégia a longo prazo.

[21:40, 26/05/2023] Gil- Me fala mais de como você entende as mulheres nesse contexto

[21:41, 26/05/2023] Carlos: Quem inspirou a luta primeira do líder comunitário, que é o articulador inicial, foi a sua avó, ele tem o sentimento da avó, não que ele não tivesse conhecido o avô dele, não que ele não tivesse carinho pela mãe dele, mais foi a avó nas conversas que tive várias com ele, que despertou a luta, a vó dele, e se tu perceberes ele tem uma característica de não centralizar, ele sempre repartiu sonho, repartiu liderança, nasceu muita liderança de mulheres na comunidade, não é à toa que uma delas virou até presidente do sindicato rural, acho que isso é interessante, é alimentado todo tempo. A figura da esposa³² dele é uma liderança diferente, e a técnica dela é genial, porque assim, você pode ser um técnico articulador, mais ser um articulador por alguma coisa é muito melhor, e ela tem essa arte da cultura alimentar, e tudo isso aí deu jogo né. Isso acontece em outro lugar? Pode acontecer, pode não acontecer. É as pessoas certas juntas que fazem a diferença, a juventude que se renova vem depois, e soma muito na comunidade e daqui a pouco chega a liderança jovem das mulheres que também é interessante pela força de trabalho, que cresceu porque **tem uma discussão de gênero, que pode não ser teórica, escrita, mais é praticada**, e isso é muito interessante.

[21:40, 26/05/2023] Gil- Por que a vó inspirou? Você sabe a história?

[21:41, 26/05/2023] Carlos: Ele me falou que tinha aquela situação de você remar até a parte de terra firme, remava uma hora, uma hora e meia e a avó

³¹ Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) é o número designado pela Receita Federal na abertura da empresa. Ele serve para identificar o negócio nos mais diversos tipos de atividades, como a emissão de notas fiscais ou o pagamento dos impostos.

³² Carlos cita o nome do líder comunitário e o nome da esposa e reforça o valor do saber que essa mulher tem. Entretanto, como a tese não fala só de saberes, fala também de opressões, resolvi não nominar nenhuma mulher, mesmo nesse caso específico.

reclamava, poxa ninguém faz nada para poder diminuir esse tempo, ela reclamava que era preciso fazer um caminho que encurtasse e que diminuísse o tempo entre a várzea e a terra firme. E acho que ele trouxe isso com ele e quando chegou o fundo açai eles fizeram a ponte de 600 metros.

[21:51, 26/05/2023] Carlos: Mano, estou fazendo seções em que a subjetividade é o foco, trazendo diálogos, uma percepção sensível, diria uma professora minha, um devaneio diria outra, com uma concepção mais dura. Vou tentar fazer essa viagem da economia solidária a partir do olhar curioso e sutil se você puder ler quando eu escrever essa seção e me dizer o que acha, agradeço.

[21:53, 26/05/2023] Carlos Augusto: Tá bom

[21:55, 26/05/2023] Carlos: Sempre contigo

[21:53, 26/05/2023] Carlos Augusto: conta comigo

[21:54, 26/05/2023] Gil- Muita gratidão por tudo

[21:57, 26/05/2023] Gil- Você faz parte da minha história, te levo comigo sempre. Nem preciso lembrar de ti todo dia, nem falar com você sempre. Mais na memória e no meu coração estás presente. Uma sutileza de amizade, bondade, generosidade que transcende essa vida. Obrigada Deus por sua existência. Abraços!!!

[22:01, 26/05/2023] Carlos Augusto: Gil, nós somos rios, ventos e floresta.

Que o Rio Pará nos guarde.

[22:01, 26/05/2023] Carlos Augusto: fica bem

[22:01, 26/05/2023] Carlos Augusto: bjs

O diálogo com Carlos me permite ampliar a concepção de cooperativismo que eu tinha até conhecer a Comunidade Santo Ezequiel Moreno. Mais que institucionalizar uma proposta, a principal preocupação da comunidade é desenvolver **ações cooperadas**, integradas, coletivas. Um sentimento que é cultivado ao longo do tempo. Neste sentido, Ramos (2021) evidencia dois conceitos interessantes para a desenvolvimento sustentável do território, que é a **soberania**, “na tentativa de evitar que se instale a fome” (Ramos, 2021, p. 6); e a **comunicação** “que exige a participação consciente dos indivíduos” (Ramos, 2021, p. 7); e complementa dizendo:

faço uma primeira tentativa de exercício lógico em unir as duas palavras, “Soberania” e “Comunicação”. Arrisco a dizer que a Soberania do Comunicar é o poder mais alto em um território que garante à sua sociedade

o direito de ter relações de participação recíproca, de compreensão e consciência da vida entre seus interlocutores (Ramos, 2021, p. 8).

Neste percurso, as práticas agroecológicas gerenciadas pela comunidade contribuem para seu equilíbrio e desenvolvimento organizacional, garantindo a sociobiodiversidade e o bem-viver, a partir do momento que todos em comunhão entendem o seu lugar “como sendo um lugar de vida, onde planta-se, colhe-se e comunica-se com a natureza com religiosidade e crenças” (Ramos, 2021, p. 6). Ao exercitar a soberania, a comunidade quebra o ciclo da pobreza e de exploração econômica, uma vez que se criam possibilidades de ter uma relação comercial justa e igualitária, além de se produzir excedentes para investir na própria comunidade. A isto chama-se liberdade e, para garantir a permanência desse direito, é fundamental a “soberania do comunicar” (Ramos, 2021, p. 9):

as descobertas das chamadas **Florestas Antropogênicas na Amazônia** reforçam as evidências que o caminho da humanidade pode ser harmônico com a natureza. Desconcertante e ao mesmo tempo esperançoso é saber de que “o futuro é ancestral”, como diria Ailton Krenak, corroborado pelas descobertas do manejo florestal praticado há milênios segundo as investigações arqueológicas de Laura Furquim, Jennifer Watling, Myrtle Shock e Eduardo G. Neves (Ramos, 2022, p. 7).

A relação de respeito com a natureza e a comunicação entre os comunitários é fundamental para que se efetive, com dignidade e simplicidade, os modos de vida e produção com ações cooperadas. Para tanto, é necessário que as atividades em manejo florestal abordem discussões sobre associativismo e cooperativismo em seus territórios, equidade de gênero, comercialização justa e sustentável dos recursos florestais, entre outras práticas que podem conduzir ao bem-viver.

E o açaí, que é base da alimentação e da comercialização, é o “lastro” e a ancestralidade dos povos originários, símbolo da vida amazônica (Ramos, 2021). A comunidade Santo Ezequiel Moreno

entendeu isso e faz do fundo solidário açaí uma de suas principais estratégias.

Uma dessas iniciativas foi uma experiência de fundo florestal comunitário, conhecido como “Fundo Açaí”, que foi constituído num longo processo de organização social que culminou com sua criação na safra de açaí de 2010. A ideia para formação do fundo era simples: a cada lata de açaí coletada e comercializada, o membro da comunidade doaria R\$ 1,00, formando um fundo que custearia investimentos em bens e serviços que melhorassem a qualidade social e ambiental da vida dos moradores da comunidade. Porém, assim como o açaí *Euterpe Olerácea*, que se desenvolve em uma touceira com várias brotações em diferentes estágios de desenvolvimento, na qual haverá diversas árvores adultas, o Fundo Açaí também multiplicou e complexificou sua influência. Hoje são contabilizados 16 projetos ou ações desenvolvidas com recursos do fundo e parceiros, tais como a construção de uma ponte de 690 metros interligando a área de várzea e terra-firme da comunidade, a instalação de uma mini agroindústria para o beneficiamento da fruticultura comunitária e o início da construção de uma pousada e restaurante. Estimulados pelos benefícios do fundo, os comunitários interromperam o ciclo de exploração predatória do palmito de açaí e começaram a fazer o manejo dos açaizais para aumentar a produção de frutos. Ademais, começaram a atuar diretamente na política da merenda escolar municipal, por meio da inclusão de produtos da **culinária agroextrativista** no cardápio (Paiva; Miranda; Silva, 2017, p. 60, ênfase no original).

O Fundo Florestal Solidário Açaí é uma prática colaborativa que exige um saber viver e saber ser em comunidade, no coletivo. Permite desenvolver um pressuposto educativo e formativo na práxis “que se dá nos mais diversos espaços não escolares (encontros da comunidade, atividades dos movimentos sociais, processos formativos locais e supralocais etc.)” (Paiva; Miranda; Silva, 2017, p. 69). Essa concepção educativa está na origem do FSA, possibilitando uma prática de liberdade econômica e social e permitindo uma compreensão mais ampla de comercialização e de vivência cooperativa e associativa, pressupostos educativos.

Essa marca da educação na comunidade é algo valorizado até hoje, com sinais bem concretos, tais como o engajamento para a instalação da educação diferenciada no município, com a Escola Saberes da Terra, a participação

direta na construção da escola de ensino fundamental dentro da comunidade e a contribuição na formação de três comunitários como técnicos agrícolas de nível médio. Nesse sentido, na gênese do Fundo Açaí, a educação atuou como um componente impulsor e animador para a mudança ou transformação da realidade pelo enfrentamento aos problemas socioambientais (Paiva; Miranda; Silva, 2017, p. 69).

Nesta perspectiva, a partir de 2010, surgiu a ideia, construída pela comunidade SEM, de se criar uma poupança coletiva, no intuito de investir em melhorias na comunidade. **“Ressalta-se que essa ideia do fundo teve uma adesão entusiástica e protagonista das mulheres da comunidade”** (Paiva; Miranda; Silva, 2017, p. 74, ênfase adicionada), que participaram e ainda participam na gestão, produção e organização do fundo e das demais tecnologias sociais que surgiram a partir dele. Ações essas fortalecidas pela Associação de Moradores do Rio Acutipereira e pelas lutas sindicais.

Um dos marcos das melhorias em infraestrutura, a partir dos recursos do FSA, foi a ponte de 600 metros construída, em 2012, ligando a área de várzea – onde estão as casas, a escola, o barracão comunitário, a igreja, a miniagroindústria, o manejaí – à área de terra-firme – onde estão localizadas as roças, a área de manejo, das frutíferas e viveiro de mudas. A ponte é um símbolo da atividade exitosa chamada Fundo Solidário Açaí.

Figura 7 – Ponte de 600 metros na comunidade SEM



Fonte: (Paiva; Miranda; Silva, 2017, p. 77).

A partir da ponte, se efetivaram outras melhorias, como o poço que foi feito na terra firme e que permitiu trazer água potável para

a comunidade, melhorando a saúde de todos, como ter acesso à área de produção e reflorestamento, como ter atividades socializadoras e recreativas com a construção do campo de futebol na área de terra firme. O fundo foi o alicerce da construção comunitária, e o açaí o lastro necessário ao equilíbrio. Um salto logístico, um valor material que valida a eficácia do fundo e a potencialidade transformadora e libertadora das ações cooperadas.

A comunidade compreendeu que a substituição da extração da madeira, do palmito do açaí para a produção do açaí e outros produtos florestais, valorando a preservação e conservação dos recursos naturais aumenta o valor econômico e social e garante a autonomia dos sujeitos. Outra maneira que a comunidade encontrou de aumentar a diversificação produtiva foi a implantação de tanques de piscicultura, aviário, construção de quiosque, restaurante para os turistas e pesquisadores e a culinária agroextrativista; essa última possui potencial turístico e possibilidades de ingresso e permanência no Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Esse lastro comunitário pra você investir nas hortaliças, investir na piscicultura, investir na agricultura, investir na meliponicultura, investir no manejo de outras essências florestais e das frutíferas da floresta. Tudo isso, pra mim, é o resultado desse fundo. Imagina, você sempre tá dependendo de crédito bancário, de banco, de Pronaf e tudo mais, e de repente perceber que tem algumas coisas que a própria floresta entrega, é só guardar um pouquinho que você vai ter uma mini agroindústria, foi o que eles fizeram (Carlos Pantoja Ramos em entrevista concedida a Paiva; Miranda; Silva, 2017, p.74).

Figura 8 – Açaí sendo transportado para comercialização



Fonte: (Paiva; Miranda; Silva, 2017, p. 62).

O Fundo Solidário Açaí (FSA) é uma estratégia territorial, ambiental e política, promove o diálogo ao incentivar a participação comunitária nos debates internos, em formações, articulação de parcerias e ao criar possibilidades outras de enfrentamento às ameaças do território. Criar um lastro com o açaí a partir da institucionalização do fundo configura-se como um processo que traz identidade, alteridade e permanência com qualidade de vida para os comunitários.

Tendo consciência do valor econômico do açaí, a comunidade resiste e valoriza os recursos naturais, contra atravessadores, madeireiros e demais expropriadores. O conhecimento do potencial de seus recursos e de sua organização liberta as consciências, o trabalho e transforma realidades. Essa virada influenciou

a extração da madeira no estuário amazônico, porque entre carregar uma rasa de 14 kg do fruto do açaí, ter o pagamento feito na hora, ao entregar os frutos e içar toras de madeira para as serrarias (ou vender as toras mesmo), serrá-las e esperar pelo pagamento das estâncias ou madeireiras maiores com toda carga e sequela dos anos nessa atividade penosa, muitas famílias optaram pelo açaí. A vida com o açaí não é toda uma maravilha, também é difícil, no entanto, a peconha é bem menos perigosa que uma motosserra(...) a partir do crescimento do açaí, enquanto meio econômico da vida(...) posso

dizer que o açaí manteve as fortes ligações que não envolviam finanças, como o ato de garantir “o do bebe”, tão importante quanto colocar as rasas no porão das embarcações próprias ou de atravessadores para seguirem para a comercialização; primeiro, minha família é consumidora do açaí (é o social); depois, eu vendo o açaí (é o econômico); a seguir eu mantenho o açazal (é o ambiental); assim, eu mantenho, na minha própria memória, uma ideia daquilo que se chama **comunidade da floresta** (Ramos; Maciel; Souza, 2023, p. 59-60).

O açaí é mais que um fruto, assim como a floresta, ele é diverso: é trabalho, é memória, é renda, é comida, são relações sociais e cooperadas que se estabelecem a partir dele, ele é holístico e sistêmico, é cultura, tradição e ancestralidade, é o lastro que mantém o equilíbrio nessa dinâmica de enchentes e vazantes, de diversas margens de rios, onde existem pessoas, comunitários, viajantes, pesquisadores, consultores, homens e mulheres que têm algo em comum: a luta pela vida digna no território de furos, de igarapés, de baía, dos mururés, do najá, de tucumã, que movimenta águas, floresta, fauna e flora, que mobiliza, nessas curvas de rios, pessoas. Na floresta tem gente, tem homens e mulheres de luta, de invenção e reinvenção no coletivo, tendo o açaí como o lastro do bem-viver.

Desligo o celular, olho para o céu. Está limpo, só vejo água no horizonte, volto para rede, ainda tem uma longa noite até chegar pela manhã no meu destino, nem todas as perguntas estão respondidas, não me intrigo com isso. Os questionamentos foram feitos para continuarmos à procura de respostas, esse é o sentido da pesquisa e das lutas no movimento social do campo, que bom que tenho amigos comprometidos para indagar, que bom que tenho um navio com lastro para navegar, aprendi essa lição também nessa noite. Que pedagogia revolucionária essa que constitui as comunidades da floresta e que destaca também a participação das mulheres, como um fio de novelo comprometido com a grande teia colaborativa de sutilezas, força, compromisso e serenidade de mulher.

Para compreender a Amazônia Marajoara em que se insere a comunidade dessas mulheres, é imprescindível saber que nesse

contexto existe um tempo que não depende da vontade humana, regido pelas marés, pela lua, pelas matas, em que os seres humanos se conectam e definem suas relações de trabalho, de lazer e de viver. São temporalidades de mim, das comunidades e das mulheres em conversas com a natureza, temporeza. Um tempo que se entrelaça no Marajó da várzea e da terra firme, especificamente na singularidade e diversidade da comunidade Santo Ezequiel Moreno.

4. TEMPOREZA

Temporeza

É tempo de nascer, de crescer e viver
Regido pelas maré, lua e matas, movimento cíclico, bem viver

É dispersão de sementes, temporalidade de mim e de nós
Epistemologia de saberes, da natureza na comunidade ou a sós

É Mãe terra, botânica feminina, floragua
Estética do imaginário e da comunidade feminista de resistência, desagua

Dialogicidade, tempo da natureza
Círculos de afeto, de memórias e histórias, Temporeza

Frutas amazônicas, cheiros e sabores
Genealogia no comer, no rememorar, no amar, nas cores

Estética do belo e do feio em dualidade de existência
Beleza amazônica e problemas sociais em evidência
Temporeza é poética, é comunidade de resistência

Relações metafóricas de mururé
Botânica de saberes e do que vier

Diálogo ecológico, sociocultural
Bem viver, equilíbrio de saber intercultural

Situadas nas curvas de um rio, acolhimento
É tempo menina, saber de idoso, é pertencimento

Jacovani Couto (Gil)
Breves, 25 de junho de 2023

EXB

4. TEMPOREZA

Tempo que não corre apressado, que anda sossegado, que sabe dialogar com a natureza que é cultura, com a cultura que desagua na natureza.

Temporeza, sabedoria de velhos que se fazem meninos conhecedores do tempo, sabedores das marés e das luas, de entrada em barrancos, do tempo de plantar e de sossegar.

4.1 Saberes da natureza marajoara

Temporalidade e natureza: juntei essas duas palavras e nasceu **temporeza**, entretanto, antes de essa palavra existir, em sua definição, eu já sentia que ela causava mudanças em mim e em muitas outras pessoas. Isto porque o processo de compreensão da temporeza é sossegado e sem tempo cronometrado, soltando os seus saberes ao vento, como dispersão de sementes e protagonizando diálogos com comunitários, viajantes e pesquisadores. Uma epistemologia da natureza, que é mãe terra, em dialogicidade.

Para constituir essa palavra, foi preciso navegar, percorrer, conhecer, ao som de barco “popopô”, que corta o silêncio entre águas e florestas, na verde mata, na água escura, no mururé, onde homens e mulheres, morando em casas construídas sobre as águas, casas ligadas por pontes, coletivos de pessoas aparentadas de sangue ou de convidados³³, apresentam um Marajó de vivências, de experiências, de belezas, de incertezas, de esperanças, de um tempo regido pelas águas e pelas florestas, no tempo da natureza, na temporeza.

³³ Mutirões cooperados e alternados para a realização de trabalhos agroextrativistas em lotes familiares.

Maré baixa, maré alta, lua cheia, lua minguante, tempo de nascer, tempo de crescer, tempo de viver. Nessas temporezas, têm trabalho, produção, têm construção e desconstrução, quando as relações se estabelecem em caminhos e descaminhos na infância, na juventude e na velhice. Sutilezas dos idosos, das memórias, das histórias contadas de geração em geração.

Meditando, pensando e ponderando sobre natureza, não é possível reduzir a um sentindo. Há perfume no Breu Branco e encantos pelo Ipê de Várzea, como é bela a visão da branca flor sobre a água escura dos igarapés que desagüam no rio. Tem manhã e, por vezes, tarde de chuva que aquecem a água, enquanto os meninos brincam de dar saltos sobre o trapiche.

Japiim tecendo seu ninho, canto de pássaro, conta o silêncio do pensamento sem fim. A água ao secar, brincadeira de criança acaba, alguns correm para subir na palmeira mais popular do Marajó, com peconha no pé; esses, por sua vez, têm que ter habilidade para tecer e para subir com ela. Ninguém se preocupa com as dificuldades, a recompensa vem pretinha nos cachos, açaí mais que um fruto, alimento que vai bem com peixe frito, com farinha torradinha, com camarão de água doce. Sabores da infância que acompanham o marajoara por toda a sua vida.

Cheiros e sabores das frutas amazônicas, em sucos, em doces e salgados, é najá, pupunha, cupuaçu, tucumã, taperebá³⁴. É tanto cheiro e gosto da natureza exposto, *in natura* ou misturado com os ingredientes da receita da avó, que agora é da filha, da neta. Comer também tem sua genealogia, sua familiaridade e afetividade. Cores, sabores, gentileza, carinho e aconchego também estão nos caldos, no cantar da farinhada³⁵, em feliz de viver.

E quando o abraço vira laço, se tornou parente, mesmo que não seja de sangue, se uma família tiver a sorte de ser apadrinhada por uma comunidade, ela se torna a própria comunidade, e aí tem

³⁴ Frutas da Amazônia.

³⁵ Cantiga popular sobre a fabricação de farinha de mandioca.

cuidado, no aperto de mão, no abraço, na coletividade demonstrada, na força de trabalho com as ações cooperadas.

O toque se dá também na igreja, nos cânticos de abraços, na paz anunciada pelas mãos e pelas orações, o círculo de afetos se estende até as reuniões no barracão das comunidades. Antes de qualquer projeto, as danças, o momento lúdico. Com abraços, com mãos que se entrecruzam, com os sorrisos e gargalhadas, momentos que nos fazem rememorar os “Centros Comunitários” nos bairros das pequenas cidades no Marajó. Memórias de um tempo que a comunidade faz os sentidos reviverem.

A vida não passa despercebida: são diferentes sons, cheiros, toques, gostos e cores que se misturam e se completam. É o que se faz no agora, na esperança do amanhã e no que está nos guardados da memória.

Navegando, o sol nasceu e se pôs, nos cascos. Os meninos acenam ao longe, quando os barcos cortam as águas e encontram as cidades do Marajó que são mais rurais do que se imagina. Nelas, os rabos de rabeta³⁶ passam apressados em carretos, ou mesmos nos cascos das próprias rabetas. Os portos são pontos de embarque de pessoas em busca de saúde, de faculdades, de tantas coisas mais nesse vai e vem de embarcações e de pessoas, com objetivos e sonhos em malas que, de tantas andanças, não dão tempo de desfazer.

No contexto das comunidades, há uma estética do belo e do feio: um entrelaçamento da belezura da abundante natureza amazônica com os recorrentes problemas sociais e a falta de políticas públicas tão necessárias às populações tradicionais.

A resistência está na inventibilidade, no inédito viável³⁷ (Freire, 2014), na construção do que ainda não foi feito em

³⁶ Pequeno motor acoplado na traseira de pequenas embarcações, é conduzido manualmente, com a ajuda de um bastão que determina as direções.

³⁷ Inspirado no conceito do educador Paulo Freire, inédito viável é a possibilidade, ainda inédita, de ação que não pode ocorrer, a não ser que superemos as ações limites.

alteridade, em organização social dos projetos e fundos solidários. Diálogos de ação-reflexão-ação em prol do Bem-Viver.

Problematizar com Freire, a partir do inédito viável, é pensar estratégias coletivas dentro das comunidades por meio das quais os moradores do grande arquipélago Marajó possam ter maior sucesso diante da excludente realidade social, para inédito-viabilizar atos-limites, no intuito de gerar mudanças sociais e ambientais.

O livro *Pedagogia dos sonhos possíveis* (Freire, 2014) provoca os sujeitos à luta, que é sempre permanente e coletiva. Uma luta constante contra as desigualdades e injustiças sociais, dentre elas, a fome, a exclusão, a violência, seja física ou psicológica, o acesso à terra, à água de qualidade, ao direito ao trabalho cooperativo, contra a discriminação e o patriarcado. Essa superação de situações-limites é um exercício que se move pela esperança, pressupostos que comunicam com as ações que se constroem coletivamente em prol do Bem-Viver.

O **Bem-Viver** recupera o saber ancestral, rompendo com o processo de alienação e acumulação capitalista. O Bem-Viver se afirma na harmonia e na convivência entre os seres humanos, na similitude entre o sujeito com ele mesmo, entre o sujeito e a sociedade e entre a sociedade e a natureza e todos os seres vivos. E também

se expressa na articulação política da vida, no fortalecimento de relações comunitárias e solidárias, assembleias circulares, espaços comuns de socialização, parques, jardins e hortas urbanas, cooperativas de produção e consumo consciente, comércio justo, trabalho colaborativo e nas mais diversas formas do viver coletivo, com diversidade e respeito ao próximo (Acosta, 2016, p. 16).

O bem-viver é uma oportunidade para construir um mundo diferente, um outro mundo será possível se for pensado democraticamente, com os pés fincados nos direitos humanos e nos direitos da natureza.

Nem todas as comunidades do Marajó vivem essa coletividade, isso é bem verdade, entretanto, as que ousam abrem caminhos para uma economia sustentável e para a valorização dos saberes. Em um tempo que não corre apressado, que anda sossegado, que sabe dialogar com a natureza que é cultura, com a cultura que desagua na natureza.

Temporeza, sabedoria de velhos que se fazem meninos conhecedores do tempo, sabedores das marés e das luas, de entrada em barrancos, do tempo de plantar e de sossegar.

Nessa perspectiva, se insere o debate sobre o saber ambiental,

O saber ambiental integra essa perspectiva à medida que se configura como uma epistemologia política que visa dar sustentação a vida; é um saber que vincula os potenciais ecológicos e produtividade neguentrópica do planeta com a criatividade cultural dos povos que habitam na terra (Leff, 2010, p. 201).

Tradição: esse é o significado desse saber ambiental, uma pedagogia da oralidade passada de geração em geração, uma ontologia poética da existência humana, incorporação de vivências, valores e interpretações dos fenômenos da natureza, dado que

os saberes ambientais dão conta de uma diversidade de formas de abstrações, apropriação e uso de recursos naturais por homens e mulheres que, pautados por costumes e hábitos, incorporam valores locais na relação que estabelecem com a natureza para produzir diferentes afazeres no seu cotidiano social, resultando em diferentes formas de produção de saberes (Silva; Cuimar, 2016, p. 131).

Esses saberes são atravessados pelo cotidiano, pelas vivências e relações sociais, são saberes entrelaçados pelas temporalidades do ser humano e da natureza em intrínseca relação com as memórias sociais locais.

Em todas as andanças, tem sempre um anfitrião ou uma anfitriã, com suas sabedorias dos contos, dos remédios bons de se curar as feridas do corpo e da alma, que são contadores de causos, imaginários que se constroem de tempos em tempos. Pessoas que

trazem as marcas do tempo nos rostos, nas mãos e na memória, saberes e fazeres, que nem sempre querem ser contados, silenciados por sofrimentos próprios ou alheios. São homens e mulheres que oferecem café para todos os visitantes. As narrativas de suas vivências, no entanto, não são oferecidas a todos e todas, é preciso conquistar sua confiança, depende do comportamento de quem chega, do cuidado que tem com os outros e as outras, com a atenção dispensada ao idoso e à idosa, sobre qualquer assunto que ele ou ela deseja anunciar. Quem chega apressado, parte logo e não volta, porque os sábios e as sábias, não tem pressa, aprenderam com a natureza a observar, experimentar, regredir no tempo quando necessário, contemplar e amar.

O amor não tem tempo cronometrado, nem número máximo de páginas, vive cada dia como se fosse o último, é dispersão de sementes que o vento leva para qualquer lugar, e que ressurge nas cinzas de uma capoeira, no pé de uma árvore cortada ou no bosque que a natureza recriou. Há também muitas colheitas dos outros e outras em si, sim eles também são aprendizes, por isso sábios e sábias.

Olhos que fitam o desconhecido, na tentativa de encontrar belezas e respostas, não é só a quem chega que questiona, e o mínimo que se espera é ouvir e também falar de si, uma troca de gentilezas, compartilhando verdades e vivências entre humanos.

O mais importante nunca foi o título de quem chega, isso não faz sentido nenhum; o valor está na pessoa que escuta o contar e o recontar; está no sentir a natureza, os animais, com o movimento atemporal dispensando sobre si, quando se dispõe a tomar banho de chuva e assistir a uma partida de futebol; que sorri de si mesmo ao não saber pilotar uma Rabeta. O piloto do “rabudo” ou da canoa escolheu as crianças e os jovens da comunidade, mas o visitante é feliz com as notas no caderno de campo de cada detalhe que escreve entre linhas, escrever é a arte de si e dos outros que o viajante registrou.

A aproximação com os velhos da comunidade rememora os pais e as indagações da própria existência familiar. Será que em

algum momento foram ouvidos os pais com a mesma intensidade que se tenta ouvir os idosos da comunidade? Aprendo a reaprender, a ouvir os amados, os que me ajudaram a dar os primeiros passos na vida, um misto do que é íntimo e pessoal com o que é coletivo. Essência, existência, relações de amor e de amizade, verdades que se aproximam e distanciam, renúncias, medos e ousadias de um pertencimento em (re) construção.

Essa valorização dos saberes se relaciona também com a luta pela mãe terra que é a mãe de todas as lutas, entendendo-se que a luta não se faz em isolamento, junta-se, sonha-se e constrói-se coletivamente em muitas comunidades rurais da Amazônia Marajoara. Nestas, reivindica-se o direito à terra, as políticas em saúde, em educação e a sustentabilidade e não se toleram a negligência ou ausência dos governos nas terras, nas quais a posse é insegura e as condições e permanência são precárias.

Os temas das lutas da mãe terra enfatizam a necessidade da mobilização em torno do bem comum, do Bem-Viver, no intuito da garantia dos direitos. Entre os desafios, evidencia-se a inclusão digital, sem que isso desagregue a cultura, os modos de ser e de viver nas comunidades, na luta pelas garantias coletivas e individuais.

A água é essencial para a existência e para a sobrevivência, e os saberes tradicionais se traduzem em respeito à natureza, na relação intrínseca entre seres humanos e o ambiente, oportunizando um engajamento maior que qualquer visão que reduza a natureza à mercadoria, mas considerando-a como um território autônomo e de pertença. A perspectiva é a seguinte:

O significado do rio está ligado a dimensão cultural por meio de diversas formas e modos do uso do rio e seus recursos hídricos, incluindo uma concepção sagrada e de encanto das águas. Dessa forma, o rio assume diferentes significados e importância material e simbólicas; como fonte de alimento e de vida, como espaço de lazer, de crenças e práticas religiosas. É um elemento de vida local, com sentido estético. É, ao mesmo tempo natureza e cultura. Esses significados, se transformam nas construções

culturais históricas do lugar e de acordo com a percepção dos sujeitos (Silva; Cuimar, 2016, p. 153).

Entre a terra e a água, se faz os seres humanos, com alma e corpo e com puxações: as mulheres parteiras colocam a mãe do corpo no lugar, reestabelecendo a saúde e a fertilidade, assim como os cuidados na hora do parto com a puérpera e com o bebê recém-nascido. Essas mulheres me ensinaram que a mãe do corpo não é uma ideia abstrata, mas uma força que reside na região do umbigo e que dá equilíbrio a vida. Assim como seus saberes se espalham pelos corpos por meio de óleos e massagens, utilizando também a água morna, para os chás curativos.

Essas corporificações da mãe é a manifestação do valor ao feminino, um conjunto de sabedorias tradicionais que evidenciam o respeito que se deve ter a cada mulher que gera vida, entendendo que, dentro das mulheres, há a presença de Deus, da amorosidade, da emancipação e da (re)invenção. Além disso, o ciclo menstrual relacionado com o ciclo da lua é uma conexão feminina com a natureza. Conhecer o mundo e a si mesmo e estabelecer relações com a temporeza; esses são os ensinamentos compreendidos com a ajuda das mulheres, crianças, tias, mães, avós. Saberes que devem ser valorizados com tolerância, respeito à diversidade e reconhecimento das diferenças. Para Freire, “a identidade cultural ocorre em um contexto social e histórico e implica no respeito pela linguagem do outro, pela cor do outro, o gênero do outro, a capacidade intelectual do outro, implica também, na habilidade de estimular a criatividade do outro” (Oliveira, 2015, p. 74 *apud* Freire, 2001 a, p. 60).

Respeito à cultura das comunidades tradicionais não é só a luta pela preservação ambiental, mas respeitá-las, reconhecendo que elas têm o seu próprio tempo, suas próprias dificuldades e potencialidades, seu território e sua territorialidade, que tem mais água que floresta ou seria mais floresta do que água? Nessa “disputa” por território, a única certeza é que tem menos gente que

essa imensidão de natureza, mas tem muita gente na Floragua³⁸ do Marajó, na Floragua marajoara tem gente!!!

Gente que tem sido chamada de cabocla, de ribeirinha, de extrativista, de agroextrativista, são vários os conceitos atribuídos para marcar a ruralidade. Geralmente, quem atribui vem de fora e, nutrido por conceituações teóricas, forma uma identidade “outra”. As pessoas não parecem estar preocupadas com o nome que dão a elas.

As questões que lhes preocupam é ter alimentos da caçada, do extrativismo, tendo o açaí como o principal produto, do quintal, da pesca, e industrializados, trazidos pelos regatões³⁹, por embarcações ou comprados na cidade; nesse movimento, lhes preocupam também ter escola, e a aquisição desta não é só para educar as crianças, mas também para ter a presença do estado na comunidade. O mesmo sentido serve para a igreja, para o posto de saúde, que se entrelaça entre os cuidados com os canteiros de ervas medicinais e com as lutas pelo melhor atendimento; por um agente comunitário no local; por moradia digna; por qualidade da água; por uma fossa sustentável⁴⁰; por política da municipalidade; por gestores públicos para ajudar a comunidade; por financiamento dos projetos – por meio de políticas públicas ou com apoio de organizações não governamentais e Institutos e/ou universidades – ; por futebol do fim da tarde; por combustível suficiente para rodar o motor até o horário da novela, entre outras.

O açaí merece um capítulo à parte na lista das necessidades vitais do/a marajoara, pois ele é mais que alimento e se destaca dentre os produtos extrativistas, entre as preferências do consumo e da venda individual ou pelas estratégias cooperadas e/ou associadas da comunidade. Por entre a mata de várzea, ele é “rei” absoluto, foi dispersado na floresta por sementes, a natureza plantou, em alguns lugares já se planta com espaçamento e se faz

³⁸ Um misto de águas e florestas.

³⁹ Aqueles que compram em atacado para vender a retalho e muito mais caro.

⁴⁰ A fossa sustentável ou séptica ecológica biodigestora é uma maneira de ajudar a solucionar dois grandes problemas de coleta e tratamento de afluentes nas comunidades rurais: a falta de saneamento básico e o descarte de resíduos.

manejo. Manejar é limpar o açazal, demarcar a área, classificar e selecionar as palmeiras, adubar, ter irrigação, reconhecer a importância das abelhas na polinização dos frutos, reconhecer o que favorece insetos e pragas e os danos causados aos açazeiros, implementar a colheita e compreender o processamento do fruto. O manejo sustentável é o mais viável e correto, consegue-se, a partir dele, aumentar a produtividade e obter um açaí de qualidade.

Na safra do açaí, que acontece entre junho e setembro, todos estão mais alegres, isso porque tem gente que não come quando o açaí falta, é como faltar água, a comida fica sem gosto, sem a companhia perfeita para as horas da refeição. Na safra, também se consegue ter renda extra para construir a casa, comprar um móvel, um gerador de energia, um barco, uma rabeta para navegar por entre as águas dos rios e igarapés que, em curvas, cortam as matas.

Quando se caminha no chão da terra firme, quando se passa por entre as toras de miritizeiros a pé, na várzea rasa ou embarcados por entre a várzea de maré cheia e se vê a predominância do açazal, do cupu, do cupuí⁴¹, do bacuri, do miriti, do inajá, da pupunha, da bacaba, visões de pracaxi⁴², andiroba e copaíba e encantamentos do boto, dos pássaros, cobras, macacos, jacarés e peixe-boi, observa-se e interage-se com a fauna, flora e gente em movimento, com curvas, aproximações e diferenciações suplantadas por relações e experimentações, vê-se a realidade, a vida que não se subdivide em “caixinhas”, ela acontece por inteiro, de forma integral.

Uma educação que se vive cotidianamente, para compreendê-la deve-se estar disposto a ser aprendiz da cultura e da natureza, se nutrir harmoniosamente, como quem saboreia açaí com farinha. Partilhar é estar disposto a receber compartilhamento do olhar, do

⁴¹ O *Theobroma subincanum*, popularmente chamado de *cupuí*, é uma fruta nativa do estado do Amazonas e do Pará.

⁴² Pracaxi é membro da família facelar, desenvolve-se em áreas de várzea, além de crescer na beira de rios. As sementes deste fruto são normalmente armazenadas para repasse no comércio, produzindo um óleo extremamente conhecido para a população.

sentimento, da vivência dos outros, seja alunos, pais ou comunitários. A possibilidade de (re)aprender é a boniteza do processo, em movimento.

Paulo Freire (2011, p. 126-127) afirma que “o que constata a gentitude é a boniteza das relações” e acrescenta ainda que é uma das melhores coisas da vida a se vivenciar, sendo fundamental reconhecer que todos os sujeitos humanos e não humanos podem ensinar. A perspectiva é fortalecer uma pedagogia da temporeza que desague e floresça na ação dos sujeitos com o mundo, sujeitos capazes de compreender os outros seres a partir da realidade, comprometendo-se com a amorosidade, generosidade e ética.

Temporeza é uma estética natural nutrida pelas relações sociais tradicionais que se estabelecem com a natureza, criada por meio de uma poética do imaginário. No dizer de Loureiro:

Nada está totalmente organizado em compêndios na floresta amazônica. É preciso errar pelos rios, tatear no escuro das noites da floresta, procurar os vestígios e os sinais perdidos pela várzea(...) Flanar pela cultura amazônica, deter-se aqui e ali, recorrer ao passado, reenviar-se ao presente, distrair-se minuciosamente num lugar (Loureiro, 2001, p. 25).

As relações são metáforas do que é real e irreal. É a poética de encadeamentos dos homens e mulheres entre si e com a natureza. É a beleza da natureza intervindo de modo significativo na vida das comunidades tradicionais, formando representações do imaginário (Loureiro, 2001). Vivências que se expressam em relações intrapessoais e interpessoais entrelaçadas na natureza.

4.2 Entre mururés e convidados: freireando a temporeza

Pistia stratiotes, nome científico do nosso mururé, planta amazônica, que vive nos rios, no vai e vem das marés. Defendo que as populações marajoaras são como mururés: possuem raízes longas em sua cultura. Muitos preferem ficar nos seus lugares de origem, propagando-se por folhas submersas, sementes que se dispersam em outras comunidades, levando e trazendo a força de

trabalho das plantações, da pesca e dos ensinamentos nas escolas e barracões comunitários, seja na educação formal, seja nas lutas e formações sindicais e/ou comunitárias. Gente que se torna cidade pela precisão ou por vontade, que não teve escolha e mudou-se para as periferias destas ou que lutou para ter escolha e permanecer em suas comunidades de origem.

No meio dessa gente, também têm pesquisadores da e na Amazônia marajoara que se fizeram aprendizes, que enflorescem em forma de cachos em todo tipo de água, seja pura, barrenta ou parada, exceto em água salgada. Marajoara não se cria nessas águas, sua praia é de água doce, seus igarapés são escuros e sua alma torna-se leve a cada porto que se atraca.

Lembro do cantor e compositor Paulo André Barata⁴³, ao afirmar: “Esse rio é minha rua, minha e tua mururé, piso no peito da lua, no chão da maré”. Essa gente que é “mururé” transita pela imensidão dos rios, busca educação, saúde, amores, esperança; são subjetividades concretas e abstratas que partem ou que chegam; é a entrega da carta que chega mais rápido que o correio, é o traslado do corpo e do luto a sofrer, é a alegria trazida da capital em forma de vestido de noiva; é a esperança em forma de criança prematura que teve alta e pode ir para casa depois de um longo tempo na UTI; é força e resistência de menina que precisa ser mulher para se reconstruir após escarpelamento⁴⁴; é a realização da família humilde, aquela mesmo que foi buscar as primeiras letras de casco e, com todas as dificuldades geográficas, passando horas em barco ou navio, conseguiu o diploma universitário; é o morador que sobe e desce os rios que levam o açaí embarcado, aquele mesmo que, nas cidades, é simbolizado pela bandeira vermelha e que, no interior, o é pela peconha no pé da árvore.

⁴³ Cantor, compositor e instrumentalista brasileiro. Esse rio é minha rua. Compositores: Paulo André Barata/ Rui Guilherme Paranatinga Barata.

⁴⁴ O escarpelamento é uma lesão grave que começou a ocorrer na região amazônica por volta de 1970, quando os barcos à vela foram sendo substituídos por barcos com eixo de motor rotativo.

É sobre aguapé, mururé, que passamos por eles ou por eles somos atravessados, é a nossa flor de lótus e tema recorrente na literatura amazônica, presente nos mais variados autores e autoras, como, por exemplo, em Dalcídio Jurandir.

Dalcídio Jurandir⁴⁵, em **Marajó** (1992), retoma e aprofunda o olhar sobre o Marajó e sua gente, brotando em uma rica e surpreendente ambientação situada em caminhos quase que labirínticos nos percursos dos rios e de introspecção de pessoas. Insere, assim, o cotidiano da Ilha em sua escrita, alternando tempo cronológico, tempo psicológico e temporeza. Nesse diálogo poético, natural, cultural e social, surge o mururé:

A sombra do jupatizal caía no lago, subia o hálito do lodo e do **mururé**. A água parada, a mesma água do encantado que vem do mar, pelo fundo da terra, de todos os naufragos e de todas as lágrimas. O silêncio de Jesuíno era como sono. Aquele corpo parecia enorme como o lago abrindo as margens para os descampados tristes. Para ele os caminhos não vinham das águas do mar e dos campos mas das dores do homem (Jurandir, 1991, p. 130).

E assemelha cabelos a mururés:

No Lago Arari, Ormindá viu de repente a água crescer em torno da palhoça e em toda a beirada. Via seu rosto refletido, ondulando, naquela água de inundação, seu corpo, seus cabelos pareciam **mururés** e olhava tanto para as águas que Ramiro falou:

— Eh, pequena, tu acaba flechada.

O lago se espalhou pelos campos, comeu as lonjuras, ilhou as palhoças, bateu de leve debaixo dos jirais, espiando o sono dos pobres. Caiu então um silêncio de princípio de mundo em que os homens se misturavam com os bichos deslizando nas águas e na lama, na espuma das enxurradas e na folha dos **mururés** (Jurandir, 1991, p. 129 e 130, ênfase adicionada).

E mistura águas, bichos, folhas de mururés e pessoas em uma única composição poética de existência:

⁴⁵ Romancista da Amazônia. Nasceu em Ponta de Pedras (Ilha do Marajó – PA), mudou-se em 1910 para Vila de Cachoeira, entre suas obras destaque: *Chove nos campos de cachoeira* (1841), *Marajó* (1947), *Ribanceiras* (1978).

Os cabelos inocentes de Alaíde ficariam verdes entre as palmas e os **mururés**. Os miriis moles se desfaziam nas mãos dela como para agradá-la. Se mestre Jesuíno tivesse adivinhado a sua história? E por que tantos mortos no seu caminho? (Jurandir, 1991, p. 161).

O Mururé, definido por Dalcídio Jurandir em **Marajó**, é retratado como parte do espaço natural e é descrito como é visto pelas populações da região. A preocupação do autor é demonstrar como os seres humanos se relacionam com o seu espaço, introduzindo-se em diversas linhas e cenas, criando um realismo esplêndido.

A preocupação é demonstrar como é maravilhoso estar imerso em uma realidade concreta, no caso em sua complexidade, dentro de um contexto natural e cultural. Por essa relação, **mururé** é o elo entre as lembranças da infância, recordações profissionais, educacionais e pessoais, que, no decorrer da temporeza, torna-se uma botânica de memórias situada nas curvas de um rio. Saberes do cotidiano de diferentes pessoas possibilitam reconhecê-las em alteridade e identidade, definições de cultura com ações cotidianas que geram relações e trocas de experiências e vivências (Freire; Faudez, 1995).

Essa cultura que não é estática e sim colaborativa pode ser evidenciada nos convidados, que são mutirões realizados pelos comunitários; a cada fim de semana, se escolhe uma área para limpar e/ou plantar. Mutirões solidários em que há responsabilidade e ajuda recíproca.

Deste modo, os convidados chegam, no dia de reunião e não é ao redor da mesa, é em área para fazer uma limpeza ou plantação coletiva. Os comunitários se disponibilizam para o mutirão, convidados que seguem alternando o trabalho coletivo em diferentes áreas. Têm os panelões de comida na lenha no meio da mata e ao som de alguma música; essa é uma das marcas mais autênticas e tradicionais de cooperativismo, que tem como princípio trabalhar em equipe em torno do bem coletivo.

Dividir a comida, os instrumentos de trabalho, a música, a força de trabalho de modo simples com a comunidade envolvida, fazer um calendário e cumprir a meta de um lote de um

comunitário por vez é crescer juntos. Nessa descoberta do coletivo, que trabalha unido, comenta-se sobre os torneios de futebol com o prêmio de um boi e outros prêmios; estes geralmente acabam em “mucura”. Aqui “mucura” não se refere ao animal e sim às festas dançantes que acontecem também após as festividades religiosas. Os cascos, as rabetas e os sons altos sinalizam que a “mucura” começou. Lá as meninas desfilam a roupa reservada para o momento, vê-se a cozinha de casa misturada com barracões dançantes e os meninos com seus cabelos coloridos.

A música para na mata, os devaneios de “mucura” também, lá vem o sol lascando, e o tio com a piada que constrange, sorriso amarelo no rosto e mãos que sobem o cabo da enxada e um outro coloca lenha embaixo da panela e um leve tempero na “bóia”⁴⁶. Manos e manas, suprimos e suprimas⁴⁷ trabalham, brincam, proseiam, comem frutas e raízes e esperam o caldo aprontar. É época de limpar, é época de olhar o chão, para depois plantar e regar a plantação, a área é do primo, do filho, do cunhado, amanhã é do próximo chegado; e essa construção coletiva traz uma relação íntima e pessoal, pouco vista nas cidades, mesmo nas pequenas cidades do Marajó.

Os convidados para o mutirão ensinam que precisamos de momentos como esses, para exercitarmos nossa humanidade, para enxergar a necessidade do outro e nos colocarmos no lugar dele e por ele sermos, em coletividade.

Esses bons conviveres também podem ser percebidos nas relações entre avós e netos, campo e cidade, é como a busca do pão e a entrega das frutas, açaí no caroço. Que delícia roer com farinha torradinha do sítio: essa é uma descrição sublime do encontro dos avós que chegam do interior à pequena cidade, eles com saudade do pão, as crianças das frutas, de roer açaí com farinha que só tem lá. Colo de avós são afetuosos em duplicidade, duas gerações de

⁴⁶ Comida refeição, alimento preparado.

⁴⁷ Expressões utilizadas no meio rural marajoara para designar que alguém é próximo, chegado.

amor. Quando se adentra às comunidades é como se esse colo de afetos voltasse, com todos os cheiros, gostos e enunciados simples de viver, descomplicando o tempo, as relações, os alimentos, os sentidos da existência humana. Isso não quer dizer que os problemas desaparecem, quer dizer que tem muita coisa que colocamos na bagagem que precisamos refletir se realmente precisamos carregar, e que o essencial é simples, sem ser simplório.

Aprendemos, na cidade, mesmo que nas pequenas cidades do Marajó, que temos que conquistar um lugar ao sol, a correr contra o tempo. Pensamos na inclusão, mas logo vem a seleção para a vaga do emprego, para a vaga na universidade. A conquista da aprovação nos processos seletivos nos faz sobreviver no mundo competitivo, porque precisamos dessa oportunidade, queremos quebrar o ciclo de pobreza, queremos ter comida na mesa, queremos ter lazer, educação e saúde e depois queremos ter mais que o essencial, até que chega um momento que perguntamos: é sobre isso, ter? E, nessa busca para ter mais, começamos a ser menos.

O desejo é que as pessoas pudessem ter a oportunidade de reencontros com os avós, em suas essências. É possível enxergá-los e vê-los traduzidos quando nos sentimos parte da natureza, quando não apartamos cultura e natureza.

Os bons conviveres, em comunhão, reconstroem as comunidades e, por meio desse círculo que se forma em coletivo, são criados fundos florestais comunitários, que tem o açaí como bem e serviço, questionando a modernidade e a lógica do capital em prol do Bem-Viver, da boa vida, do sossego.

Essa lógica ajuda, sobretudo, as comunidades e educa todos os seres humanos, pois nos ajuda a pensar quem somos, como vivemos, como nos relacionamos e se estamos conseguindo plantar alguma semente que poderá dar frutos. Castanheiras ou piquiazeiros⁴⁸ que não veremos florescer. A contemplação e a partilha dos frutos são herança para as próximas gerações.

⁴⁸ Castanheira que é popularmente conhecida como castanha do Pará, é uma árvore de grande porte, cujo fruto contém a castanha que é a sua semente. Uma

As sementes também podem tomar forma de livros, páginas que ensinam e nos constrói como seres de teoria, prática, experiência e essência, ocorrendo assim comigo, em tempos de meninices literárias, realizadas na biblioteca municipal em Breves, quando as férias eram aventuras por entre os poemas de Cecília Meireles. Como não amar?: “Eu canto porque o instante existe e a minha vida está completa, não sou alegre e nem sou triste: sou poeta”⁴⁹. Como traça de livro em livro, amava Machado de Assis⁵⁰, em *O Enfermeiro, A Igreja do Diabo, Helena* e, posteriormente, os paraenses Max Martins⁵¹ e Eneida de Moraes⁵², em *Banho de cheiro*⁵³, e quanto mais lia, mais a certeza de que a literatura me acolhia e a recíproca era verdadeira, pois no ambíguo adolescer concordava com Ane Frank e sua célebre frase “O papel é mais paciente do que as pessoas”⁵⁴.

Como quem acorda do sonho de ser escolhida pelas letras, optei pela oportunidade e, na flor da juventude, o magistério foi a porta que se abriu para se ter uma profissão mais rápida e ajudar a família. Assim, o improvável aconteceu: menina tímida, que lia e escrevia mais do que falava, professoranda.

Entre prática de ensino, didática e fundamentos teóricos e metodológicos, em meados de 1997, ano de conclusão do magistério, o professor discursou sobre a vida e o pesar da morte

castanheira leva mais ou menos vinte anos para dar fruto; Piquazeiro é uma árvore típica da floresta pluvial da Amazônia, seu fruto é o piquiá; a referida árvore leva mais ou menos uns quinze anos para dar fruto.

⁴⁹ Poema “Motivo”. Livro *Viagem* (1939); Cecília Meireles.

⁵⁰ Poeta e romancista brasileiro, um dos mais importantes da literatura brasileira do século XIX.

⁵¹ Poeta brasileiro, representou a renovação da literatura no século XX e colocou o Pará em uma posição de destaque na literatura nacional, embora sua obra seja pouco conhecida.

⁵² Eneida, foi uma jornalista, escritora, militante política e pesquisadora brasileira, nascida em Belém do Pará.

⁵³ *Banho de cheiro* (1962) registra evocações sobre a cidade de Belém e relata o aprendizado da vida da escritora. A cidade é revivida em seus encantos, sabores, cores e perfumes.

⁵⁴ O *Diário de Anne Frank*, escrito por Anne Frank entre 12 de junho de 1942 a 1 de agosto de 1944, durante a 2ª guerra mundial.

de Paulo Freire, um doloroso 02 de maio que se abateu sobre os docentes do Brasil. O real significado de suas obras naquele momento não se sabia, a formação pedagógica não oportunizou esse encontro e, na biblioteca, curiosamente, também não o conheci.

Mas, aquele pesar marcou profundamente, porque naquele dia também partia meu avô. E a fala carinhosa do professor sobre Freire o aproximava, o fazia conhecido, como de minha parentela, ficava imaginando quais as memórias que seus filhos e netos teriam dele, se sentiriam a saudade do colo e do cafuné na cabeça, se eles também prefeririam ir para escola a chorar e sofrer o luto.

Freire deixou o legado dos livros, e isso é científico e poético, pois existe momentos na vida que não temos maturidade suficiente para entender os livros, então os guardamos para que, em outra fase de nossas vidas, possamos compreendê-los. Foi isso que aconteceu quando ocorreu meu primeiro encontro com **Pedagogia do Oprimido**, no curso de Pedagogia. Não houve diálogo *a priori*, pois não houve entendimento do que se lia. Cuidadosamente, então, o livro foi colocado entre os meus guardados e anos depois ele se abriu e disse: “Leia-me”. Ah, como seria bom ter o poder de guardar o sorriso dos avôs ou o som de seu violino, gargalhadas e músicas, sons sublimes de saudade.

Nostalgia de vô e de seu andar descalço, calça enrolada no meio da canela, sorriso largo, delegado da resolução de conflitos na floresta, fazedor de beju chica⁵⁵, homem bondoso e caridoso do Aramaquiri. As comunidades rurais têm um cheiro e uma paz de vô que é reportada a partir dos pressupostos Freireanos e trazem, em alteridade, uma experiência pedagógica vivificada, em que ser aprendiz é um brado de se fazer humano, em que não se teme ser cristão e respeitar os que não são.

De forma lúdica, conheci “A história do menino que lia o mundo” (Brandão, 2003). Comprei esse pequeno livro ilustrado em um evento, um livro que, originalmente, foi escrito para os/as

⁵⁵ Beju chica é feito de massa de mandioca ou de tapioca, costuma-se assar no mesmo forno onde é torrada a farinha, vai bem com manteiga e café.

“sem-terrinha”, crianças e jovens das escolas itinerantes dos acampamentos e das escolas dos Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra – MST. O livro conta a história de um homem que não deixou de ver o mundo com o olhar esperançoso de um menino:

Ele era um menino que aprendeu a ler e a escrever riscando palavras no chão. Será que foi por isso que ele virou depois “o menino que plantava palavras?” Mas ele era também “um menino que lia o Mundo”. Vejam vocês! Paulo Freire nasceu no Recife, em Pernambuco, “lá no Nordeste” ... ou “aqui no Nordeste”, se você, que está lendo este livro agora, mora “aí no Nordeste”, não é mesmo? (...) Vamos lá então. Vamos aonde? Vamos até Recife, em Pernambuco, no Nordeste do Brasil. O menino Paulo Freire nasceu lá, no dia 19 de setembro de 1921 (...). Os primeiros anos da vida dele, o menino Paulo viveu em uma casa no Recife. Uma casa dessas com os quartos grandes, as paredes altas sob um telhado onde do lado de fora dormiam pombas e andorinhas. Uma casa com quintal e com grandes mangueiras de frutas doces, galhos altos e uma sombra. Foi lá que antes mesmo de entrar na escola, ele aprendeu a ler e a escrever. Ora, em 1981, uns 55 anos depois de haver subido pela primeira vez numa árvore, o professor Paulo Freire escreveu num livro chamado a importância do ato de ler, como era a velha a casa e como ele viveu ali momentos felizes e inesquecíveis (Brandão, 2003, p. 7, 8).

Sua trajetória de vida me convida a compreender a sua obra, a forma como viveu entre a natureza e as pessoas de seu lugar, uma relação afetuosa entre o profissional, pessoal e o meio. Como é abrangente a “palavramundo” por ele criada desde sua meninice nas sombras das mangueiras:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos que me preparavam para riscos e aventuras maiores. A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das aventuras de minha mãe – o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem vem, o do bem-te-

vi, o do sabiá, na dança das copas das árvores sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos, as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmims – no corpo das árvores, na casca dos frutos. Na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga espada verde, o verde da manga-espada inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura. A relação entre estas cores, o desenvolvimento do fruto, a sua resistência à nossa manipulação e o seu gosto (...). Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de súplica ou de raiva (...). Daquele contexto – o do meu mundo imediato – fazia parte, por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, expressando as suas crenças, os seus receios, os seus valores (Freire, 1991, p. 20-21).

Que descrição minuciosa dos fenômenos da natureza, dando para perceber que a natureza aguçava nele vários sentidos da existência e que ele conseguia tecer e compreender as relações das plantas, dos animais, das pessoas. Ele lia palavras e contextos antes de entrar na escola. Com saudosismo, ao escrever **A sombra das mangueiras** evidencia:

As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mais intensa ou menos intensa em função da resistência ao vento. As boas vindas que suas sombras sempre dão a quem chega, inclusive os passarinhos multicores e catadores. A bichos, pacatos ou não, que nelas repousam. Nascido no Recife, menino de uma geração que cresceu em quintais, em íntima relação com árvores, minha memória não podia deixar de estar repleta de experiências de sombras, que as gentes nascidas nos tópicos cedo incorporam e dele falam como se tivessem nascido com ele (Freire, 2015, p.15).

Memórias de cheiros e sabores que páginas à frente acrescenta,

Meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, jaqueiras e

barrigudeiras, árvores, cores, cheiros, frutas que, atraindo passarinhos vários, a eles se davam como espaço para seus cantares (Freire, 2015, p. 28).

Saudades das árvores, da infância, em cores, cheiros, frutos, sabores. A infância era atraída pelos pássaros, seus cantos e encantos. Saudades da infância que ele descrevia em memórias de natureza e cultura; que conexão profunda com a natureza quando ele falava dos animais do mato, animais de casa e das árvores! Ele lembra do quintal, das pessoas, das árvores e das sombras. Ele falou também dos medos de alma penada, “me refiro ao medo de almas penadas cuja a presença entre nós era permanente objeto das conversas dos mais velhos na minha infância” (Freire, 1992, p. 14). “Lembrava das noites e do medo, a espera que a noite terminasse, que o sol nascesse, trazendo com ele o canto dos pássaros “manhecedores” ou “passarinhos madrugadores” que lhe devolviam a tranquilidade (Brandão, 2003).

Freire ensina que se aprende com a natureza e suas mangueiras, pássaros, cantos, conversas e tantas outras coisas, e que o bom de se aprender a ler o mundo é que aos poucos o medo vai acabando. Ele quer dizer que a natureza ensina, que se aprende com a boniteza das relações, com as plantas, com os animais, com o sol, o cair da noite, com a vida (Freire, 1994).

É por isso que escolhi Freire para realizar esse diálogo com a **temporeza marajoara**, pois ele abriga a natureza na construção do seu ser. Como o açaí que as mulheres da comunidade SEM transformam em coxinha, como o Naja que deu sabor ao bolo, como a poesia que se escreve sobre as mulheres da floresta, das águas e de tudo mais que há, como as casas e o vai e vem das marés, como a maneira de se viver das populações tradicionais. Paulo Freire nos ensinou a chamar de cultura tudo isso, pois a cultura é o que as pessoas transformam a partir da natureza.

Freirear a temporeza é tirar da marginalidade acadêmica sentimentos tão nobres como fé, esperança e amor e disponibilizá-los cotidianamente, como os sons do vento que batem na folha,

como gota de chuva que cai sobre o rosto alegre de menina, como rio que desagua e se faz novo.

Muitos escritos foram colocados no papel durante as viagens por entre rios e florestas, realizadas por meio de barcos, rabetas, em caminhadas na terra firme e na várzea, nas diversas interações com pessoas, animais, árvores e momentos de introspecção, de autoconhecimento e cuidado comigo e com o outros. A escrita narrativa, realizada em um caderno de campo, que se misturava com o movimento das águas, com o canto dos pássaros, com o verde das matas, que é natureza e também cultura.

Esses diálogos silenciosos com o ato de conhecer, viver, ler o mundo e a si mesmo é um profundo reviver do outro, uma imersão de beleza, bondade, ética e cuidado freireano, companhia perfeita para quem se debruça na linha tênue da alteridade e na boniteza a cada curva dos rios.

O que levou a essa escolha, a priori, foram conceitos humanos tão fortemente empregados por Freire, como amor, bondade, solidariedade, esperança, generosidade, boniteza, gentitude, entre outros. Esse convite freireano a colocar em prática os frutos do espírito nos coloca a serviço dos bons conviveres com as pessoas e com a natureza e, quando isso é possível, há uma transformação íntima e pessoal além da interpessoal.

Em **Pedagogia do Oprimido** (1981), em **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** (1996) e em tantos outros livros, Freire nos convida a desenvolver uma educação como forma de intervenção, de problematização e de esperança. Uma educação como prática de liberdade.

Não junto a minha voz à dos que, falando em paz, pedem aos oprimidos, aos esfarrapados do mundo, a sua resignação. Minha voz tem outra semântica, tem outra música. Falo da resistência, da indignação, da “justa ira” dos traídos e dos enganados, do seu direito e seu dever de rebelar-se contra as transgressões éticas que são vítimas cada vez mais sofridas (Freire, 2000, p. 113-114).

É uma alegria ver uma comunidade reunida em conversas sobre associativismo, cooperativismo, financiamento de projetos, dialogando sobre a melhor estratégia para construir um amanhã mais próspero para o coletivo de pessoas. A **educação como prática de liberdade** contribui para essa percepção crítica da realidade, movendo as pessoas em uma esperança para uma concreta transformação da realidade em favor da comunidade. Esses pressupostos são a base revolucionária da **temporeza**, que parte desde o cenário da reunião, uma maloca envolvida por árvores, erguida sobre as águas em que nessa maresia percorrem peixes, camarões e tantos outros, com os debates sobre a sustentação da comunidade ecológica, o respeito ao mundo da natureza e as consequências que afetam a qualidade de vida e os perigos da degradação ambiental até as relações que se estabelecem nas rodas, nos instrumentos musicais, nas celebrações.

Freire (2014) nos diz, em **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**, que não podemos separar a leitura da palavra da leitura do mundo, assim como não é possível separar a leitura do mundo da escrita do mundo. Neste contexto, apresenta-se o movimento na/da **temporeza**, no contexto de vida e da existência das pequenas cidades e comunidades na Amazônia Marajoara. A preocupação não foi apenas de fazer as transcrições das narrativas e as notas de pesquisa, preoquepei-me em escrever o que senti no contato com as pessoas e como essas relações conseguiram rememorar vários estágios da minha vida, inclusive como pesquisadora.

Essa compreensão, no entanto, vai além do dever de pesquisar e ensinar, é um aprender a ser, é falar menos e ouvir mais, é ser menos para tentar ser mais, em comunhão.

É ser humano e sujeitos de relações que se entrelaçam dentro de um corpus da temporeza. Essa sutileza de coletividade, que invade as subjetividades, transforma a escrita e as relações que estabelecemos com a vida, porque passamos a não ter pressa em externar um pensamento e fazer da nossa fala nossa prática e de nossos ouvidos canais de aprendizado e gentileza.

O ato de ler o mundo vem, a priori, com a escuta; faz parte desse contexto o saber ecológico dos mais velhos, das mulheres, dos homens, jovens e crianças, expressando as crenças, saberes, sabores, valores, vivências, em momentos em que ainda não se lê, se vive o que será a palavra, o diálogo, cotidianamente.

Educar e ser educado nas relações com os outros, em alteridade, está na intimidade das consciências dos envolvidos, nas relações, e é movida pela bondade, generosidade e cumplicidade. E, já que a educação ecológica pode afeiçoar as almas, também pode alavancar as mudanças sociais, é isso que nos ensina a temporeza marajoara.

4.3 Bem-viver: equilíbrio entre os saberes da natureza e os saberes da vida comunitária

Inferno!!!! Expressou alto o motorista da lanchinha que nos conduzia até a comunidade Santo Ezequiel Moreno. O ano era 2006 e eu fiquei assustada com a fala do motorista e com o tanto de mururé que tirou da hélice; ele diminuiu a velocidade, pegou um remo e foi nos puxando até a margem. O lugar tinha casas uma distante das outras, como em muitas comunidades da região: para irmos de uma casa para outra tínhamos que pegar um casquinho.

Uma comunidade que não tinha organização de sua produção e que tinha, recentemente, passado por uma endemia, buscava soluções possíveis para diminuir a pobreza e criar ações sustentáveis para a produção e seu escoamento. A priori, o açaí era o produto mais consumido e o que poderia ter mais possibilidade de comercialização, e foi aí que começaram a pensar a criar um “banco” da comunidade, um fundo que ajudasse a construir pontes, literalmente ou não.

Um real de cada lata de açaí vendida por cada pessoa fez muita diferença na estrutura física da comunidade, na renda familiar, nas urgências e emergências médicas ou financeiras. E foi assim que o “Inferno”, como era conhecida a comunidade, em Portel e região, foi se transformado ao longo dos anos. O fundo solidário açaí

ajudou a ligar cada casa por pontes erguidas pelas mãos de cada morador, a construir tanques de peixe, a realizar manejo nos açais e feiras de ciência com a escola da comunidade e de comunidades circunvizinhas, apresentando estratégias de como trabalhar com os produtos da região de forma inteligente e criativa. Foi em uma das feiras há um pouco mais de uma década, depois da primeira vez que fui lá, que vi meninas desfilando com bolsas feitas de mururé, aquele mesmo que era visto como obstáculo, assim bolsas sustentáveis sinalizavam novos tempos.

Perto da feira que se realizava no barracão da comunidade estava a estrutura da agroindústria, que começou só como um lugar onde as mulheres cozinhavam para os visitantes das primeiras feiras, conseguindo, assim, adquirir um recurso para as suas necessidades básicas. Com a regularização da cozinha Iaçá, as mulheres começaram a inventar receitas com as frutas da região, a novidade saiu da comunidade e alcançou eventos na cidade de Portel e em outras localidades.

A reação aconteceu depois que homens e mulheres entenderam que o extrativismo sem recuperação das áreas degradadas só traria desequilíbrio ecológico, fome, endemias. Começaram, então, a construir uma série de caminhos, com erros e acertos, na tentativa de equilibrar a relação da natureza com a vida comunitária, construída pela e para a comunidade.

Conscientizaram-se de que o território não é só um espaço físico habitável, ele deve ser respeitado e utilizado com cuidado. Ele tem memória e historicidade coletiva, uma temporeza que se constrói na diversidade de água, trabalho, oralidade, pertencimento, família, lazer, fauna e florestas.

O Bem-viver é exatamente essa busca de equilíbrio de saberes, não é algo pronto, acabado, é um processo que se constrói cotidianamente e em coletividade, uma conexão profunda do ser humano com a natureza:

O Bem Viver não é distribuição de riqueza. Bem viver é abundância que a Terra proporciona como expressão mesmo da vida. A gente não precisa ficar

buscando uma vantagem em relação a nada, porque a vida é tão próspera que é suficiente para nós todos (Krenak, 2020, p. 17).

O bem-viver pressupõe uma lógica ampliada da vida e do trabalho sob os princípios da solidariedade, reciprocidade e cooperação, substituindo a centralidade do mercado e da concorrência (Acosta, 2016). Bem-viver de saberes, um processo educativo, em que é necessário formar homens, mulheres e crianças para habitar a terra, respeitando a natureza que acolhe; para tanto, é preciso escutá-la e conversar com ela. Quando ouço as narrativas das mulheres e como elas observam e experimentam os frutos para criar suas receitas, percebo que há ali uma aproximação, um encontro. Quando elas exercem suas lideranças para criar inovações cooperadas ou associadas, há também convergência, reciprocidade, esperança.

O Bem-viver, em diálogo com o protagonismo das mulheres da comunidade SEM, procura possíveis alternativas, estabelecendo encontros e lutas pela soberania, a partir da vida, da economia solidária e do empoderamento feminino; uma nova relação entre natureza e comunidade. Essas mulheres ressignificam o feminismo, a partir de seu contexto de vivências e experiências, no trabalho e na cultura, para o qual a ecologia e a organização social comunitária são fundamentais.

O movimento de mulheres da comunidade também se manifesta em tensões, uma vez que não é possível a autonomia sem a destituição do patriarcado; a liberdade passa pela emancipação dos corpos e intelectos, para repensar as disparidades estabelecidas. Isso me leva a pensar não apenas sobre as desigualdades e poderes exercidos que existem entre mulheres e homens de raças e culturas diferentes, mas as que ocorrem dentro de uma mesma comunidade. Será que as mulheres da comunidade SEM conseguem interrogar sua própria identidade étnico-racial, cultural e patriarcal? A desigualdade na diferença consiste em fazer essas reflexões e o bem-viver se sustenta na superação desses conflitos em comunidades supostamente homogêneas.

Essa educação com prática de liberdade é princípio educativo de Paulo Freire e Chico Mendes e está inerente às culturas de comunidades tradicionais que anseiam pela construção do bem-viver. Ambos engajaram-se com os movimentos sociais populares, um processo que lhes possibilitou aprender saberes culturais das populações; ensinaram e aprenderam com os movimentos e com a natureza. Os princípios do Bem-Viver, nessa dialogicidade, se caracteriza pela cooperação e transformação social, na busca de compreensão e transformação dos contextos socioculturais e ambientais, pois os seres humanos “se educam em comunhão, mediatizadas pelo mundo” (Freire, 1981, p. 79).

Mendes também lutava em favor da liberdade. Com lutas e resistências solidárias, teve a percepção de que a floresta tinha um valor e um dos seus legados foi que suas ideias viraram políticas públicas com a criação das Reservas Extrativistas. O seu objetivo era que cada um que o ouvisse multiplicasse suas ideias e a causa que defendia que era a defesa da Amazônia e das populações da floresta e, nessa perspectiva, construiu junto com os demais seringueiros os empates:

Empate a vida, a experiência social, gerado no viver de homens e mulheres, no interior dos seringais, é constituído em um modo de vida onde predominam a luta pela sobrevivência nas matas, a luta contra a exploração dos patrões, a luta contra os desmatamentos promovidos pelos fazendeiros e onde predomina também um modo de vida promovido pela solidariedade. O empate passou a ser uma prática constituída de imensos laços de solidariedade. É a defesa coletiva de um modo de vida constituído de lutas (Souza, 2000, p. 39).

O “empate”, no significado amazônico, quer dizer impedir, atrapalhar o desmatamento, um formato pacífico de resistência em que extrativistas, com suas famílias, se colocavam à frente jagunços dos fazendeiros para impedir o desmatamento da floresta:

Chico Mendes como um bom acreano, era uma mistura de cearense com índio. Era um caboclo como os nativos mais autênticos são chamados (...). O seu lado nordestino, de homem acostumado com as incertezas da vida e caudatário de

uma cultura muito tradicionalista, contribuiu para formar o seu espírito de organizador paciente e sagaz construtor de uma técnica eficiente de luta política, na tática do empate(...). Seu lado de índio deu-lhe o conhecimento da selva e a intimidade com o mundo vegetal. A calma que ele apresentava era o lado mais forte, sua herança indígena. Mas lá dentro batia um coração cearense, impulsivo e renitente (...), quando nas longas noites de espera mas um empate era preparado. Esse coração igual o coração dos cangaceiros, igual ao coração de Antônio conselheiro, só era contido pela placidez, um tanto cética de um índio que ele também era (Souza, 1990, p. 18).

Liberdade, solidariedade, coletividade e educação comunitária para o bem-viver é esse processo educativo que Chico e Freire inspiram, do qual, em comunhão, todos podem participar, visto que é intercultural e ecológico. A educação é plural quando a comunidade assume decisões e responsabilidades e intervém na construção coletiva. Uma maneira de ver o mundo, a partir da qual

a cosmovisão do Bem Viver entende que tudo faz parte da comunidade, formada não apenas por seres humanos, mas por todos os seres que constituem o cosmos. Assim, os processos de aprendizagem não acontecem de modo isolado dos contextos humanos, ecológicos e espirituais, pois na natureza tudo está conectado, a vida de um é complementar à vida de outros. Na educação comunitária se deve ensinar, compreender e respeitar as leis do cosmos (Fleuri, 2020, p. 85-86).

Os saberes da natureza que se entrelaçam com a comunidade são um bem com e para todos, são relações ecológicas e espirituais que incluem as pessoas, à medida que elas decidem pelo bem da comunidade, prevalecendo o que é comunal. O saber circular, que se aprende ensinando e se ensina aprendendo, em comunhão e mediatizado pelo mundo, é uma metodologia que permite construir uma relação de equilíbrio e harmonia com o mundo e com a natureza (Fleuri, 2020), é um processo contínuo, um saber fundamental para o bem-viver. Percebo que a comunidade SEM vem construindo esse processo, com imperfeições fruto de incompreensões, contradições, conflitos e com muitas indagações.

Estava navegando no trajeto Breves/Portel, quando abri a janela da lancha para o vento entrar e refrescar, a embarcação

cortava o caminho das águas, tinha as matas e as casas ao longe, fiquei apreciando até que a chuva entrou pela janela e o passageiro atrás bateu no meu ombro para que eu a fechasse, pois a chuva “travessa” já banhava os assentos. Meus pensamentos já tinham chegado na comunidade e no que eu queria pesquisar, sem me importar com a água que caía sobre mim. Mas, afinal, o que é importante saber em uma pesquisa sobre mulheres que vivem em uma comunidade rural? Refletia. E o restante da viagem foi um diálogo entre a natureza que aprecio e o livro ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança.

Nesse constructo comunitário/ecológico, em diálogo com bell hooks (2021), indago: o que é ser mulher em uma comunidade na Amazônia marajoara? O amor move essas mulheres? O amor é uma ação? É pela comunidade que elas trabalham e vivem? É pelas famílias? O que é esperar para essas mulheres? Como são suas famílias? É hostil o ambiente? É libertador? É preciso combater sistemas de opressão? Existe opressão? Que tipo de opressão? Os maridos, os pais são sexistas? Como superaram a vergonha, o medo, a timidez? A comunidade traz um pertencimento? Acolhe? A comunidade é um lugar de luta? É inclusiva? É possível criar comunidades vitais de resistência? Na comunidade, as mulheres têm que reprimir a alegria? As mulheres da comunidade SEM encorajam o processo de luta de outras mulheres? É possível aprender com a natureza? A comunidade é uma comunidade de aprendizagem? Como fazer a transição de um modelo de dominação para um modelo de parceria? Quais os saberes que permitem essa integração? Como criar um senso de comunidade e envolvimento compartilhados, genuínos, baseados na confiança, uma unidade na diversidade?

Minhas indagações são interrompidas. Aporto em Portel, fecho o livro, olho o celular, estou sem sinal de telefone móvel, uma passageira gentilmente me cede uma ligação; “vem para o Sindicato Rural, professora, estamos aqui”, diz o comunitário que estava à minha espera. Sou recebida com um grande abraço por Margarida, nem estava previsto esse encontro, mas conversamos

longamente, naquela tarde, sobre organização social, sobre a natureza, sobre comunidades rurais, sobre a vida, enquanto eu aguardava uma carona para a comunidade SEM. Percebi que as mulheres das comunidades rurais, mesmo que não utilizem o termo feminismo, não soltaram as mãos uma das outras, nem de seu lugar. Mesmo que tenha questões patriarcais e conflitos internos recorrentes tem também memória ancestral, espiritual. Por toda sua vida, curam-se com a terra e com as plantas geradas por ela, banham-se com as águas, alimentam-se dela e militam pela e com a comunidade entendendo o território e a luta pelos direitos das mulheres. Holisticamente, é impossível, então, separar a luta pelos direitos das mulheres da luta territorial, da luta pela floresta, do bem-viver.

Chego na comunidade à noitinha, pela manhã, sinto o cheiro de mato molhado e do aromático café com pupunha e bolo de macaxeira com castanha do Pará, misturados ao sorriso acolhedor da anfitriã. As narrativas acontecem antes mesmo de eu iniciar uma entrevista, está no igarapé, que passa embaixo dos quiosques dos visitantes, está nas plantas medicinais no corredor de pontes, nos saberes e sabores, nos animais, na floresta e em tudo em minha volta.

As “situações limites”, a escuta e o diálogo intercultural com as mulheres da comunidade tradicional é um processo de busca, de aprendizado, um ensinar do esperar de Paulo Freire e dos estabelecimentos de comunidades de resistência, como em Chico Mendes e bell hooks, no intuito de praticar acolhimento e pertencimento, pressupostos ideais para os bons conviveres.

Antes das entrevistas, do café, da noite na floresta, estávamos chegando, baía do Acutipereira à vista, entra-se no Igarapé, o condutor da lanchinha, que é da comunidade vai fazendo, habilmente, as curvas entre os mururés, e o outro comunitário avisa: “estamos chegando no paraíso”!

**5. A TEMPOREZA
ECOFEMINISTA
COMUNITÁRIA:
DIALOGANDO COM OS
SABERES**

Saberes das mulheres em Temporeza

Vou falar de saberes de mulheres na temporeza
Saberes que se fazem menina com sutileza

Saberes que se chocam com o patriarcado
Resistentes, resilientes e empoderados

Saberes comunitários no cooperar e no associar
Ou no simples movimento dos convidados a praticar

Saber ecológico manejando os frutos da natureza
E de conservar a floresta em pé em unidade e beleza

Saberes das matas, das águas, do tempo, do sentimento
Que aflora sentidos, percepção do vento e do pensamento

Saberes da religião e da espiritualidade
Ritos e doutrinas e a dimensão humana em profundidade

Saberes organizativos, do movimento social
Contribuindo na economia comunitária descomunal

Saberes do bem viver, do pertencimento
De inovações e práticas, de comprometimento

Jeevani Couto (Gil)
Breves, 01 de julho de 2024, às 18:11



5. A TEMPOREZA ECOFEMINISTA COMUNITÁRIA: DIALOGANDO COM OS SABERES

Saberes ecológicos em que há uma relação intrínseca do ser humano com a natureza, sua cultura, seus costumes, seu modo de vida, sua tradição ancestral, seus processos de produção e reprodução, saberes que são também históricos, construídos pelos comunitários e na temporeza, saberes das matas, alimentícios, religiosos ou espirituais, que contribuem para a organização social e econômica ao transformar tais saberes em inovações e práticas.

5.1 Por uma concepção de saberes

Certa vez, uma menina de uma comunidade rural convidou-me para dar um passeio de casco, empolguei-me! Embarquei com ela e, quando estávamos afastadas no meio do rio, ela pulou de um salto só e mergulhou. Por um minuto pensei, ela só foi se refrescar, já, já volta. Depois de um instante ela “buiou”, já na margem do rio e sorrindo disse: “rema, professora é fácil”! Fiquei envergonhada e disse: “Tá bom”. Eu nascida em Breves, na ilha do Marajó, vendo água ao embarcar e desembarcar em viagens, nos passeios e nas pesquisas, nunca tinha remado na vida, então segurei o remo e tentei, tentei e, sem dizer uma palavra de constrangimento, remava e o casco só rodava, de repente eu virei a atração da criança que se banhava, todos achando muito engraçado uma professora que não sabia remar.

Se me perguntassem o que é um remo, um rio, um casco, qual a utilidade de cada um para o trabalho, para as tarefas domésticas e até qual o sentimento de alegria, beleza e saudade que eles evocam em mim eu teria conhecimento suficiente para responder, mas guiar um casco foi além do que eu conhecia no momento, porque exigia um saber que eu não possuía.

Pois bem, para mim, conhecimento e saberes se assemelham e se completam. Não vejo em distinção, nem separação, nem competição, pelo contrário, vejo-os entrelaçados, em conexão. Conhecimento não é algo somente de “iluminados” acadêmicos nem saberes é coisa unicamente de integrantes das classes populares. Ora, então, por que saberes? E o que são saberes?

Se tudo nos é permitido compreender e analisar por meio da razão, da emoção e da experiência no ato de conhecer, os saberes são a reunião do que se expressa em sabedoria e está no modo como utilizamos esses conhecimentos ao longo da vida. Passamos a adquirir sabedoria a partir do conhecimento prévio que temos, a partir da realidade que fazemos e parte das escolhas que nos permitimos fazer em comunhão com o outro, em uma mesma realidade.

Aqui é importante problematizar os diálogos que Paulo Freire realizou, na década de 1970, por diversos países por onde passou, com os camponeses e trabalhadores urbanos, descritos na obra **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido (1992), evidenciando como os sujeitos apreendem os saberes a partir do contexto vivido. Freire solicita que os camponeses iniciem o diálogo, ao que um camponês inicia a conversa dizendo assim:

Desculpe, senhor, disse um deles. O senhor é que podia falar porque o senhor é o que sabe. Nós, não. Muito bem, disse em resposta à intervenção do camponês. Aceito que eu sei e vocês não sabem. De qualquer forma, gostaria de lhes propor um jogo que, para funcionar bem, exige de nós absoluta lealdade. Vou dividir o quadro-negro em dois pedaços, em que irei registrando, do meu lado e do lado de vocês, os gols que faremos eu em vocês; vocês em mim. O jogo consiste em cada um perguntar algo ao outro. Se o perguntado não sabe responder, é gol do perguntador. Começarei o jogo fazendo uma primeira pergunta a vocês.

A essa altura, precisamente porque assumira o “momento” do grupo, o clima era mais vivo do que quando começáramos, antes do silêncio. Primeira pergunta:

— Que significa a maiêutica socrática? Gargalhada geral e eu registrei o meu primeiro gol. — Agora cabe a vocês fazer a pergunta a mim — disse. Houve

uns cochichos e um deles lançou a questão: — Que é curva de nível? Não soube responder. Registrei um a um. — Qual a importância de Hegel no pensamento de Marx? Dois a um. — Para que serve a calagem do solo? Dois a dois. — Que é um verbo intransitivo? Três a dois. — Que relação há entre curva de nível e erosão? Três a três. — Que significa epistemologia? Quatro a três. — O que é adubação verde? Quatro a quatro. Assim, sucessivamente, até chegarmos a dez a dez. Ao me despedir deles lhes fiz uma sugestão: “Pensem no que houve esta tarde aqui. Vocês começaram discutindo muito bem comigo. Em certo momento ficaram silenciosos e disseram que só eu poderia falar porque só eu sabia e vocês não. Fizemos um jogo sobre saberes e empatamos dez a dez. Eu sabia dez coisas que vocês não sabiam e vocês sabiam dez coisas que eu não sabia. Pensem sobre isto (Freire, 1992, p. 46-48).

Certamente, se eu tivesse lido esse diálogo anteriormente eu não teria ficado tão constrangida com o episódio do casco, isso porque eu entenderia que a minha caminhada como professora e pesquisadora, ainda que oriunda de uma pequena cidade às margens do rio no Marajó é diferente daqueles que vivem, moram e constroem suas vidas no vai e vem das marés, e que dessas águas, da terra e das florestas dependem suas vidas, e constroem suas trajetórias. Compreendo que nenhuma história se sobrepõe a outra, nenhum saber também é melhor ou maior que o outro.

É preciso, humildemente, compreender que não se sabe tudo, que sempre se aprende com o outro, para poder saber mais a cada dia, isso é aprender a conhecer, aprender a ser, porque se ouviu o outro, permitindo-se ser mais.

Freire (1992) continua nos ensinando, ao recordar alguns momentos de um bom debate com um grupo de camponeses:

— Muito bem — disse eu a eles. — Eu sei. Vocês não sabem. Mas por que eu sei e vocês não sabem? Aceitando o seu discurso, preparei o terreno para minha intervenção. A vivacidade brilhava em todos. De repente a curiosidade se acendeu. A resposta não tardou. — O senhor sabe porque é doutor. Nós, não. — Exato, eu sou doutor. Vocês, não. Mas, por que eu sou doutor e vocês não? — Porque foi à escola, tem leitura, tem estudo, e nós, não. — E por que fui à escola? — Porque seu pai pôde mandar o senhor à escola. O nosso, não. — E por que os pais de vocês não puderam mandar vocês à escola? — Porque eram camponeses como nós.

— E o que é ser camponês? — É não ter educação, posses, trabalhar de sol a sol sem direitos, sem esperança de um dia melhor. — E por que ao camponês falta tudo isso? — Porque Deus quer. — E quem é Deus? — É o Pai de nós todos. — E quem é pai aqui nesta reunião? Quase todos de mão para cima, disseram que o eram. Olhando o grupo todo em silêncio, me fixei num deles e lhe perguntei: — Quantos filhos você tem?

— Três. — Você seria capaz de sacrificar dois deles, submetendo-os a sofrimentos para que o terceiro estudasse, com vida boa, no Recife? Você seria capaz de amar assim? — Não! — Se você — disse eu —, homem de carne e osso, não é capaz de fazer uma injustiça dessa, como é possível entender que Deus o faça? Será mesmo que Deus é o fazedor dessas coisas? Um silêncio diferente, completamente diferente do anterior, um silêncio no qual algo começava a ser partejado. Em seguida: — Não. Não é Deus o fazedor disso tudo. É o patrão! Possivelmente aqueles camponeses estavam, pela primeira vez, tentando o esforço de superar a relação que chamei na Pedagogia do oprimido de “aderência” do oprimido ao opressor para, “tomando distância dele”, localizá-lo “fora” de si, como diria Fanon. A partir daí, teria sido possível também ir compreendendo o papel do patrão, inserido num certo sistema socioeconômico e político, ir compreendendo as relações sociais de produção, os interesses de classe etc. A falta total de sentido estaria se, após o silêncio que bruscamente interrompeu o nosso diálogo, eu tivesse feito um discurso tradicional, “sloganizador”, vazio, intolerante (Freire, 1992, p. 46- 50).

Os saberes dos camponeses são predominantemente orais e também tem valor – ou seja não são só os saberes escritos e divulgados por meio de artigos e livros que tem valor –, assim como os saberes acadêmicos. Neste contexto, existem relações de poder na sociedade que sobrepõem o saber acadêmico sobre o outro, dito não acadêmico. Questões referentes à falta de acesso à educação, questões de gênero, econômicas e sociais impedem que o saber acadêmico seja acessível a todos e todas. Eu que tive acesso ao mestrado e doutorado o tive, porque consegui acessar direitos que há muitos foram negados, os quais não foram suficientes quando precisei remar. Já o saber que aquelas crianças aprenderam observando os pais e/ou outros mais velhos no ato de remar, na comunidade em que vivem é comprovadamente tão importante quanto o saber que eu adquirei na universidade. Nessa perspectiva,

engana-se, contudo, quem pensa que os saberes do cotidiano, por não terem sido gestados nos bancos da escola, ou nos livros, são desprovidos de lógica e cientificidade, eximindo-se das exigências de organização e sistematização, muitas vezes imputadas, exclusivamente, à ciência moderna (Albuquerque, 2021, p. 103).

Escolhi pesquisar em uma comunidade rural em um grupo de mulheres na comunidade Santo Ezequiel Moreno, tendo como foco principal evidenciar os saberes delas, por entender a importância dos sentidos e os significados que elas atribuem nas suas atividades. Mulheres que enfrentam problemas, dificuldades econômicas, sociais e ambientais e que, mesmo assim, escolheram, em coletivo, acreditar nas atividades cooperadas e por engajamento comunitário. Ousaram ser mais, a fim de sair da condição que lhes fora imposta e descobrir outras possibilidades, como veremos mais adiante.

Ora, quando eu vejo um grupo de mulheres transformando frutos da floresta em uma diversidade de sabores entre doces e salgados, experimento em paladar saberes outros, saberes que eu não possuo, que advêm da floresta, de entender o que é comestível e o que não é, da testagem de diferentes ingredientes nas receitas, nos modos de realizar e na combinação de sabores e gostos pessoais, os quais constituem um saber comunitário entre outros saberes, de sabedorias.

A valorização dos saberes dessas mulheres implica fazer uma leitura positiva de suas realidades, das suas vivências, da interpretação que elas têm do mundo, criticando as formas como as classes dominantes tentam dominá-las e como os saberes populares ajudam na emancipação. O reconhecimento positivo é uma postura epistemológica e metodológica, pois reconhece a floresta como aquela que inspira saberes em mulheres carregadas de uma totalidade interseccional e dialógica.

O que proponho é conhecer e saber sobre a comunidade da floresta, sobre mulheres que, a partir das matas, das águas, evidenciam saberes produtivos, educacionais e socioafetivos. Um convite para conhecermos e sabermos que nesses espaços há uma produção individual e coletiva de saberes. Mas, afinal, que saberes

são esses? São saberes ecológicos em que há uma relação intrínseca do ser humano com a natureza, sua cultura, seus costumes, seu modo de vida, sua tradição ancestral, seus processos de produção e reprodução, saberes que são também históricos, construídos pelos comunitários e na temporeza, saberes das matas, alimentícios, religiosos ou espirituais, que contribuem para a organização social e econômica, ao transformar tais saberes em inovações e práticas.

Corroborando esse pensamento, Freire (1987) evidencia a importância da práxis que remete a uma ação-reflexão-ação, significando uma atividade prática envolvida por um fazer e saber de conhecimentos, reflexões e aprendizagens visando à transformação de suas próprias realidades.

A partir de Paulo Freire, também destaco outras características dos saberes, como o saber dialógico, evidenciado na **Pedagogia do Oprimido** (1987), em que é necessário o outro, nem que seja para aprender olhando o outro fazer. Não é só um ensinando o outro, precisa de um “tu” para acontecer saberes, uma pessoa sozinha não constrói nada. Mesmo uma pessoa que cura, que afirma que é um dom, teve alguma inspiração divina ou da ancestralidade para realizar essa ação.

Freire enfatiza também que o saber é histórico. Não dá para abstrair de uma época real, de uma série de acontecimentos políticos e econômicos por que passa um país; um lugar como a Amazônia acontece em um tempo, seu lócus é rico para comprovar isso.

Como já evidenciei anteriormente, há uma relação de poder. Essa relação de poder estabelece um saber valorizado, o escrito, produzido por alguém da cidade, com título e diploma, o papel assinado por uma autoridade. Esse poder deve ser questionado, como Paulo Freire fez, porque é estrutural. Relações de poder que se estabelecem também no conflito entre o saber oficial e o saber popular e que competem entre si.

É importante frisar que há saberes que oprimem, como, por exemplo, a invenção e a execução da bomba atômica, pois este saber extermina pessoas, assim, a ciência pode matar. O racismo é

um outro exemplo de opressão, foi e ainda é uma teoria construída – a teoria da normalidade – para excluir pessoas e classificá-las como humanas e como não humanas. Repito: há saberes que são usados para justificar e oprimir pessoas. Como, por exemplo, o fascismo, o machismo, o patriarcalismo.

O saber não pode ser absoluto e definitivo, está sempre em construção. Não pode ficar guardado em prateleiras, nos livros escritos empoeirados, ou na cabeça de uns poucos intelectuais que não saem de seus escritórios e salas. O saber vivo é aquele que ocorre na vida concreta, e o verdadeiro pesquisador é aquele que não se afasta da comunidade, que ama e respeita todos e todas e aprende sempre e não quer ser melhor ou superior a ninguém, nem usa seu título acadêmico para humilhar um outro que não tem título.

Na apropriação de saberes, demonstrado por Freire, na obra *Pedagogia da Autonomia*, há ética e há estética também, uma vez que

defende que pensar criticamente pode ser feito em conjunto com a ética e a estética, “decência e boniteza de mãos dadas em que mulheres e homens, seres históricos e sociais nos tornamos capazes de valorar, de intervir de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos” (Freire, 2022, p. 18).

A ética freireana está concatenada com a vida e o diálogo entre as pessoas baseada em sujeitos livres e construtores de sua própria história.

A defesa da ética do ser humano, segundo Freire, requer, em primeiro lugar, a defesa de uma vida digna para todos. Nessa perspectiva, não é possível viver de forma ética sem lutar por mais justiça e igualdade social, ou seja, sem ter um compromisso social para o bem viver de todos (Rodrigues, Couto, Bezerra, 2023, p. 34).

À medida que interferimos e transformamos o mundo, nós ensinamos e aprendemos, somos sujeitos de uma práxis que é política, estética e ética (Freire, 2020). A ética Freireana pressupõe respeito às diferenças e humildade para reconhecer que ninguém é superior a ninguém, assim, fundamenta-se na vida em comunhão

e no princípio do diálogo problematizador que conduz para a transformação social.

Saberes que caminham para uma educação estética. Lendo Paulo Freire, percebo que o saber educar esteticamente é ter a percepção de inacabamento, do que é ser aprendiz, de preocupar-se com a boniteza e sutileza das coisas com alegria, esperança, solidariedade, espiritualidade, bem-viver e ética. É estar disposto a apaixonar-se pela vida; não é uma tarefa fácil, ainda que seja um princípio humano o despertar para a boniteza da vida como um ato estético e ético de amor, um envolvimento belo com a integralidade do ser e existir humano, que, entretanto, requer fazer escolhas entre o “eu” que se diferencia do “tu” ou do “nós” que compartilha e agrega em uma relação horizontal.

5.2 Tecendo o feminismo comunitário com o ecofeminismo e o saber comunal

A concepção epistemológica do **Feminismo Comunitário** refere-se à conquista de direitos coletivos da comunidade como um lugar gerador de subjetividades, da memória ancestral, do território, da territorialidade e da espiritualidade. Evidencia o conceito de **território-corpo-mente** como uma forma de resistência ao patriarcalismo e à colonialidade e, por meio do corpo e do espírito, as mulheres estabelecem resistência aos sistemas de poder e às violências impetradas por este. E é isto que procuro destacar, nesta reflexão teórica, o diálogo com Francesca Gargallo (2014) e bell hooks (2021, 2022), entrelaçando empiricamente com a temporeza ecofeminista comunitária das mulheres da comunidade SEM, do município de Portel, na Amazônia Marajoara.

Apresento uma breve exposição das autoras feministas que utilizo para subsidiar a análise: Francesca Gargallo e bell hooks. Início com Gargallo, evidenciando, em organogramas, os principais conceitos analíticos que serão utilizados na análise da comunidade SEM.

Francesca Gargallo, nasceu 1956, na Itália, e faleceu em 2022; foi escritora, professora, feminista, poeta, licenciada em Filosofia, doutora em Estudos Latino-Americanos, desenvolveu seu trabalho no México e na América Latina. Como escritora, publicou romances, contos infantis, poemas, escreveu sobre a estética e a crítica literárias nas artes visuais. Foi consultora editorial de revistas, editora, tradutora, jornalista e fez parte dos movimentos feministas mexicano e latino-americano, nos quais trabalhou com mulheres populares e indígenas. A reflexão, apresentada pela autora sobre as mulheres indígenas de Abya Yala⁵⁶, traz identidade, subjetividade e coletividade. A autora, nos seus escritos, critica o racismo-patriarcal com vivência nesse contexto e estabelece as intersecções entre sexo e raça, de forma inteligente, comprometida e convidativa, questionando a colonialidade que motivou genocídios coloniais e, em contraposição, evidencia o feminismo comunitário. Nesses termos, evidencia que:

Escuchándolas y analizando sus dos ideas fuertes (el feminismo como construcción de una buena vida de las mujeres y el entronque patriarcal), me he abocado al intento de reconocer en la historia de las ideas de Nuestra América el pensamiento feminista de las mujeres indígenas que buscan formas de organización propias contra la miseria y la exclusión. Ellas pelean la autonomía en la gestión de su vida cotidiana, enfrentan las dificultades de participación en las organizaciones indígenas mixtas por la eterna postergación de las demandas de las mujeres en nombre de las urgencias del movimiento, y confrontan una definición de los derechos sexuales que les permita autodefinirse. Y lo hacen mientras se resisten a la hegemonía occidental en la construcción de los idearios feministas continentales (Gargallo, 2014, p. 22).

A autora reconhece as lutas das mulheres indígenas que se organizam contra a pobreza e a opressão patriarcal no mundo

⁵⁶ **Abya Yala**, na língua do povo Kuna – que vive nos arquipélagos do Panamá e em Darien –, significa Terra Madura, Terra viva ou Terra em florescimento. É usado pelos líderes indígenas para definir o sul e o norte do continente, sendo América um nome colonial com quem não querem identificar seu território comum.

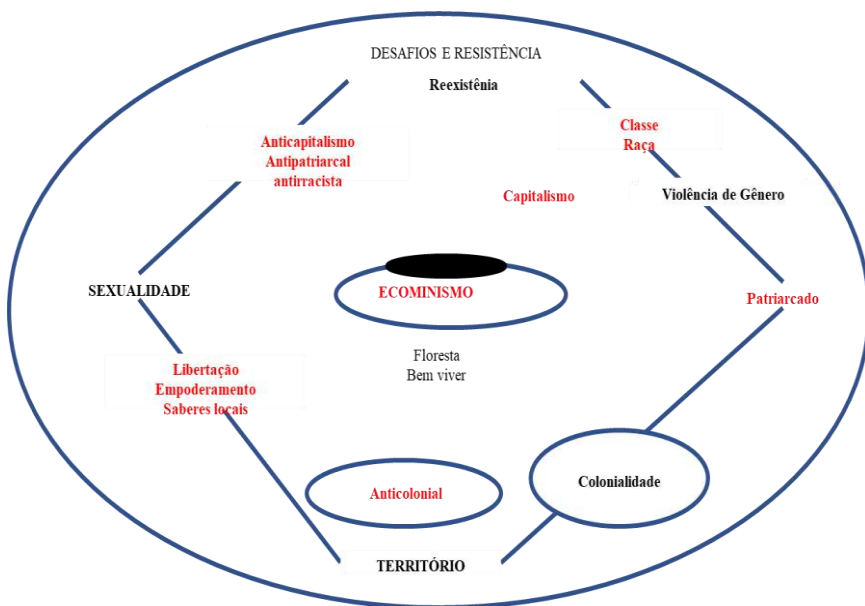
oposto e hierarquizado. Traz reflexões em torno da autonomia e reivindicação de direitos das mulheres ao processo de libertação.

Nessa tessitura, escolhi conceitos apresentados por Gargallo para evidenciar alguns fenômenos na comunidade rural pesquisada, que são: **o patriarcado, a política de identidade, a defesa do território, os desafios e resistências das mulheres e o saber viver em comunidade.**

O organograma, a seguir, mostra parte da minha compreensão da construção teórica de Francesca Gargallo para essa tese:

Organograma 1 – Construção teórica de Francesca Gargallo para esta tese

Francesca Gargallo (1956-2022)



Fonte: Elaboração própria (2022).

Gargallo (2014) enfatiza as categorias do **patriarcado**, o processo de opressão vivido pelas mulheres, evidenciando a intersecção de raça, identidade de gênero, sexualidade e classe. Junto com a **colonialidade do poder** e as **violências** surgem formas de **reesistências** das mulheres a partir do modo como se manifestam por meio dos seus corpos, na defesa do território, do bem-viver.

Território, territorialidade, corpo e mente ressignificados pressupõem uma nova relação com a terra, com o território, com a historicidade, com a cultura e com as relações comunitárias.

Essa combinação de fatores territoriais, sociais, culturais, ecológicos, comunitários e espirituais evidencia uma perspectiva do movimento feminista denominado **ecofeminismo** que equilibra igualdade, oportunidade, com a defesa do território, no intuito de alcançar sustentabilidade. Para Gargallo (2014), o ecofeminismo articula uma relação entre corpo e terra, denunciando a tentativa de propriedade de ambos, a terra é vida e a natureza imprime relações entre os seres vivos e sua sublimidade.

Nessa perspectiva, pressupõe-se um ecofeminismo espiritualista a partir das **cosmovisões ancestrais indígenas**, resgatando o princípio feminino da **mãe terra**, como princípio ecológico e de preservação, conservação, defesa e cuidado com o meio ambiente, como uma ligação entre sentidos e expressões da natureza.

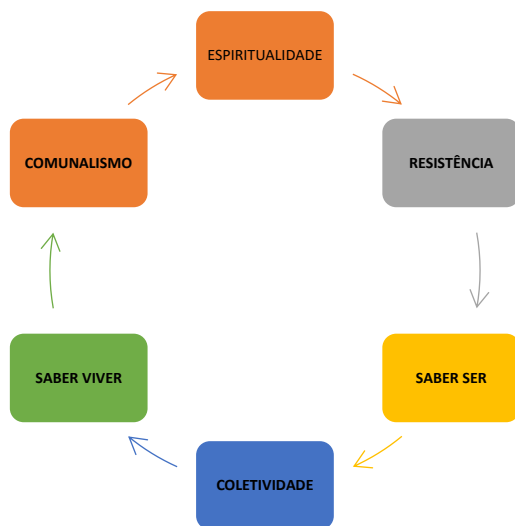
hooks (2021), no intuito de fazer uma transição de um modelo de dominação para o de parceria, pressupõe também como processo trabalhar a **espiritualidade em coletividade**. Essa categoria também será evidenciada como um processo de **saber ser e viver em comunidade**.

bell hooks, nascida em 1952, nos Estados Unidos, falecida em 2022, formada em Letras, com mestrado e doutorado na área, batizada como Glória Jean Watkins, assumiu como pseudônimo o nome da avó materna bell hooks. O nome grafado em minúsculo é um posicionamento político de recusa a egoística intelectualidade, o mais importante para ela era que seus escritos chegassem às pessoas. Foi escritora, feminista, professora universitária, escreveu e publicou mais de 30 livros; uma das maiores escritoras do feminismo negro, escreveu sobre raça, feminismo, comunidade, espiritualidade, amor, ensino, cultura, sexualidade, entre outros temas relevantes. Teve como uma de suas maiores influências intelectuais Paulo Freire e com ele criou gosto por esperar.

A autora escreveu o livro “Ensinando a comunidade: uma pedagogia da esperança” (2021). Neste, estabelece as **comunidades de resistência**, que, em alguns momentos, são enfatizadas no campo do ensino, entretanto, é possível fazer “pontes” das categorias evidenciadas no livro com as mulheres das comunidades rurais, uma vez que ela aborda temas, como **espiritualidade, sexismo, patriarcado, resistência e espírito de comunalismo**.

O organograma, a seguir, evidencia, a partir da reflexão teórica de bell hooks, os elementos fundamentais para uma pedagogia comunitária do e no espírito.

Organograma 2 – Construção teórica de bell hooks sobre comunidade de resistência



Fonte: Elaboração própria (2023).

Diferentemente da perspectiva reducionista, simplista e patriarcal, o ecofeminismo aproxima as categorias mulher, natureza, comunidade e espiritualidade, defendendo uma ética feminista de proteção, cuidado e conservação ambiental, que pressupõe comunidades de resistência em diálogo com a natureza e com a cultura, uma vez que

ser guiado pelo amor é viver em comunidade com toda a vida. No entanto, uma cultura de dominação como esta em que vivemos não se dedica a nos ensinar a viver em comunidade. Como consequência, aprender a viver em comunidade precisa ser uma prática central para nós que desejamos a espiritualidade(..). Posso testemunhar em favor da significância da prática espiritual e dizer que essa prática sustenta e nutre a política progressivista, e potencializa a luta pela libertação (hooks, 2021, p. 245-247).

As mulheres da comunidade SEM me ensinaram que, mesmo na diferença, na adversidade e vivenciando processos de opressão impostos historicamente pelo patriarcado, a convivência de uns com os outros e outras – seja com um familiar ou com uma liderança – é representativa, identitária e comunal. Essas representações se estendem às atividades produtivas com o agroextrativismo sustentável, com a agroindústria, com o artesanato, a pesca e as vivências ecológicas do rio, na margem do igarapé.

Nesses termos, na comunidade, há mais processos que unem ou que diferenciam?

Tem mais coisa que nos junta, acho que é por isso que hoje estamos conseguindo desenvolver a comunidade, porque a gente conseguiu o respeito das pessoas, muitas vezes quando tá acontecendo alguma coisa eles chegam para mim ou para o outro líder para compartilhar. Conquistamos a confiança, aí conversamos, orientamos as pessoas, elas respeitam a gente, o que nós fala, as vezes a gente senta para reunir só a liderança e dali levar para o grupo maior, para vê se aprovam ou não, é por isso que hoje conseguirmos respeito e prosperar (Nia, entrevista realizada em 22 de abril de 2023).

É um saber viver em comunidade, é um conhecimento prático e sensível saber ouvir e identificar saberes que envolvem individualidades, relações, memórias, trabalho, ecologia e imaginário. É um **saber comunitário** também ser e viver a economia solidária como prática do bem-viver, acreditando no lugar, no território, na herança ancestral, nas potencialidades produtivas e colaborativas de invenção e (re)invenção de tecnologias sociais, como é o caso do **Fundo Solidário Açaí**, que se tornou um banco comunitário, e do Manejaí, que compartilha e multiplica ações

comunitárias para outras localidades, além das vivências culturais, ecológicas e produtivas da organização de mulheres rurais da e na Amazônia marajoara, que se entrelaçam na coletividade, originando pertencimento e identidade em alteridade.

Nesse diálogo de saberes comunitários em que a mulher e a natureza em movimento circular se inserem, pressupõe que se crie um espaço onde o espírito seja valorizado, onde se aprende e se ensina e se pode construir comunidades de aprendizagens ecológicas na vida, em plenitude.

5.3 Saberes da espiritualidade

Desde as primeiras viagens que tive de pesquisa em comunidades rurais, e lá se vão mais de vinte anos, sempre me chamou a atenção ter, pelo menos, três espaços nessas localidades, que são eles: a escola, a igreja e o barracão da comunidade. No domingo pela manhã, não se marca nada além da missa ou do culto; esse é um momento especial de celebração, de oração, de avisos, de encontros, de confraternização. Lembro-me de um café da manhã, realizado após a missa em uma das comunidades em Portel; do sincretismo religioso presente em uma comunidade quilombola no município de Gurupá; das celebrações ecumênicas realizadas na casa Familiar Rural em Mapuá, município de Breves, pois lá frequentam alunos evangélicos e católicos, em um contexto sociocultural, histórico e territorial dos indígenas Mapuás.

As festividades também são um capítulo à parte, são aguardadas o ano inteiro. Todos da comunidade se preparam para a data e atraem também pessoas externas à comunidade. Os saberes e fazeres tradicionais, principalmente os gastronômicos, são apresentados nas festas, o que legitima a identidade cultural local.

Sempre fiz questão de participar das celebrações, percebo que eles ficam felizes com a minha presença, com a valorização do que é a eles sagrado e, mesmo que o respeito à fé do outro seja importante para mim também, o que eu sentia e sinto na comunhão

com eles transcende a religião ali devotada, porque nos humaniza, nos espiritualiza.

A comunidade Santo Ezequiel Moreno (SEM), constituída as margens dos rios, dos igarapés e dos mururés, erguida em cima das águas, em um território de várzea e também de terra firme, tem também a escola, o barracão da comunidade e uma igreja em que se celebram, aos domingos pela manhã, a missa. Quem dirige a missa geralmente é a líder da comunidade, sim uma mulher dirigente, quando os presentes evocam louvores, rezas e comungam.

O nome da comunidade surgiu a partir de uma conversa que a liderança teve com o pároco da região em 2003 e, assim, os líderes da época se identificaram com a história de vida do bispo espanhol Ezequiel Moreno Y Diaz, segundo informações do site da Arquidiocese de São Paulo (Disponível em <<https://arquisp.org.br/liturgia/santo-do-dia/santo-ezequiel-moreno-y-diaz>>. Acesso em 28 mar. 2024). Nascido em 9 de abril de 1848, em Alfaro, La Rioja, na Espanha; faleceu em 19 de agosto de 1906, em Montegudo, na Espanha. Lutou pelos desfavorecidos ao assumir várias paróquias nas Filipinas e, mais tarde, na Colômbia, foi canonizado santo, em 1992.

Princípios como cooperação, amorosidade, entre outros são entrelaçados aos pressupostos da constituição dessa comunidade. O lugar e os arrojos socioculturais permitem às pessoas se entenderem enquanto comunidade, e isto reflete nos modos de vida, a partir dos quais os valores morais e espirituais promovem a sociabilidade e a reciprocidade entre as pessoas, como na ajuda mútua nos convidados e/ou mutirões e no cooperativismo e associativismo realizado.

Na referida comunidade, a percepção inicial é que se alternam momentos, como, por exemplo, no dia 27 de fevereiro de 2022, em que primeiro ocorre o culto dominical, depois ocorreu a reunião sobre a cooperativa no barracão, à tardinha o jogo de futebol e, na noite anterior, muitos foram a uma festa em outra comunidade. Parece que cada acontecimento tem seu tempo, entretanto, quando reflito com um olhar atento, percebo que o aviso sobre a reunião da cooperativa se deu na missa, que o discernimento sobre a

importância dela se deu lá também, quando estavam todos devotados; que os cânticos de saudação e irmandade da congregação estavam na igreja, mas também na reunião no barracão, além do que, na referida reunião, por vezes, se fez uma oração para agradecer as graças alcançadas na associação.

Não se corta os laços e princípios estabelecidos na reza, na comunhão e as influências da campanha da fraternidade anual, pois muito do que acontece, em tempo(s) e espaço(s), estão entrelaçados.

A comunidade tem eventos religiosos, festas e rituais, que se enraízam no lugar e tornam-se vínculos afetivos como espaços apropriados para o viver em comunidade e tem também princípios que ultrapassam as paredes da igreja. É possível então afirmar que a religião vincula-se aos cultos, aos ritos, à doutrina católica, enquanto a espiritualidade envolta nesse processo compreende-se na dimensão humana, em sua integralidade de ser e viver, uma realidade ontológica. Neste sentido, o processo religioso das pessoas da comunidade, quando bem vivido, provoca uma espiritualidade expressa no amor, na solidariedade e na cooperação entre as pessoas.

Esses conceitos cristãos, como amor, diálogo, esperança é a espiritualidade com características libertadoras presentes em Freire; através da humanização, ele valoriza a justiça, a liberdade, mesmo diante das contradições humanas.

Humanização que se constrói como ontologia do ser, no inacabamento do ser humano, na busca do ser mais. Esse conceito é a base de uma educação libertadora, problematizadora e dialógica, proposta por esse educador.

De acordo com Freire (1987), ao fundamentar no diálogo, o amor é, também, diálogo. O diálogo não pode existir sem um profundo amor pelo mundo e pelos homens. A educação libertadora não é possível sem estar impregnado de amor, pois “a valentia de amar que, segundo pensamos, já ficou claro não significar a acomodação ao mundo injusto, mas a transformação”

(Freire, 1987, p. 110), uma vez que o amor ao mundo é um ato histórico e cheio de possibilidades e não de autodeterminação.

Esse vínculo amoroso entre as pessoas da comunidade, no sentido de compromisso com o bem-viver das pessoas, com a natureza e com a vida, é o que gera libertação das relações de dominação e de opressão. Uma relação social, humilde, dialógica e amorosa. O Amor é

um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico (Freire, 1987, p. 51).

A causa é a libertação que não pode ser piegas nem pretexto para manipulação. O autor reitera que se não há amor pelo mundo, pela vida, não há diálogo nem tão pouco humanização.

bell hooks (2021) também utiliza a espiritualidade enquanto emancipação humana, uma vez que afirma:

comecei a usar essa visão de autocura espiritual em relação à recuperação política de pessoas colonizadas e oprimidas. Fiz isso para enxergar os pontos de convergência entre o esforço de viver no espírito e o esforço de povos oprimidos para renovar o espírito, para se reencontrar em um lugar de sofrimento e resistência (bell hooks, 2021, p. 244).

A Espiritualidade traz vigor e significado para a vida. A valorização de si mesmo e dos outros. Ela atende à necessidade de esperar o viver em comunhão, além de reconhecer a natureza interligada a todos esses fatores, orientando a ação-reflexão-ação em comunidade intercultural e ancestral, visto que

esses pensamentos vêm até nós, procuramos de verdade abraçar a comunidade, buscando viver em comunhão com o mundo à nossa volta(...) Ao nos comprometermos a construir uma comunidade, somos chamados a um pacto de amor, de estender essa comunhão até mesmo quando enfrentamos a rejeição. Não somos chamados a fazer as pazes com o abuso; somos chamados a ser promotores da paz (hooks, 2022, p. 112).

O amor é a força que nem sempre aparece na fala das pessoas da comunidade SEM, mas são visíveis nos resultados de partilha e comunhão, como é o caso do fundo solidário açai, manejaí e nas demais atividades cooperadas realizadas pelo movimento de mulheres. É uma percepção do outro e suas singularidades.

Segundo Buber (2006), para se viver o diálogo verdadeiro é necessário viver o encontro, neste sentido, sem a alteridade a pessoa não poderá nem mesmo reconhecer-se. De acordo com Buber, a relação com o Tu é imediata,

entre o Eu e o Tu não se interpõe nenhum jogo de conceitos, nenhum esquema, nenhuma fantasia; e a própria memória se transforma no momento em que passa dos detalhes à totalidade. Entre Eu e Tu não há fim algum, nenhuma avidez ou antecipação; e a própria aspiração se transforma no momento em que passa do sonho à realidade. Todo meio é obstáculo. Somente na medida em que todos os meios são abolidos, acontece o encontro (Buber, 2006, p. 59).

Na perspectiva de Buber, Deus não pode ser objetivado, ele é amor e pode ser encontrado na relação direta quando se reconhece e acolhe a presença do Tu eterno. Assim, quem deseja encontrar Deus, precisa aprender a encontrar as pessoas, pois “a relação com o ser humano é a verdadeira imagem da relação com Deus, na qual a verdadeira invocação participa da verdadeira resposta” (Buber, 2006, p. 120).

Ao tomar tais pressupostos como ponto de partida, procuro o prenúncio da formação espiritual, bem como os saberes que dela emergem. Por **saberes da espiritualidade**, compreende-se:

Os conhecimentos e experiências que homens e mulheres mantêm com aquilo que culturalmente, consideram como sagrado- seja a partir da relação que têm com Deus, anjos, santos, entidade, padres, pastores, ou outros agentes, seja a partir do vínculo que estabelecem com objetos, animais, lugares e plantas (Albuquerque, 2015, p. 182).

Tais saberes são um misto de aprendizagem religiosa católica com as tradições afroindígenas, imaginário da Amazônia

marajoara, organização social comunitária e as relações com a natureza.

Neste caso, conforme minhas percepções, é impossível tentar compreender qualquer perspectiva de uma comunidade rural, às margens dos rios, sem passar pela compreensão de Deus que eles têm, da fé que professam, dos ensinamentos adquiridos no espaço da congregação que são ultrapassados para suas vidas coletivas. Princípios cristãos que celebram a comunhão e a partilha e que são replicados no ir e vir nas canoas e cascos, nas rabetas embarcadas com as rasas de açaí, nas mãos que preparam doces e salgados a partir dos frutos da natureza.

Os saberes da espiritualidade ajudam no respeito à natureza, fortalece a cultura e a organização social, é uma fonte de esperança, mesmo sob as adversidades sociais que possam ocorrer.

5.4 Comunidade do espírito e saberes da temporeza

Desde a infância, sempre ouvi sobre os dons do espírito, quais sejam: amor, paciência, fé, esperança, gratidão e tantos outros. O tempo passou e ainda me sinto seduzida por eles, entretanto, com conotações mais abrangentes, pois percebo que corpo e alma estão intrinsecamente conectados e que, se um não vai bem, o outro também tende a se enfraquecer; descobri que o amor pode ter doses boas de se curar e que esperar é o que move as mulheres mesmo que opressões ocorram.

Freire em *À Sombra das Mangueiras* (2015), relata que, quando ele era criança, tinha medo da madrugada, e o que ele mais amava era o som dos pássaros “madrugadores e manhecedores”, que traziam com seus cantos a manhã, e ele, enfim, ficava livre do medo, fazendo uma analogia do temor com a libertação. Eu, assim como muitas mulheres, sinto medo de muitas coisas que foram afirmadas e reafirmadas a vida toda na cultura patriarcal em que vivemos. Então, nós mulheres acabamos, em alguns momentos, não conseguindo ouvir por completo o som dos pássaros. Posso concordar que “aqui onde vivemos nossos sentidos são agredidos

pela pertinência da dominação diária, não surpreende que muitas pessoas se sintam confusas, indecisas e desesperançadas” (hooks, 2021, p. 48). O patriarcado deixa suas marcas na memória, na história, na construção pessoal e coletiva, não é uma tarefa fácil romper, também não é impossível ouvir o som da liberdade e voar.

Vi e ouvi muitos relatos das mulheres da comunidade SEM, alguns com lágrimas, fruto de incompreensões, decepções, e isso me faz refletir sobre que tipo de comunidade tem sido construída. Sei que homens e mulheres da comunidade têm corpos com necessidades vitais de se alimentar de ter uma casa, de adquirir infraestrutura necessária para se expandir a economia solidária. Entretanto, e a comunidade do espírito? Como se tem trabalhado as relações intra e interpessoais? Como a natureza pode ajudar?

Criada em meio a natureza, bell hooks evidencia no livro “**Pertencimento: uma cultura do lugar**”, seu retorno à sua terra de origem e como o lugar natural trouxe para vida uma sensibilidade diferente:

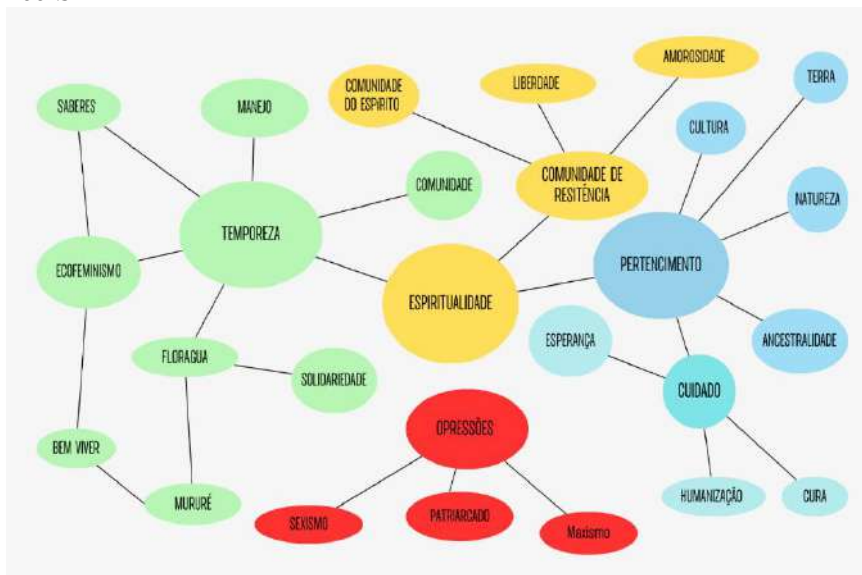
No campo, aprendemos a confiar apenas no espírito, a seguir a penas onde o espírito nos leva. No fim não importa nossas palavras ou nossos atos; o espírito nos chama além da voz, além das leis criadas pelo homem. O espírito selvagem da natureza intocada sobreviveu dentro do homem do campo como um legado ancestral, passado de geração a geração. Sobreviveu também a dádiva ancestral desse espírito, o bem mais precioso, a liberdade. E, para ser totalmente livre, o ser humano precisou aceitar os direitos orgânicos da terra (hooks, 2022, p. 160).

Abrindo caminhos para o pertencimento e para a valorização da ancestralidade e da natureza, a autora valoriza a vida, o meio ambiente e a liberdade que advém da conservação do ambiente natural, constituindo um saber ecológico de cuidado e cura.

Dando prosseguimento a esta tessitura ecológica, que se entrelaça com a comunidade de aprendizagem e do espírito (hooks, 2021) e com a cultura do lugar (hooks, 2022) e se entrecruza com as opressões (hooks, 2021, 2022), o organograma elaborado evidencia

a reflexão teórica de bell hooks, em diálogo com a temporeza marajoara das mulheres da comunidade SEM.

Organograma 3 – Teia da temporeza ecofeminista com a construção teórica de bell hooks



Fonte: Elaboração própria (2023).

Na temporalidade da natureza, compreende-se o pertencimento que tem como raiz a ancestralidade, intimamente relacionada com a comunidade do espírito, com a terra, com as águas e com a cura.

Margarida, mulher, trabalhadora rural, militante do ecologismo e do movimento social, reflete também sobre si e sobre os saberes que convergem com a temporeza marajoara:

nasci e me criei as margens dos rios na comunidade, é isso me fortalece. Quanto mais eu tenho conexão com a floresta, com a terra, com o chão puro, com a água pura isso só me fortalece e me dá mais saúde. Por isso eu continuo lutando para que a gente tenha um meio ambiente equilibrado, para que a gente possa ter uma diversidade de recursos naturais para que nossa história esteja presente nas futuras gerações (...) É importante proteger o solo, a mata ciliar, e o sistema reprodutivo, proteger a caça, os

peixes, a flora e a fauna (...). Na floresta o contato com a natureza é diferente, agente ainda tem as florestas para nos esconder, então o ar ainda é puro, ainda tem os vetores, que são as árvores, a água não está tão saudável mais ainda dá para tomar um banho, isso traz um fortalecimento da nossa saúde (Margarida, entrevista realizada em 21 de abril de 2023).

Filha dos rios, Margarida aprendeu cedo o poder restaurador da natureza. E que ela pode ser geradora de vida, pertencimento e restauração.

A natureza tem me ensinando que o cuidado em saúde tem potencial, com ervas, óleos em tratamento da saúde. A natureza nos oferece o alimento, a natureza é uma mãe. Mãe terra, mãe do corpo, porque a água produz alimento, peixe de várias espécies, a água ela molha, ela hidrata as plantas para crescerem, a terra também alimenta, sustenta, libera oxigênio para que essas árvores possam crescer e frutificar e daí gerar. A natureza é feminina, porque ela gera vida, nós somos natureza. Por isso que ela é mãe. Mãe terra nos sustenta, nos ampara, nossas casas estão fixadas nela (...). Quando a gente pega um baque passa uma terra gelada em cima e refresca, aí eu tenho óleo de andiroba que ajuda a dissolver o baque. A mãe terra cuida, a mãe é natureza (...) A terra sustentou uma árvore de andiroba que cresceu, que deu vida, que produziu uma castanha, que daquela castanha produziu um óleo, que daquele óleo já veio cuidar do meu corpo, uma cadeia de vida, tem útero aí né? (Margarida, entrevista realizada em 21 de abril de 2023).

Em seu relato, a mulher conta de sua ruralidade, da cultura e dos saberes da temporeza envolvidos. Evidencia que a terra é produtora de vida, mas que é necessário respeitá-la para senti-la, para herdar a sua benevolência e seus saberes. Falou com vivência, experiência, amor e generosidade e ainda traz uma íntima memória afetiva de “mãe natureza”, como aquela que gera, que nutre, que emana, que ensina, uma concepção espiritual e amorosa que postula um ser mais e um vir a ser com os outros e outras.

Figura 9 – Açaizais comunitários da SEM



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, abril de 2023.

Figura 10 – Ponte entre a ponte principal de 600 metros e o Manejáí



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, abril de 2023.

Figura 11 – Área de várzea da comunidade



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, abril de 2023.

Figura 12 – Alojamento para visitantes



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, abril de 2023.

As figuras de 9 a 12 demonstram a força da natureza e cultura que se entrelaçam. Na figura 9, quero trazer a importância dos açaizais nativos e manejados como fonte de recursos econômicos e de alimentação para a sua gente, e sua relevância na criação e difusão sociocultural no território. Na figura 10, destaco a bela ponte que leva até o Manejaí, onde os comunitários se reúnem para orientar, articular e propagar as experiências da comunidade SEM

para outras localidades rurais, em Portel; na imagem, também é possível ver uma parte da ponte de 600 metros, as residências ao fundo, os cascos, o casco de rabeta, as palhas e muitas árvores.

A imagem evidenciada na figura 11 foi feita enquanto eu caminhava na ponte até a área de terra firme; antes de chegar, muita várzea é possível visualizar, em que as plantas aquáticas se fundem às águas do igarapé e do açailal. Na figura 12, apresento uma das conquistas realizadas a partir dos recursos do FSA que foi a construção dos alojamentos dos visitantes, a que eles denominam de quiosque. Lá é um ambiente muito agradável. Até chegar ao local tem uma ponte com várias flores no caminho, embaixo do quiosque passam as águas e os animais que na natureza vivem, e muita floresta em volta; à noite, quando as pessoas silenciam, é possível ouvir vários sons e por vezes cheiros.

Em uma das semanas de pesquisa, um casal da comunidade me convidou para caminhar com eles às seis horas da manhã. Então, saímos da casa pontualmente, caminhamos pela ponte (figuras 7 e 10) que liga as residências na várzea até a área de produção e plantio na terra firme. Enfim, chegamos na grande área onde tem o campo de futebol; lá corremos um pouco e depois fizemos silêncio para ouvir o som dos pássaros, e eles foram identificando os cantos de cada um. Foi terapêutico o ar puro, o canto dos pássaros, a companhia, a beleza da transição da várzea para a terra firme, uma fronteira de especificidades e diferenças.

A natureza me ensinou naquele dia a não ter pressa para ser curada, tudo a seu tempo, e que a boniteza da temporeza, tem sons e cheiros que toca o divino. Aprendi que a companhia certa também pode gerar aprendizagens e que ela não precisa ser agendada, tem coisas que simplesmente acontecem para apaziguar o espírito. Percebi também que o casal já conseguiu entender que a temporeza os transforma, os conecta e lhes dá energia. Que essa relação possibilita-nos viver em comunhão, mesmo que a vida não seja perfeita, há equilíbrio, beleza, afetividade e saúde ao escolher o **bem-viver**.

Por fim, nessa manhã pedagógica-ecológica, entendi que os cônjuges podem ser multiplicadores dessas aprendizagens de forma contínua e processual, sem pressa por resultados e/ou por atingir o maior número de comunitários/as.

Uma comunidade de aprendizagem e do espírito pode estar começando a acontecer, a passos lentos, pois o modelo individual, patriarcal, machista ainda é muito forte e tende a afirmar que sempre foi assim e não vai mudar, que se deve tolerar o que foi instituído. Retomar a comunidade é nos envolvermos no movimento circular da temporeza, que é possível ver a quem se dispõe a enxergá-la e vivê-la. Para tanto, é necessário estar bem e compromissada com a tentativa de ter relações comunitárias justas, com equidade e paridade,

(...) o engajamento sincero, justo e apaixonado com a diferença e com a auteridade me dá a oportunidade de viver com justiça e amor. E isso não pode ser confundido com noções superficiais de inclusão ou de vivenciar uma diversidade na qual uma pessoa permanece em espaço de privilégio enquanto se aproveita daqueles que são considerados “os outros”. Falo da diversidade que permite que uma pessoa seja fundamentalmente tocada, totalmente transformada. Os resultados dessa transformação são a multualidade, a parceria e a comunidade (hooks, 2021, p.186).

A comunidade em diálogo com bell hooks me fez pensar sobre os significados de ter uma vida no espírito, que certamente não é uma tarefa fácil, mesmo que seja restauradora e libertadora, pois o mundo insiste em ser competitivo, pragmático, quadrado e com armadilhas que precisam ser desarmadas continuamente.

5.5 A armadilha patriarcal e a (re)existência com o bem-viver

Diante das violências, o território primeiro a ser protegido é o corpo. É este também o espaço por meio do qual se criam estratégias de luta política, no intuito de valorização, produção dos saberes locais e práticas educativas interculturais que permitem a inventibilidade das mulheres.

O **feminismo comunitário** e o **empoderamento** que pressupõe a defesa dos corpos se articula com o ecofeminismo no tempo das águas e das florestas. Desta forma, a coletivização das mulheres é em defesa da vida, do território-corpo, que se expressa em lutas a favor da natureza e antipatriarcais, antirracistas, anticapitalistas, anticoloniais. Valorizando saberes, viveres, organizações, afetividades, emoções e aprendizagens para si e para o cuidado com outros e outras. Daí decorre a necessidade de compreensão da economia solidária feminina, no intuito de trabalho coletivo e empoderado, a partir das visões de mundo e práticas de liberdade. Nessa perspectiva, Francesca Gargallo acrescenta:

Las ideas de buena vida para las mujeres pensadas en las comunidades indígenas actuales, que son presentes y modernas, incluyen las ideas de economía comunitaria, solidaridad femenina, territorio cuerpo, trabajo de reproducción colectivo y antimilitarismo. Se sostienen en la resistencia a la privatización de la tierra y desembocan en la crítica a la asimilación de la cultura patriarcal de las repúblicas latinoamericanas y sus leyes, centradas en la defensa del individuo y su derecho a la propiedad privada. Así confrontan lo que subyace en el capitalismo monopólico hegemónico, eso es, la difusión ideológica de que el capitalismo se impondrá en cada rincón del mundo, apropiándose de todas las tierras comunales e imponiendo una única economía salarial del trabajo (Gargallo, 2014, p. 25).

Assumindo essa definição, o esforço das mulheres para viver um bem-viver em diálogo com outras mulheres em suas comunidades poderá entrar em crise com a hegemonia cultural, entendida como uma característica colonial, negando-lhes o controle sobre seus corpos e o reconhecimento do seu trabalho. Nesse contexto, coexistem mulheres que são lideranças em sua comunidade e que, ao mesmo tempo, vivem relacionamentos de poder entre homens e mulheres. Vejamos, a seguir, um depoimento de uma mulher da comunidade SEM.

No início do relato, observa-se a construção e luta em prol da comunidade:

sou nascida e criada aqui na comunidade, a comunidade foi fundada em 2003 em 2004 conseguimos fundar uma associação ATTA que veio para organizar, através da associação construímos o fundo açaí que é para ajudar nas obras sociais da comunidade e também na saúde das famílias, que quando precisamos já temos para onde correr para emprestar e através do fundo nós fomos conseguindo os parceiros como a Fase de Gurupá, embarca Marajó, IEB, Vitória Régia e outras instituições como o SEBRAE e Sindicato Rural que também ajudou nós. Isso se deu por conta do morcego que deu e a invasão também de outras pessoas que entravam aqui para pegar o nosso peixe e embargar a geleira e os batedores de água que vinham da cidade, e conseguimos combater isso aí também [...]. A cozinha iaça era um sonho, aí nós conversando com os parceiros agente fazia uma mapa, um radar e iam colocando nossos sonhos, nosso desejo que nós tinha de construir e cada mapa que agente fazia, agente coloca uma coisa, cada ano ia se construindo uma coisa que agente pensava em fazer (Rosa, entrevista realizada 26 de Fevereiro de 2022).

Com entusiasmo, a entrevistada narra os sonhos coletivos que vão pouco a pouco se concretizando em prol do **bem-viver, em comunhão**, e que, para a realização destes, as mulheres tinham que fazer viagens, no intuito de adquirir formação, buscar parcerias e/ou socializar experiências:

[...] e nossos filhos ficam gatinhos, na valença que meu marido não me apoia mais ele fica com as crianças, só que na questão financeira ele não me dá apoio, não gosta que eu saia, eu saio porque eu mesmo que vou, quando eu chego ele passa de semanas sem falar comigo, eu fico assim triste né, eu falo para a amiga, as vezes me dá vontade de desistir, mais ao mesmo tempo eu coloco na minha cabeça que não vou desistir, nem um homem vai fazer eu desistir, de eu estar andando eu já tenho conhecimento, não sou mais parada, as pessoas me apoiam muito quando eu vou em Belém, sempre converso, as parceiras, sabe do que eu passo, eu nunca sofri preconceito só dele mesmo, olha eu fui em Fortaleza apresentar nossa cozinha, quando eu subi no palco para falar o pessoal me aplaudiram muito, porque eu teve coragem de subir lá e falar o que nós faz aqui e através disso as pessoas estão vindo conhecer nossa cozinha, porque tá conhecida no Brasil todo bem dizer. Eu sou hoje uma pessoa mais esperta, eu era muito tímida, não tinha coragem de falar, agora já me desenvolvo na fala, só que o meu coisa é isso, meu marido, ele faz assim bulling comigo, aí eu falo para ele possa que um dia eu perca a paciência e te mandar processar, ele faz caçoada de mim, aí meus cabelos estão ficando brancos, ele faz caçoada de mim, isso não importa, o que importa é o que eu sou, eu sou mulher e sou forte (Rosa, entrevista realizada 26 de Fevereiro de 2022).

Rosa relata que, mesmo na adversidade com o marido, sem apoio e deixando filho pequeno em casa, viaja para expandir as redes, buscar parcerias e multiplicar ideias e projetos coletivos. Tudo isso é doloroso para ela, pois o homem não reconhece o seu esforço, pelo contrário, o marido em sua pequenez tenta diminuí-la, inferiorizá-la. E ela continua:

parei de estudar muito novinha, aí só tinha até a quarta série aqui na escola e eu repeti a quarta série três anos, porque meu pai não deixava nós sair para estudar porque para ele era só trabalhar na roça, aí meu irmão fez um feio com ele e conseguiu colocar nós na escola para estudar, aí foi o tempo que parei de estudar que me ajuntei com meu marido e fui embora com ele para casa do pai dele e quando foi um tempo meu pai mandou me chamar, aí eu vim, ele pediu perdão para mim e pediu para eu voltar, aí eu voltei né? para casa deles, da mamãe e aí foi que voltei a estudar e aí o negócio já foi com meu marido, bem que o papai não queria, aí a mamãe diz, tá tu queria agora tu tem que aguentar, mais nem por isso eu tô presa eu disse assim, aí eu comecei estudar, quando já tinha um módulo aqui do quinto até o nono ano, aí eu comecei a estudar, mais professora, eu padeci nesse curso, eu tava com o bebê gito né aí ele não queria que eu tomasse anticoncepcional e todos ano era um filho, [...] já tinha dois nesse tempo, nós morava ali numa casa atrás da escola, não tinha o trapiche ainda, agente vinha estudar do outro lado no salão, aí quando dava a noite, dava aquele temporal, trevoada, chuva, chuva, professora, eu vinha trazer meus filhos, quando era para eu ir eu deixava as crianças com minha irmã, ela repara, aí quando era para mim ir, um menino ia dormindo na frente do casco e o outro ia no meu braço, chegava lá professora eu chamava ele e tava fechada a casa, e chuva, chuva, mais e foi um sofrimento para mim, não abria a porta e nem pegava as crianças, aí eu tinha que deixar uma no casco e subir com a outra pra terra, aí meu Deus do céu, eu muito besta e apegada a ele, aí eu queria desistir [...] (Rosa, entrevista realizada 26 de Fevereiro de 2022).

Ela segue relatando os desafios para concluir o ensino fundamental e o ensino médio e agora ela está cursando o superior, sem apoio e sem reconhecimento do marido, e com todas as dificuldades enfrentadas para conciliar os estudos com a maternidade e com as atividades da organização das mulheres e da associação em prol do bem-estar da comunidade. Com a voz embargada, ela fala com pesar como foi e ainda é sofrido estudar e exercer a liderança feminina, isto porque seu pai, seu esposo e até a sua mãe têm pensamentos patriarcais que atravessam e limitam

emocionalmente as suas lutas. Ela, mesmo travando tantas batalhas coletivas, sofre por caminhar para frente e para trás diariamente, por conta do não reconhecimento, da não aceitação, da falta de apoio. Rosa não pedia tanto, se ele abrisse a porta, ajudasse a carregar as crianças depois de um dia de aula, já ajudaria a aliviar a dor que ela sentia ao misturar as lágrimas com a chuva que caía sobre seu corpo e das crianças naquele casco sobre as águas. Era tão pouco o que poderia lhe fazer feliz, mas nem esse pouco ele estava disposto a lhe dar, e ela sabia disso e, mesmo assim, nunca desistiu.

As mulheres da comunidade SEM são agricultoras, farinheiras, pescadoras, estudantes, domésticas, donas de casa, artesãs, doceiras, rezadeiras, contadoras de histórias. E essas mulheres contribuem na economia doméstica da família e são exemplos de resistência dentro de suas comunidades ao assumirem responsabilidades com a educação, com a geração de renda em cooperativas, com as associações, no próprio lote particular, no respeito e na preocupação com a sustentabilidade, espaços de liderança em sindicatos e grupos religiosos.

Além do trabalho de geração de renda, as mulheres da comunidade têm dupla e, às vezes, tripla jornada de trabalho. Há hierarquia dos papéis desempenhados por homens e por mulheres, o que acaba sendo naturalizado por elas. Dentre as suas atividades, estão a tarefa de cuidar dos filhos, fazer a alimentação, além de limpar e manter a casa limpa e organizada, lavar as vasilhas no grande jirau da casa e as roupas de todos os familiares, além de estender a roupa, recolhê-la e guardá-la, tarefas essas que raramente tem a ajuda do homem. Sempre que adoece alguém da família, como o pai e a mãe, recai também sobre a mulher a responsabilidade de cuidar do idoso, e é sempre ela que ajuda nas tarefas da escola dos filhos. Lamentavelmente, os filhos homens já crescem reproduzindo o costume patriarcal na nova família que se organiza.

Esta é uma relação enraizada estruturalmente em uma sociedade capitalista-patriarcalista-colonial e ancestral, e sua superação encontra-se em processos lentos, pois há a necessidade

de decolonização de mentes e corpos a respeito das relações desiguais de gênero, nos termos que

no sólo existe un patriarcado occidental en Abya Yala (América), sino también afirmamos la existencia milenaria del patriarcado ancestral originario, el cual ha sido gestado y construido justificándose en principios y valores cosmogónicos que se mezclan con fundamentalismos étnicos y esencialismos. Este patriarcado tiene su propia forma de expresión, manifestación y temporalidad diferenciada del patriarcado occidental. A su vez fue una condición previa que existía en el momento de la penetración del patriarcado occidental durante la colonización, con lo cual se refuncionalizaron, fundiéndose y renovándose, y esto es a lo que desde el feminismo comunitario en Guatemala nombrábamos como refuncionalización patriarcal, mientras que nuestras hermanas aymaras em Bolivia y en su caso específico lo oímos directamente de Julieta Paredes, que lo nombraban ya para entonces como entronque patriarcal. A partir de debates y reflexiones propias lo nombramos en el movimiento feminista comunitario como entronque patriarcal (Gargallo, 2014, p. 22).

O patriarcado ancestral ocorre com a expropriação histórica dos corpos: quando a mulher não pode decidir sua sexualidade, liberdade e autonomia. Quando as mulheres indígenas e camponesas são designadas como cuidadoras e reprodutoras de um sistema. Entretanto, é importante considerar que já existe um conflito entre o patriarcalismo, o feminismo comunitário e/ou ecofeminismo, pois esses últimos refletem a ideia e a militância coletiva em prol da construção de um bem-viver para as mulheres e suas populações tradicionais, em que há outras formas de conceber o gênero, com pensamentos críticos e coletivos entre mulheres de diferentes trajetórias de luta.

Com o movimento social, empenham-se nas lutas de resistência que se organizaram para combater as constantes violações dos direitos sobre seu território e seu corpo. Julieta Paredes (2013) evidencia que o feminismo comunitário responde às necessidades das mulheres em sua própria sociedade, quando elas desenvolveram lutas e construções teóricas que buscam explicar sua situação de subordinação na tentativa de superá-la. Daí decorre

a necessidade de se propor um feminismo que expresse as ideologias e utopias das mulheres, uma epistemologia insurgente que parte da comunidade e de identidade como princípio inclusivo que cuida da vida, defende o território na amplitude da diversidade natural e cultural, no intuito de estabelecer uma relação horizontal e complementar entre mulher e homem.

5.6 Rios de identidade em floresta território: saber manejar os frutos

Aproximando a temporeza da identidade cultural, é possível valorar as tradições e as expressões orais, os costumes, as festas e as danças, os contos e os causos, os saberes, tradições e costumes advindos das ervas medicinais, do vestuário, dos valores, da observação, dos fenômenos naturais e dos saberes gastronômicos, desenvolvidos pelas mulheres da comunidade:

Então a gente faz várias coisas desses produtos, (...) de açaí, de bacaba, de tucumã, inajá. minha preocupação é que o inajá é muito doce mais se você for fazer um bolo dele e não saber fazer, ele fica igual o abacaxi, ele tem um ácido muito amargo, não tem quem coma, se você não souber tirar do abacaxi né, você vai estragar seu mussi, seu creme, seu recheio, então o de inajá é parecido com o de abacaxi (...) faço bolo de inajá, faço coxinha, um dia desses eu fiz uma empada doce aí eu usei o creme do inajá, se você fizer o creme do inajá aí ele fica bom, mais se você passar para cozinhar uma coisa assim aí ele já muda de sabor, ele amarga que você não consegue comer, se for no fogo tem que tirar(...) faço minhas substituições, faço minha invenção, se faço um e não dá certo, faço outro, eu sei que tudo é comestível (...) eu registro, tenho 13 receitas prontas (...) então temos que buscar nosso extrativismo, vamos valorizar o que nós temos, quando vou na reunião com elas eu sempre bato muito sobre isso, é o nosso trabalho nós temos que valorizar aquilo que nós temos aqui, o nome da comunidade pesa muito, eu fui convidada para dar uma palestra lá na França, conseguiu uma vaga para mim lá no Rio de Janeiro, pra levar e fazer pra vender né, aí tudo isso eu falei pra elas, tudo isso(...), então eu falei do que eu sei fazer, do que nós sabe fazer, se você sabe fazer um beju chica, você vai falar sobre o beju chica que você fez, se você colocou uma castanha diferente, foi o seu diferencial que você fez(...) (Mãe Maria, 26 de Fevereiro de 2022, fim de tarde, no Manejáí, pássaros cantando).

Essas receitas com frutas da região foram desenvolvidas a partir da instalação de uma miniagroindústria comunitária de beneficiamento, que é gerenciada pelas mulheres da Cozinha Iaça, organizadas de forma cooperada, em que o resultado do trabalho é repartido de forma igualitária; ação realizada a partir da construção e efetivação do Fundo solidário Açaí. No local, cerca de vinte mulheres produzem alimentos que são vendidos para as escolas da região, gerando renda para o coletivo.

De acordo com a Associação dos Trabalhadores do Rio Acutipereira (ATAA), 5% da receita obtida com a atividade vai para o fundo, os 95% são divididos igualmente entre as mulheres participantes. A ideia é diversificar as fontes de recursos para que o fundo seja cada vez mais sustentável. Essa atividade de produção surgiu na Feira de Ciências do Rio Acutipereira, a partir de um projeto “Cozinha Iaça” e tem por objetivo fortalecer as experiências solidárias de inclusão produtiva e sustentável das famílias agroextrativistas da comunidade, com base no protagonismo das mulheres, produzindo receitas com produtos de base ecológica oriundo dos quintais, roças e florestas. Vejamos algumas dessas preparações gastronômicas:

Figura 13 – Amostra de culinária da cozinha Iaça



Fonte: Fotos cedidas por Mãe Maria, abril de 2023.

No livro *Receitas de culinária agroextrativista* (Miranda *et al.*, 2019), há vinte receitas preparadas por essas mulheres durante as formações realizadas pelo projeto. As receitas foram criadas a partir do conhecimento culinário prévio das mulheres e da troca de conhecimentos com diversas comunidades das glebas do Acangatá, Alto Camarapi, Joana Pires II, Jacaré-Puru e Acutipereira.

Entre as receitas da culinárias agroextrativistas apresentadas no livro, destacam-se: bolo de macaxeira com abacaxi caramelizado, pão doce de açaí, biscoito de tapioca com castanha de caju, bolo de castanha do Pará com tapioca, coxinha de açaí, pizza de macaxeira, bolo de abóbora com castanha do Pará, bolo de crepuaçu (crueira⁵⁷ e cupuaçu), bolo de manga com farinha de tapioca, crepioca de abóbora recheada com palmito, pastel de tucumã, pastel de açaí, pudim de açaí, creme de abóbora, monteiro lopes de cupuaçu, pão de tucumã, pão de abóbora, crepioca de açaí recheada com palmito, creme de caju, crepioca de crueira recheada com caju refogado.

O livro de receitas da culinária agroextrativista é um produto do projeto “Mulheres Marajoaras: inclusão produtiva e sustentabilidade”, desenvolvido pelo Instituto Internacional de Educação do Brasil (IEB), em parceria com a Associação dos Trabalhadores Agroextrativistas do Rio Acutipereira (ATAA), Associação dos Moradores da Gleba Acutipereira (ASMOGA) e Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Campus Breves, com apoio financeiro do Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal.

Eu estava vendo o rio, as florestas, as árvores frutíferas lá da comunidade e pensando sobre tudo o que ainda pode ser feito pelo olhar curioso das mulheres sobre o seu território e o que mais as mulheres podem fazer a partir do trabalho de suas mãos. Elas navegavam por essas águas quando ainda não tinham motor, nem pontes, nem miniagroindústria e acreditaram que com trabalho e

⁵⁷ É a massa mais grossa da mandioca que não passa nas malhas da peneira.

liderança poderiam conseguir construir. Que elas continuem percorrendo esse rio, passando por entre os mururés e sendo surpreendida pelos sabores, cores e gestão participativa que elas conseguem realizar, tendo a certeza de que é imprescindível que a floresta permaneça em pé para que elas possam seguir respirando novas conquistas e multiplicando ideias coletivas.

O ecofeminismo comunitário permite pensar em afetos, saberes, sabores e conhecimentos compartilhados, buscando agir nas brechas do capitalismo e do patriarcado para construir elaborações originais e coletivas de pensamentos entre mulheres com diferentes trajetórias de luta, cânticos, poesias, temporeza e cultura fincados na identidade, na espiritualidade, no pertencimento e na defesa do território.

5.7 Semeando resistência: floroguando a pororoca

Muitos são os desafios no percurso que perpassam a política de identidade, defesa do território e dos direitos das populações tradicionais entre águas e florestas, desafios que se tornam resistência e luta no trabalho produtivo, contra a privatização de terras e no enfoque ao território-corpo das mulheres, criticando a assimilação da cultura patriarcal. As cosmovisões, saberes, sabores e práticas de identificação e libertação também são aspectos que imprimem identidade e resiliência.

Neste percurso, a contínua formação das mulheres é um desafio político ao assumir que as lutas da comunidade estão dentro das ações do movimento social em defesa do território; isso é revolucionário e identitário, à medida que se luta em prol da comunidade e da temporeza marajoara que é parte dela e é também um desafio organizacional.

Nessa perspectiva, é imprescindível recuperar as raízes históricas e culturais e preservar a memória cultural da comunidade, fomentando a afirmação da identidade e pertencimento a região, sendo que

[...] es indispensable recuperar de manera sistemática nuestra cosmovisión ancestral integral, de tal manera que ella se constituya en los cimientos sobre los cuales se erijan los nuevos procesos de lucha. Por lo que se convierte en un objetivo estratégico el recuperar de manera comunitaria nuestras raíces históricas y culturales. Además debemos asegurar el proceso de sistematización y socialización de los conocimientos recuperados, mismos que tendremos que garantizar sean reencarnados en la historia de lucha actual. En nuestro caso, las mujeres indígenas somos las custodias de los valores culturales originarios que han resistido de vientre en vientre por siglos, y desde nosotras que serán recuperados estos valores en el nuevo proceso de formación y capacitación (Gargallo, 2014, p. 40).

Recuperar a cultura e os saberes aponta para a apreciação do corpo, da memória e da diferença, como uma norma estética, ética e política e não coincide com os ensinamentos que negam os elementos culturais dos povos que resistiram há séculos a pressão do racismo, da colonização e do controle. O processo de socialização dos saberes gerados garantem a perpetuação da história de luta.

Nessa sementeira, território, temporeza, movimento, memória, espiritualidade e corpo são categorias indispensáveis, e todas elas se entrecruzam com a corporeidade. Em casa, na comunidade, nos rios e nas florestas, o espaço é político e estabelece relações de poder e identidade, também essas categorias refletem o sociocultural, no qual se tecem as redes e subjetividades femininas. O tempo-rio, o tempo-floresta, o tempo-mulher, o tempo-comunidade, a temporeza não são lineares, pois, assim como nas culturas indígenas, as culturas das comunidades às margens dos rios concebem o tempo de modo circular, regido pela temporeza e não pelo relógio; orientado pela floresta e pelas águas.

Construindo essa teia, Natália, uma liderança do grupo de mulheres, fala da comunidade como um lugar onde eles e elas se ajudam e onde tem esperança, um espaço onde as mulheres se comprometem cada vez mais com a mudança. E, quando perguntei a ela sobre seus sonhos, ela não conseguiu falar nada que ela queira individualmente para si, afirmou: *“o meu sonho, para mim mesmo nem*

tenho tanto, quando eu cansar dessa vida, que eu tenha conseguido ajudar a comunidade” (Natália, entrevista realizada em 22 de abril de 2023).

Depois, falou do trabalho na mata que ela gosta de fazer, dos peixes, da piracema, da importância do plano de uso para reprodução dos peixes, para não derrubar desordenadamente as árvores na floresta e falou do mururé como um protetor da comunidade:

O mururé protege, muita gente diz porque vocês não limpam tudo isso, mais de repente agente mora em beira de baía, não é longe a baía, dá um temporal grande vamos sofrer consequência, tendo o mururé, ele protege, o bambo, que é aníngal, protege, porque o que bate neles não chega muito forte para cá. Previne de entrar também as pessoas ruins, nossa entrada é feita por Deus, porque tem um ano que ela abre de um lado do igarapé e com o passar do tempo fecha de mururé e abre do outro lado e quem não sabe, quem vem de fora e que não sabe entrar fica encalhado e não entra, o mururé acaba sendo uma proteção, um ano abre um caminho de um lado e no outro abre do outro lado, esse que vimos ontem já tá para fechar (Natália, entrevista realizada em 22 de abril de 2023).

E acrescenta que gosta de observar a natureza, principalmente na área de várzea, segundo ela “as árvores caem e abre aquela grande clareira, a que mais cai é a bucubeira, virola, elas viram do nada, aí quando viram cai duas, três árvores”. Acrescenta que sente falta da mata que antes era perto da beira, perto das casas e que agora fica mais afastada. Esse relato que relaciona comunidade, natureza e memória de mulher é uma renovação coletiva com a terra, com as águas. É um reassumir, é um

reivindicar nossa história, nossa relação com a natureza, com a vida no campo, e proclamar a restauração humanizadora da vida em harmonia com a natureza, para que esta também possa ser nossa testemunha, é uma importante maneira de resistir (...). Viver em comunhão com a terra, reconhecendo de forma completa o poder da natureza, com humildade e reverência, é uma prática de consciência espiritual de cura e restauração. Ao nos reconciliarmos com a terra, fazemos do mundo um lugar onde nós e a natureza podemos ser um só. Criamos e mantemos ambientes onde podemos retornar a nós mesmos, estar de volta ao lar, nos manter em terra firme e ser uma verdadeira testemunha (hooks, 2022, p. 163, 164).

Decorrente da fala de Natália, moradora da comunidade SEM, e dos ensinamentos de hooks (2022), é possível deduzir que estas nos ensinam que devemos renovar coletivamente a relação com a terra, com a semente, com a vida. Nessa perspectiva, a temporeza é uma condição para que o corpo feminino se desenvolva e amadureça, cuja percepção do envelhecer não implica negatividade, mas diz respeito ao acúmulo de experiências necessárias para dar sentido à vida que se entrelaça com a natureza, com a memória, com a história e com o cuidado de si e dos outros.

O movimento regido pela temporeza é o que garante a subsistência dos corpos, estabelece modos de vida singulares e formas de luta e resistência em favor do bem-viver.

A organização coletiva das mulheres é um movimento de resistência que garante que os direitos conquistados não se tornem utopias frustradas. Ele serve como um instrumento mobilizador para que as decisões e estratégias produtivas, econômicas, socioculturais e ecológicas não sejam esquecidas, pois potencializam saberes, práticas territoriais, ancestrais, cosmovisões e emancipações que garantem força, coragem, estrondo.

Não existe pororoca por essas águas, pois elas são o encontro de correntes fluviais com as oceânicas. Para ocorrer pororoca, é preciso que o encontro das águas ocorra por grandes e violentas ondas e, por aqui, nossas águas são tranquilas, floragua na temporeza, o laço que a flor dá na natureza, uma calma só, a não ser ao atravessar as baías com banzeiro, que, dependendo do tempo, pode ser tremendo. Entretanto, escolhi essas metáforas para explicar a existência na mulher de muitas mulheres que são fortes e arrebatadoras e, ao mesmo tempo, são serenidade e poesia.

No grupo de mulheres, na cozinha iaçá, no fundo açai, na associação dos moradores, vejo lideranças, criatividade, verdade, música de roda e de movimento social lá para as bandas do Manejaí, onde tem reunião, e elas contam como é viver as lutas associativas e cooperativas. Os risos e cânticos, entre uma história e outra, afinam os encontros, juntas ali, mulheres, falando do valor do trabalho cooperado, de cada receita inventada, um achado das

frutas coletadas na natureza que se misturam com outros ingredientes.

As pontes, os pés descalços, as folhas que caem sobre as águas e o som dos pássaros que cortam o silêncio quando elas escrevem sobre o que querem expressar e sentir. Mulheres que choram quando a narrativa é individual, que contam que nem tudo são flores e coletividade; há atritos entre elas, entre os familiares, com os maridos que, assim como elas, fazem parte do movimento social, que lutam contra as injustiças sofridas pelas populações das florestas, mas que também se tornam opressores, quando dificultam sua caminhada, seus propósitos. Há também aqueles que as apoiam, um apoio tímido, que pode melhorar, se valorar mais e melhor, mas essas que tem um arrimo afetivo são mais bem cuidadas, dá para perceber no trato, no semblante, no olhar. As mulheres são diferentes, elas aparentam o amor dispensado no rosto, nos gestos, nas palavras e atitudes, é poema e é também estrondo, batida de água que se lança ao encontro das margens que ela quer conquistar; mesmo sofrendo, ela persiste, porque sabe que será bom para si, para os outros e outras, um exemplo de obstinação e alteridade.

Mesmo me solidarizando com muitas de suas dores e venturas, jamais saberei o que de fato elas passam, é uma outra lógica, em um outro contexto histórico e cultural. São mulheres das florestas, da temporeza, mulheres que navegam, que amamentam, que buscam formação e entretenimento no futebol de fim da tarde, lá na terra firme, depois da ponte, após as cinco da tarde; mulheres que transformam mururé em bolsas, que produzem a deliciosa coxinha de açaí; mulheres que viajam para também formar e que produzem artesanato e pratos com diferentes e apetitosas matérias primas que vêm das matas. Elas também estão presentes nas orações e cultos religiosos; umas conseguem acessar o superior, algumas o técnico enquanto essas e outras têm as aprendizagens da mãe-terra, dos contos, causos, ervas medicinais, sabores e saberes ancestrais e com as lutas sindicais.

Elas são múltiplas e únicas, com dias bons e ruins, com amores e desamores, e, a cada dor anunciada, me dói também, como mulher, como mãe, como estudante e profissional, e, a cada realização, a libertação também reverbera no meu espírito, no vento libertador refletido nos corpos das mulheres e nas árvores, movimento lento e contínuo, que pode transformar prantos em sorrisos, em que ter e ser complementam-se em comunhão.

**6. Porque somos é que
fazemos: tessituras em rodas
de conversa**



6. PORQUE SOMOS É QUE FAZEMOS: TESSITURAS EM RODAS DE CONVERSA

As tessituras em rodas de conversas foram exitosas, porque tivemos disponibilidade de falar e escutar, de sorrir e de chorar, de sentir e propor, de exercitarmos a humanidade, a solidariedade. Não só se oportunizou o exercício da fala a todas, como também se promoveu um espaço em que todas podem ser ouvidas, e isso só foi possível porque somos mulheres que gostamos de acolhimento, de colaboração, de inventibilidade e verdade, (...) porque somos tudo isso é que fazemos esses caminhos de aprendizagem expressos nas rodas de conversa.

6.1 Depois da curva do rio

Manhã de dois de abril de 2024, eu me despeço de alguns dias de pesquisa na comunidade Santo Ezequiel Moreno, fingindo que não estou receosa de embarcar na rabeta que me levará até a cidade de Melgaço, onde pegarei a lancha para Breves. No trajeto, minhas mãos alcançam facilmente as águas que cortam a saída e logo vem o rio largo que desafia o medo e os pensamentos. Lembro-me de todos os momentos desafiadores que já passei em campo de pesquisa e de tudo que tenho vivido em diferentes tempos do meu existir, as águas não são as mesmas, nem eu.

Quando eu tinha os meus vinte e tantos anos, não tive medo de atravessar o rio Amazonas, viajando da Casa Familiar Rural, no rio Uruaí, até a cidade de Gurupá, e olha que o tempo fechou no meio do rio: era muita chuva e as ondas eram cada vez maiores. O motorista jogava a rabeta de lado e berrava: “seca”, “seca”, e eu lá com a vasilha na mão tirando água do casco, tranquilamente. Os jovens são mesmo ousados, talvez porque a juventude seja desafiadora e se quer viver intensamente. Atualmente, é um misto

de medo, vontade de chegar, pois o pensamento está no filho em casa, entrelaçada a um curioso cheiro de natureza, pessoas acolhedoras e saudades de um tempo que passou logo ali, depois da curva do rio.

Em Santo Ezequiel Moreno, foram dias de encontros, rodas, conversas individuais e em grupo, de caminhadas solitárias só para olhar a natureza, escutar os pássaros, ouvir a chuva; dias de escutar os movimentos no rio embaixo do quiosque, onde eu descansava; de escrever, de ver pessoas e pensar sobre mim mesma. Não tive ansiedade de colher narrativas, de criar estratégias para colher dados, me deu vontade de olhar mais, de conhecer, dialogar sobre qualquer coisa que faça sentido para as pessoas e suas vidas e, assim, o tempo foi passando sem compromisso com o rígido e acabado.

Eu sei que a minha presença não é normal na comunidade, quebra-se a rotina, uma pessoa de outro lugar com seu gravador, papel e caneta à procura de tudo. Então, eu resolvi ser menos invasiva possível e, assim, aceitei o convite de tomar café com piquiá com a senhora mais velha da comunidade na varanda de sua casa e conversar sobre as memórias do lugar, do que lhe era saudoso e prazeroso falar. No nosso diálogo, sempre se juntavam pessoas que saíam de suas casas para se unir a nós e ao café e, enquanto isso, eu observava o fim de tarde e as crianças saindo da escola; a rabeta que encostava e levava os estudantes que são de outra comunidade próxima; eles se despedem em uma fina chuva que caía sobre as pontes e o rio. E, assim, chega ao fim um dia de aula, de chuva, de traslado de estudantes na rabeta e da conversa que acompanhava um saboroso café com piquiá em um habitual dia de pesquisa, isto porque,

conversar é parte da vida cotidiana de todo/as nós. Conversamos cotidianamente e de múltiplas maneiras: conversas fiadas, afiadas, interessantes, desinteressantes; interessadas, desinteressadas; complicadas; provocativas, emotivas, alegres, tristes. Conversas longas, conversas curtas. Conversamos enquanto estudamos, enquanto aprendemos e por que não enquanto pesquisamos? (Sampaio; Souza, 2018, p. 24).

As conversas nos convidam à inventibilidade, na construção e desconstrução da própria pesquisa, em que a busca por respostas, em que a aprendizagem acontece no coletivo, sem preocupações formais de estabelecer uma duração e um tempo específicos, mas algo livre, amigável, inacabado, contínuo e curvilíneo – no sentido de não ser linear e sim cheio de curvas e rodas com muitos temas.

No domingo, dois dias antes, fui à celebração de páscoa na igreja, lá teve cânticos, orações, reflexões, palmas, rezas, repetições, confraternizações, gente que se curvava em frente ao altar antes de fazer qualquer ação, gente que cumprimentava, que acenava, que abraçava. Tinha um folheto que a pessoa que dirigia o culto falava e os outros repetiam, chamaram várias pessoas para participar, inclusive eu, na minha oportunidade, não sabia exatamente o que dizer, tentei falar umas palavras ecumênicas e logo fui para um louvor, que é o momento em que meu espírito encontra aconchego.

Falando em canções, em melodias, uma em especial me chamou atenção, eles no coletivo cantavam:

Meu irmão marajoara nesse abraço que te dou vai toda aquela paz que o senhor nos desejou, toma o teu abraço, me dá teu abraço e na paz, abraçamos o amor.

Na procura pela paz na pobreza do teu chão, não procura pela paz lá nos frutos do grotão, se tens Deus na vida e levas Deus ao teu irmão então a paz vive no teu coração.

Se estenderes tua mão com o desejo de ajudar, se abraças teu irmão para poder lhe confortar, se repartes fé, vida, alegria, amor e pão; então a paz vive no teu coração!

Se nos estirões dos rios és irmão do teu irmão, se nos cantos dessa vida tu és luz e direção, se nos Marajós do mundo és um elo de união e paz vive no teu coração (Canção católica denominada Abraço da paz, autoria desconhecida, cantada na celebração de Páscoa, na igreja, em 31 de maio de 2024).

A música envolveu a todos(as) pela “pegada” regional que falava de nós marajoaras, pela circularidade de sairmos do lugar e encontrar várias pessoas no abraço, pela sonoridade dos instrumentos, pelas palmas e melodias, pela letra que nos coloca ao encontro da paz, da fraternidade, da alegria, do amor. Atentei que

esses encontros são muito parecidos com as rodas de conversa na cooperativa, na associação e até na minha pesquisa que, a princípio, eu propunha fazer somente como narrativas de vida, mas que o grupo de mulheres em coletivo me convenceu a fazer também conversas em grupo, em muitas sonoras e melódicas rodas.

6.2 Rodas de conversa

Se você se propõe a ir para a comunidade Santo Ezequiel Moreno e somente colher depoimentos, questionários ou narrativas individuais, certamente não conseguirá conhecê-la de fato, porque as conversas, as rodas, os abraços lhe remeterão a um outro universo de palavras e de sentimentos. É nesse momento que é possível enxergar o coletivo dentro da individualidade e a individualidade no coletivo. Quando pude ver desde as primeiras rodas, mulheres, jovens, meninas, crianças, sim crianças, porque as mulheres – que são agricultoras, cooperadas, assentadas, gestoras, coordenadoras, donas de casa, mães, avôs – não vão sozinhas: as suas crianças vão juntas. Tem pés cansados, mãos calejadas e vozes potentes no canto que inicia e finaliza as rodas de conversa, nas falas significativas, no choro de emoção pelas outras mulheres que ajudam elas a caminhar, gratas por sogras, irmãos, irmãs, filhos, filhas e mães.

Realizei com elas três rodas ao longo dessa trajetória de pesquisa. A primeira em 2022, quando tivemos pouco mais de vinte mulheres que representavam a cozinha Iaça e a presença contínua de um homem, que é referência afetiva e familiar, como liderança no trabalho associativo dentro da comunidade. Ele não participa na tarefa de fazer alimentos na cozinha, no entanto está em todas as reuniões, sejam elas da organização de mulheres, sejam nas atividades gerais da cooperativa e da associação, sua liderança é presente desde as primeiras movimentações para organizar as atividades produtivas e comerciais da comunidade. É um homem de quarenta e poucos anos e que acumula experiência na coordenação dos trabalhos da comunidade, seja na igreja ou nas

demais atividades de liderança, criadas em diferentes setores de organização, produção, comercialização e cultura coletiva.

É importante relatar também que ele é um bom filho, bom irmão, excelente esposo, vive para a sua família, sua comunidade e ainda tenta expandir as conquistas coletivas para o Projeto Estadual de Assentamento Agroextrativista PEAEX do Acutipereira. E, embora a presença seja historicamente de mulheres, o feminismo é para todas e todos, como diz bell hooks (2002), é interessante também essa posição aos homens que, geralmente, são tidos como opressores. Percebo, contudo, que é apenas um homem entre tantos, necessitando de ampliação de uma educação feminista, uma identidade feminista de homens.

Retomando as questões da primeira roda, no momento, falaram o que era ser mulher e depois o que era ser mulher na comunidade Santo Ezequiel Moreno. Na pergunta inicial, dialogaram de forma geral, mas sempre voltavam para o lar, como algo que as “traduzia”. Entretanto, quando ouviam às outras e a si mesmas com ouvidos atentos sobre tudo aquilo que faziam e representavam na comunidade, percebiam que suas atividades vão muito além do lar, porque elas constituem muito do que a comunidade é em termos de cooperação, associação e tantas outras organizações sociais e tecnologias comunitárias sustentáveis existentes.

Perguntadas sobre que palavras definiam o grupo de mulheres, elas escreveram em grupos menores o seguinte:

Figura 14 – Lista de palavras das mulheres



Fonte: Elaboração própria.

As palavras demonstram que não tem sido fácil chegar onde elas chegaram, foi preciso persistir e resistir às dificuldades que se apresentaram ao longo de suas trajetórias; obstáculos esses apresentados em sua família, com seus cônjuges, com as dificuldades no cuidado com os filhos, ao terem que se ausentar para as atividades coletivas, no entendimento do que é uma organização de mulheres e de como construir uma comunidade que se desenvolve a partir da inserção dessas mulheres não só na cozinha Iaça, mas em tantas outras atividades da associação e da cooperativa.

Ações estas que as empoderaram e, nesse processo, a autoridade é constituída, as tomadas de decisões são estabelecidas na gestão ou como participantes, e a união entre elas prevalece mesmo que diferenças surjam; a ajuda mútua realmente acontece e elas sabem ser gratas por isso.

Elas têm a simplicidade nas falas; as mais velhas têm menos estudos; as com menos de trinta anos tiveram mais oportunidades e, podemos dizer, é uma comunidade que tem interesse pela formação, seja no âmbito escolar ou não, pois sempre tem gente

fazendo cursos de aperfeiçoamento profissional em alguma região, mulheres fazendo curso superior em várias áreas, sendo a licenciatura em Pedagogia, em sua grande maioria. O Manejaí, que tem como objetivo formar para o manejo de açais de forma sustentável, do qual muitas mulheres são gestoras e facilitadoras, tem outra modalidade de formação que é a formação que eles fazem entre si na comunidade Santo Ezequiel Moreno e em outras comunidades do assentamento Acutipereira.

O segundo momento de rodas aconteceu em 22 de abril de 2023; eu já conhecia individualmente algumas mulheres, já tinha colhido algumas narrativas de vida anteriormente. Nos reunimos no barracão da comunidade e pudemos falar um pouco de sororidade feminina. O assunto fluiu naturalmente, não com esse termo, é lógico, mas com a simplicidade e necessidade de dizer que o trabalho coletivo das mulheres só seria possível se praticassem a irmandade, assim como pressupõem os ensinamentos cristãos tão fortemente pregados nos cultos católicos que elas frequentam, apresentando, entre elas, o compromisso com a empatia e o companheirismo. Aquelas mulheres não estavam ali reunidas para ficar contra os homens, tinham interesses relacionados e sabiam que precisavam uma das outras para conquistar esses interesses coletivos,

confirmando a realidade de que mulheres conseguem alcançar a autorealização e o sucesso sem dominar umas às outras. E temos a sorte de saber, em todos os dias de nossa vida, que a sororidade é uma possibilidade concreta, que a sororidade ainda é poderosa (hooks, 2022, p. 39).

Aprendendo com erros e acertos, discordâncias e concordâncias. As mulheres criaram não somente uma organização de mulheres com participação, com liderança nessa e em outras atividades coletivas da comunidade, elas criaram uma rede de solidariedade.

A comunidade é uma grande parentela, alguém é “irmã do cunhado da prima”, que é “filha da sobrinha do sogro”, é uma

mistura tão grande que na comunidade toda, só uma família não tem raiz no Acutipereira, pois tem origem no rio Anapú, então, não tem sentido divergências insolucionáveis; é claro que existem conflitos, que são passíveis de ajustes.

Surgiu também o assunto relacionamentos entre casais, mas, grosso modo, para não constranger ninguém nem expor nenhum relacionamento, pois esse não era o objetivo. Entretanto, uma mulher espontaneamente relatou um pouco sobre sua experiência não muito amigável em seu lar, se emocionou enquanto falava, e as outras ficaram mais quietas, silenciaram os lábios, mas não as ações e foram abraçá-la, e nós

entendemos que solidariedade política entre mulheres expressa na **sororidade** vai além do reconhecimento positivo das experiências de mulheres, e também da compaixão compartilhada em casos de sofrimento comum. A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento de lutar contra a injustiça patriarcal (hooks, 2022, p. 36, ênfase adicionada).

Naquele relato interrompido pelo choro, percebi que na sociedade em que vivemos, estruturada no **patriarcado**, a relação entre homens e mulheres é desigual. A meninice masculina e feminina é tratada desde o nascimento de forma distinta e, assim, se constroem identidades em que o homem é o dominador e a mulher a dominada, mesmo que se tenha momentos felizes e compromissos sociais coletivos em comum.

Passado um tempo, fui ao encontro da terceira roda. Saí de Breves às 6h50min da manhã, de lancha, dia 30/03/2024 e, um pouco antes das nove da manhã, já estávamos no município de Portel. Desembarquei e encontrei no terminal hidroviário local uma das mulheres da comunidade que já estava à minha espera. Fomos ao supermercado onde fiz uma pequena compra para contribuir com a família que iria me hospedar e depois seguimos de carro pela estrada. É um trajeto mais rápido, cerca de trinta minutos. Tem um visual diferente, se comparado a ir de barco, com sítios, porteiras e muita mata e chão batido, não tendo asfalto ao longo do trajeto.

No percurso, atravessamos uma ponte que subimos e descemos em segundos e passamos sobre um pequeno igarapé, foi o que deu mais “frio na barriga” nesse deslocamento, mas o motorista falante e brincalhão distraí e logo o temor fica para trás. Chegamos, enfim, na comunidade São Benedito, lugar de muito piquiá, compramos umas dúzias para garantir o café da tarde, depois seguimos a caminhar na ponte até o trapiche onde aguardamos a rabeta que iria nos atravessar até a comunidade SEM.

A travessia sempre é um momento de contemplação e encantamento, não tem como normalizar o que me causa, é rio, é céu, são águas e muitas curvas para desviar de mururés, um caminho sem retas, um labiríntico de plantas aquáticas que se abre ao encontro de casas, trapiches, escola, igreja, barracão, pontes que são caminhos e tantas embarcações, animais, pessoas e muita mata.

Figura 15 – Vista aérea da comunidade Santo Ezequiel Moreno



Fonte: Giacomo, 2023.

Na tarde de sábado, do dia 30 de março de 2024, tivemos a terceira roda. Foi diferente, não teve as canções como na primeira,

nem temas debatidos como na segunda: foi leve e descontraída com as participantes chegando com doces, salgados e sucos de frutas naturais feito por elas. Chegaram com cada delícia de pão caseiro, pizza, bolo, biscoito de castanha e coxinhas de açaí⁵⁸ que nem sei precisar com palavras a gostosura de encontro que tivemos.

Depois de montado o banquete, realizamos uma dinâmica em que a pergunta era “como o seu pé te sustenta?”. Elas falaram sobre suas lidas diárias, com esposo, filhos, roça, igreja, lutas sociais, que os pés ajudavam a caminhar para essas atividades, todos os dias. Elas sentiam cansaço, mas também alegria de persistir e, ao falarem, eu percebia já na apresentação que elas não eram só donas de casa, ali havia agricultoras, dirigente da comunidade, presidente da associação, mãe atípica, dirigente de cultos, uma unidade na diversidade de ser mulher rural.

Em seguida, colocamos todas as sandálias com que estávamos calçadas no centro da roda e, então, cada uma escolhia uma das sandálias – não poderia ser a sua – e respondia à seguinte questão: “por que esse pé te sustenta?” Todas as falas⁵⁹ foram obtidas no dia 30/03/2024 e estão transcritas, a seguir:

Escolhi o pé da minha filha, porque onde eu vou ela vai comigo, se for para o meu trabalho, para as minhas vendas, andando por esse rio aí, e acho que também ela é importante na minha vida (participante da roda de conversa).

A minha parceira de trabalho eu quero que ela caminhe junto comigo, não me deixe, somos parceiras na comunidade, na associação, e aí eu escolhi para ela caminhar junto comigo (Rosa, participante da roda de conversa e das narrativas de vida).

⁵⁸ Salgado que tem como principal ingrediente da massa o açaí da Amazônia. O recheio da coxinha pode ser variado, o mais apreciado é feito com peixe e vinagrete, mas pode ser de frango ou de camarão.

⁵⁹ Nas narrativas de vida, foram colocados nomes fictícios, no intuito de resguardar a integridade física e emocional das sujeitas da pesquisa; nas rodas de conversa, resolvi também identificá-las pelo nome fictício, e as mulheres que têm falas destacadas somente nas rodas de conversa foram identificadas como participantes.

O que falar dessa grande mulher, a matriarca, para mim é uma pessoa muito importante até porque é minha sogra, e sogra é como se fosse uma segunda mãe e sempre que eu precisei ela está no meu lado, ela já passou por umas dificuldades e eu sempre andei com ela, nunca foi uma pessoa de ser ruim comigo, sempre me tratou muito bem, até melhor que a minha própria mãe, então o que eu tenho para falar para ela que ela é uma pessoa muito importante para mim que é minha sogra (participante).

Esse pé me sustenta porque é minha filha mais velha, por isso que eu escolhi e eu amo ela (participante).

Escolhi esse pé porque quero aprender mais com o meu tio porque ele é muito esforçado com tudo que ele faz, eu quero estudar como ele estudou bastante para estar como ele estar até agora, quero seguir meu sonho de fazer a faculdade e concluir com sucesso (participante).

Eu escolhi esse pé da minha cunhada, ela é uma pessoa exemplar e tenho certeza que esse pé consegue sustentar tudo que ela carrega, a gente é um pouco de cada coisa aqui na comunidade como diz uma parceira do sindicato a gente é pau para toda obra né, o que joga a gente se vira para vê se dá conta, a nossa missão não é muito fácil, tanto como mulher como trabalhadora rural, nós carregamos uma missão grande aqui na comunidade e assim para poder conseguir uma segura na mão da outra (Natália, participante da roda de conversa e da narrativa de vida).

Eu tenho amizade em todos os meus irmãos, meus cunhados, mas vou calçar a sandália da minha irmã que enfrentou uma batalha para aposentar a minha filha que é doente, mas graças a Deus nós conseguimos, eu gosto muito dela e de todos os meus irmãos e meu coração é aberto para todos eles, eu fico em casa e peço para Deus que ele dê saúde para toda a nossa família (participante).

Eu peguei a sandália da minha parceira de trabalho, eu gosto dela, quando ela precisa de alguma coisa a gente está pronta para ajudar ela com os nossos pés, toda paragem que ela precisa da gente tô pronta para ajudar ela também, é isso... (participante).

Então, esses pés traz significado para a comunidade né e na minha vida, porque se hoje a gente tá onde tá é porque tem pés e mãos unidas né para chegar onde tá. Então a professora que está aqui também é uma pessoa importante, não só ela, mas como outras pessoas também que ela está representando aqui que passaram e que também estão lutando junto né com a comunidade e esses outros pés aqui são as membras da comunidade em uma coletividade então é essas que me representam na comunidade, representando todo o significado da comunidade (participante, único homem da roda- ele pegou um pé de sandália de cada participante da roda e fez sua fala)

As falas demonstram amor pela mãe, pelas irmãs e irmãos, filhos e filhas, agradecimentos por estar lado a lado, no dia a dia com pessoas de sua parentela, em prol de uma causa pessoal específica ou agradecimentos pela parceria de trabalho. Algumas falas também remetem às pessoas que são inspiração para seguir em frente rumo à realização de uma faculdade. Todos os pés escolhidos carregam significados pessoais e coletivos e representam a comunidade como um todo.

Posteriormente à dinâmica, dei destaque para as mãos, assim cada pessoa da roda dizia, a princípio, o que suas mãos tecem, embalam, alimentam, cuidam, curam, afagam, abraçam, acolhem, entre outras, e, em seguida, passavam um rolo de barbante para uma outra pessoa e dizia porque as mãos dessa pessoa são importantes para ela. Suas falas transcritas:

Pelas minhas mãos já passou muito asseio de criança, minha vida foi reparando criança, tô ficando velha reparando os netos, cuidei dos meus filhos agora os netos eu faço tudo, lavo roupa, faço comida, não amasso açaí agora porque não tem para amassar, não tá na safra. Já fiz peneira, já fiz abano, paneiro, tirava lenha, mandioca e torava, então já trabalhei muito né e tô trabalhando graças a Deus e ele tá sustentando até aqui.

E as mão que acolho é dessa minha filha porque não tem cancera para ela, a mesma função que eu faço ela faz, que é lavar, é cozinhar é lavar casa, é fazer comida, não tem tempo ruim para ela fazer, na hora que precisar ela tá pronta pra fazer (participante).

As minhas mãos elas servem para tudo, fazer as coisas em casa, na cozinha laça, trabalhar para o centro, para roça, cuidar dos meus filhos, abraçar, fazer a alimentação também, lavar roupa, lavar casa, passear, e é isso.

Passo para ela porque é uma mulher muito guerreira, ela cuida de casa, faz todas as vendas dela, ainda tem tempo para ir para roça trabalhar, cuidar do sítio dela, para mim ela é uma mulher muito guerreira mesmo e é isso (participante).

A minha mão é uma peça principal na minha vida, para eu cuidar dos meus filhos, cuidar da minha alimentação, para mim tirar o sujo do corpo, fazer a higiene do meu corpo, serve para eu pegar um terçado e cortar no mato, descascar uma mandioca, sem minhas mãos eu não seria nada, com ela eu estudo, eu escrevo, faço minha anotação, meus cálculos, então minha mão é minha vida também.

Vou passar para essa mulher guerreira, que está ao meu lado, essa mão dela ajuda muito coisa, nos trabalhos dela, cuidar dos filhos, do estudo, fazer alimentação (participante).

Minhas mãos é peça principal, porque com elas eu posso manipular alimentação, foi com elas que aprendi a fazer a primeira letra do alfabeto, e graças a Deus terminei o fundamental e aprendi a escrever bem e também é mão amiga para quem precisar, se achar que precisar da minha mão para algum cumprimento, algum consolo, a minha mão está sempre preparada para servir. Agente mulher na liderança não é cem por cento, a gente tenta, a gente quer, mas as vezes não tem tanto apoio que a gente precisa, mas é assim a gente não desiste né, e eu já passei pelo sindicato e no sindicato foi uma lição do que é ser uma liderança não é coisa fácil para uma mulher, mais graças a deus com o apoio dos que estavam lá dentro e também da comunidade agente superou os quatro anos de mandato e graças a Deus juntamente com eles e saindo de lá eu entrei na associação como presidente, não é fácil para uma mulher liderar, mas a gente tá na luta quando a gente precisa os amigos estão por perto para ajudar e a gente tá vencendo, o mandato da associação tá acabando, possa ser que nesse outro mandato seja outra mulher ou outro homem que esteja na coordenação da associação (Natália, participante da roda de conversa e da narrativa de vida).

As minhas mãos são muito importante, sem elas eu não conseguiria fazer o que eu faço, manipular os alimentos, fazer os trabalhos que eu faço, dá a mão para a outra pessoa que precisa porque hoje a gente precisa dá a mão para outra pessoa, levantar as pessoas e não pensar só em mim, então as minhas mãos servem para isso, tudo que eu preciso é delas.

E as mãos que eu vou escolher é a do meu esposo, porque é uma pessoa muito amiga, as pessoas que precisam ele está sempre disponível a ajudar, isso me faz ter muito orgulho dele, então é isso, espero que cada uma de nós dê a mão uma para outra para levar o trabalho que nós temos, independentemente de qualquer cargo, agradeço a todas as que já estão há algum tempo e as novas gerações (Mãe Maria, participante da roda de conversa e da narrativa de vida).

Eu acredito que a mão é um membro muito importante do corpo da gente de cada ser humano e assim como ela faz o bem, ela faz o mau também, se usada para o bem eu sei que a gente consegue algo muito importante na vida de qualquer pessoa, e eu tenho certeza que a mão da gente assim como ela constrói vida ela tira a vida também das pessoas, e com isso a gente tem que ter muito cuidado também, é a mão que a gente utiliza para tudo e essa minha eu tenho utilizado só para o bem e nunca espero em Deus seja usada para o mal. Eu sempre luto para que essa mão seja mão amiga, que ela possa levar a paz também para as pessoas porque acredito que através da paz a gente consegue caminhar de cabeça erguida, então essa mão ajuda muitas famílias, as vezes utilizamos a voz a boca, mas a mão é muito importante também, quando a

gente chega a pegar na mão de outra pessoa nos momentos mais difíceis, então acredito que as mãos unidas elas jamais será vencida, então acredito muito que a união é que faz a força e essas mão unida é que a gente vai construindo a teia mais forte, então é isso, se eu fosse escolher eu escolheria as mão de todos, mas vou fazer igual quem vai casar. Quem pega o buquê? (participante, único homem presente na roda).

Minhas mãos são de mexer muitas coisas de casa, trabalho muito com essa minha mão, ajudando minha mãe, cuidei muito desses meus irmãos, dos treze irmãos que tenho, eu cuidei muito com ela e agora cuido dos meus filhos em casa, do genro, do neto que já tenho agora, tudo já cuidei com essa minha mão, em casa, na casa do meu irmão eu já trabalhei, quando a mulher não tava na casa eu ajudava a fazer as coisas para eles e vou para o meu trabalho, é muita coisa...

As minhas mãos serve para escrever, fazer a faculdade, alimentação, lavar roupa, fazer remédio, quando alguém adoece que precisa de mim, também serve para cuidar dos meus filhos, Deus me dá forças para eu cuidar dos meus filhos, cuidar da minha mãe quando ela precisa de mim também, fazer a comida, lavar a roupa do meu marido, dos filhos, a minha, agradeço a Deus por ter minhas mãos e ter feito esse bolinho para nós hoje, e é isso.

Vou devolver esse barbante para minha mãe que cuida de mim, eu vou na casa dela e ela me puxa, me dá comida, quando tô com fome ela que me acolhe, ela é parteira também (Rosa, participante da roda de conversa e da narrativa de vida).

Minhas mãos ajudam muito, tenho três filhos e graças a Deus ele tem me ajudado a cuidar deles, me ajuda no meu trabalho que vou para roça e arranco mandioca, mexer farinha, eu faço tudo, lavo roupa em casa, eu digo para os meus filhos quando vocês se levantam da rede de vocês de manhã eu já tenho feito quase tudo com a ajuda das minhas mãos, com a ajuda de Deus (participante)

Trabalho na roça, faço as coisas lá em casa, cuido também da mãe, tiro açaí, escrevo bastante (participante).

A atuação das mulheres na comunidade rural é diversa. São agroextrativistas, presidente de associação, coordenadoras, donas de casa, estudantes, parteiras, puxadeiras, dentre outras funções que exercem. A presença e a contribuição delas na produção, inovação e gestão são cada vez mais evidente, assim como a existência de uma liderança masculina entre elas, que não se coloca acima de suas decisões, pelo contrário, caminha junto com elas,

fortalecendo a autonomia e a liderança feminina. Outra questão que merece destaque nas falas apresentadas é a relação de ajuda mútua que elas estabelecem entre si, um vínculo familiar afetivo no cuidado, na rede de apoio familiar-comunitária constituída.

As conversas seguiam depois que a roda maior se desfazia, com risos, abraços, compartilhando um lanche feito por elas e para elas, com as crianças correndo pelo espaço do Manejaí ou do barracão comunitário, enquanto as mães trocavam receitas e/ou outro grupo combinando o horário que o barco vai sair até Portel para resolver alguma questão da bolsa família ou outra. Então, observo elas se despedirem e, quando me recolho ao meu alojamento, pude pensar em todas as aprendizagens que tivemos durante essas rodas de conversa e tenho esperança de que possamos conversar cada vez mais na pesquisa, na vida, pois a conversação é um espaço genuíno, crítico, criativo, colaborativo,

a conversação contém diálogo, a troca de compreensões e sentidos, no empenho para construir em meio à informação. A conversação é sempre inclusiva, ela incentiva e alimenta a voz individual enquanto se esforça para desenvolver uma visão de comunidade (hooks, 2020, p. 82).

Tivemos boas conversas, falas carregadas de sentimentos, de angústias, de esperança e resiliência, ideias compartilhadas com humor, sabor, sabedoria, pensamentos críticos, criativos que fizeram de uma ideia uma resolução de um conflito, de uma tecnologia comunitária sustentável a solução econômica e/ou educacional. Em grande parte, a aquisição de conhecimentos chega até nós, na vida diária, por meio de conversas, como instrumento de ensino. Como diria, a teórica feminista que me inspira: “A conversa genuína é compartilhamento de poder e conhecimento; é uma iniciativa de cooperação (hooks, 2020, p. 83).

Creio que as tessituras em rodas de conversas foram exitosas porque tivemos disponibilidade de falar e escutar, de sorrir e de chorar, de sentir e propor, de exercitarmos a humanidade, a solidariedade. Não só se oportunizou o exercício da fala a todas,

como também se promoveu um espaço em que todas podem ser ouvidas, e isso só foi possível, porque somos mulheres que gostam de acolhimento, de colaboração, de inventibilidade e verdade, colocando-me nessa roda, porque é impossível a pesquisadora se isentar da fala e da escuta, de pertencer a esse universo que é a pesquisa, mas que também é reprodução da vida cotidiana e da busca acadêmica. Porque somos tudo isso é que fazemos esses caminhos de aprendizagem expressos nas rodas de conversa.

6.3 Unidade na diversidade de ser mulher rural ribeirinha

Meu projeto inicial de pesquisa era discutir as atividades das mulheres da cozinha Iaça, como elas faziam as receitas, como lidavam com os produtos retirados da natureza, como conseguiam fazer receitas diferentes e ousadas com regionalidade e também como conquistaram a liderança e organização em coletivo. Entretanto, com o contato, colhendo as narrativas de vida, nas descontraídas rodas de conversa, na conversação informal nos pátios das casas, com o saboroso café de fim de tarde, com a observação da natureza, das pessoas, dos animais, participando das reuniões na igreja, no barracão comunitário e no Manejaí, percebi que a cozinha Iaça é um recorte de quem elas são, um desdobramento importante e muito específico de suas realidades.

As mulheres da comunidade estão presentes em vários outros espaços, não as encontrei somente na cozinha Iaça ou como mães e esposas, as encontrei como dirigentes, presidentes, coordenadoras, entre outras atividades de gestão e participação em diferentes atividades no contexto da comunidade, inclusive nas roças, nas embarcações e nas vozes que se impõem nas reuniões da cooperativa, associação e sindicato. Depois da última roda, ainda fiquei dialogando com Natália e Rosa, e elas reforçaram as impressões e observações que eu tive:

além da cozinha as mulheres participam de outras atividades, aqui é mais as mulheres que participam das reuniões, quem tem mais cargo na comunidade é as

mulheres; são poucos os homens que estão na frente, que tem cargos na comunidade, são poucos, é mais as mulheres, aí fica cansativo para gente também né cuidar da casa, aí quando não vamos para as formações tem muita coisa que a gente perde, não tem aquele tempo para sair como a gente tinha antes, é cansativo, a gente vai se desgastando (Rosa, narrativa realizada em 30/03/2024).

Rosa destaca, em sua narrativa, a participação efetiva das mulheres. Elas estão em movimento circular e pulsante por toda a comunidade e até desbravando movimentos externos de relevância no movimento social rural, como evidencia Natália em sua fala:

por enquanto estamos aqui, mas quando precisam da gente vamos para outras comunidades, fazemos formação, tem comunidade que tem bastante interesse e outros que tem menos, fomos no interior de Macapá e o pessoal do Camarapi veio aqui e na comunidade Menino Deus no Pacajá fomos também, muitos estão entregando até PAA e PNAE por conta das nossas formações (Natália, entrevista realizada em 30 de março de 2024).

Compartilhando experiências de um feminismo comunitário que elas praticam e valoram, as mulheres da comunidade SEM se doam para que as realidades de outras mulheres sejam alcançadas, além de ser parte fundamental no desenvolvimento de sua própria comunidade. Nem todas as comunidades estão suscetíveis à mudança, a se envolverem em projetos que tem alto teor de inevitabilidade e trabalho árduo, todavia, a quem se dispõe, elas partilham, propondo um processo de desenvolvimento humanizado e solidário através de um espírito comunitário.

Comunidade não pode ser entendida sem uma prática comunitária. Comunidade é vida de relação e por isso não pode ser contida em teorizações, há necessidade de que quaisquer teorias que se apresentem para a sua análise sejam acompanhadas de uma prática viva, que se manifesta não como práticas acadêmicas, mas na prática da própria existência. Nesse sentido, uma educação que contribua para o fortalecimento da comunidade e, portanto, para o progresso social, tem que estar imersa na vida comunitária (Freire, 2021, p. 126).

É uma perspectiva de unidade na diversidade (Freire, 1992), enquanto luta que exige mobilização e organização de forças culturais, de classe e de gênero. Esse entendimento intercultural estabelece identidade, alteridade e diferença nas relações entre as mulheres, através do diálogo e da pluralidade que elas representam. É necessário um sentimento de comunidade:

descobrir o que temos em comum, bem como o que nos separa e nos diferencia. Muitas pessoas temem encontrar diferenças porque acham que as nomear com sinceridade levará ao conflito. A verdade é que é a nossa negação da realidade da diferença criou um contínuo conflito para todos. Nós nos tornamos mais sãos quando enfrentamos a realidade, abandonamos noções sentimentais como “somos todos humanos, todos iguais” e aprendemos tanto a explorar nossas diferenças, celebrando-as quando possível, quanto a confrontar com rigor as tensões quando elas aparecem. E será sempre vital e necessário para nós saber que somos todos muito mais do que nossas diferenças, que não é apenas o que compartilhamos organicamente que pode nos conectar, mas o que passamos a ter em comum porque desempenhamos o trabalho de criar comunidade, a unidade dentro da diversidade, que exige solidariedade dentro de uma estrutura de valores, crenças e desejos que sempre transcendem o corpo, desejos que estão relacionados a um espírito universal (hooks, 2021, p.178-179).

Esse é o compromisso com uma educação como prática de liberdade, comprometida como o processo democrático e que estabelece um sentimento genuíno de comunidade, se unindo em solidariedade e não negando as diferenças.

No intuito de destacar essa multiplicidade, destaquei as palavras evidenciadas nessa pesquisa, que apresentam diferenças e “terrenos” comuns nos quais as mulheres da comunidade Santo Ezequiel Moreno conseguem se encontrar e colaborar.

Figura 16 – Nuvem de palavras



Fonte: Elaboração própria, 2024.

A representação visual das palavras e frases mais comuns, nessa pesquisa, permite a visualização rápida e intuitiva de quem são essas mulheres e suas representatividades, revelando os temas mais abordados e recorrentes de suas existências e vivências. Não sendo possível fazer a penas um recorte, estabelecer um fragmento de suas realidades, as mulheres são uma totalidade, em beleza e desafio de serem múltiplas e plurais. É uma riqueza humana, geradora de saberes e em favor da comunidade. Quando eu falo em saberes, remeto a uma educação que não é escolar e é absolutamente necessária, dada a natureza humana inconclusa, por causa disso “**elas** são precisamente porque estão se tornando” (Freire, 2021, p. 25, grifo nosso).

Os saberes por elas reiterados e compartilhados são um processo educacional e histórico que se altera no tempo, espaço e território. Mulheres responsáveis por uma educação inteiramente banhada pela maré cultural da temporeza.

7. Experiências sensoriais da temporeza

Tessituras

Marejando vivências sensoriais da temporeza
Pesquisa e experencio esteticamente em boníteza
Mururés atalaías, guarnecimento imagético simbólico
Canto de pássaros um enunciado bucólico

Cheiros harmoniosos e criação de sabores
Revoada de pássaros manhecedores
Explosão de cores na igreja, na biblioteca, na escola e nas casas
Ilustrações que elevam a imaginação ao bater das asas

Arte é temporeza que em beleza e cultura desagua
Como na imagem refletida no espelho das águas
Leitura do mundo, enlace atemporal
Pedagogia da estética agroflorestal

Composições da palavra e da figura
Imagem poetada que se configura
Desenhos que seguem o traço da narrativa
Do feminino, do sagrado que me cativa

Escuto o mover das águas, a chuva, os cantos
Sons da temporeza em recantos e encantos
Tessituras de mim em muitos nós
Intersemiose de conceber e ler juntos e a sós.



Jocvani Couto (Gil)

Breves, 26 de agosto de 2024, às 16:38



ERB

7. EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DA TEMPOREZA

Os sons se integram com os visuais dos caminhos de águas, que fazem retas e curvas e, nestes, se encontram casas, animais, pessoas, chuvas, fazendo com que as impressões recebidas fiquem marcadas em meus pensamentos, nas minhas palavras, nas interações impregnadas de temporeza sensorial com as mulheres, os homens e os seres materiais e espirituais que vivem naquele espaço”.

7.1 A importância da experiência sensorial da temporeza para a pesquisa

Desde que fiz as primeiras viagens à comunidade SEM, sempre experienciei sensações da temporeza, e isso, com toda certeza, imprime significados outros para a investigação. O rugido dos barcos que corta igarapés, furos e rios, o estrondo dos encontros das águas com as margens, o sussurrar dos ventos, o cantarolar dos pássaros, o som relaxante da chuva, a gritaria das crianças brincando dentro d’água, o canto ao longe das mulheres realizando algum trabalho, todos estes estimulam meus sentidos.

Traz a conexão do ser humano com o ambiente. Os sons se integram com os visuais dos caminhos de águas, que fazem retas e curvas e, nestes, encontram-se casas, animais, pessoas, chuvas, fazendo com que as impressões recebidas fiquem marcadas em meus pensamentos, nas minhas palavras, nas interações impregnadas de temporeza sensorial com as mulheres, os homens e os seres materiais e espirituais que vivem naquele espaço.

Uma experiência marcante se dá antes de chegar à comunidade SEM, onde existem impressionantes mururés, que fecham a entrada da referida comunidade, verdadeiros atalaias que se encarregam de proteger a área de invasores, um guarnecimento

imagético simbólico que fortalece as portas da comunidade sem muros e com muitas pontes.

O que estou querendo esclarecer é que o vento que corre dispersando sementes, o canto dos pássaros manhedores (Freire, 2015), o cheiro forte madrugador debaixo das casas erguidas sobre as águas, o perfume das plantas ao amanhecer, além das imagens da comunidade capturadas pela fotografia, a experiência sensorial gastronômica e a figura emblemática do mururé, além de outros elementos da temporeza mudam os rumos da observação e da análise, pois sua relevância traz um “desequilíbrio” necessário à pesquisa, para (re)surgir uma nova acomodação “desassossegada”, em constante procura de outras percepções, sensações, experiências e vivências.

7.2 Olfacção e degustação da temporeza

Antes mesmo de iniciar a pesquisa, em uma feira de ciências da comunidade, no ano de 2017, participei de uma degustação das famosas coxinhas de açaí das mulheres da Cozinha Iaça: o cheiro, a cor diferente do formato original foi o que primeiro me chamou a atenção, antes mesmo da atraente crocância que foi muito além da experiência de comer, pois é feito do açaí, um elemento fundamental para a alimentação e cultura da região.

A percepção do sabor e a apreciação da culinária das mulheres vão além do paladar. Desde os elementos da floresta – do açaí, da abóbora, do najá, do cupuaçu, do bacuri, da macaxeira – ao cheiro dos alimentos, me dão indicação de como será minha experiência gastronômica na Amazônia marajoara, transformando um alimento em algo diferenciado. O cheiro, o gosto, o visual, a textura, o ambiente rural, a partir da temporeza, enriquecem a vivência da pesquisa.

A mistura dos ingredientes e criação de sabores inusitados são os pontos fontes dessa explosão de sabores, elas – as mulheres da comunidade SEM – investem também em ingredientes com cheiros harmoniosos, que abrem o apetite. Outra coisa em que elas

capricham é na apresentação do prato, arrumando o alimento de forma bonita e criativa.

Figura 17 – Mulheres da comunidade SEM e sua produção



Fonte: Mãe Maria, 2024.

Figura 18 – Saberes e sabores da Cozinha Iaça (1)



Fonte: Mãe Maria, 2024.

Figura 19 – Saberes e sabores da Cozinha Iaçã (2)



Fonte: Mãe Maria, 2024.

Figura 20 – Sabores da Cozinha Iaçã durante o 21º aniversário da Comunidade SEM



Fonte: Mãe Maria, 2024.

7.3 Imagética Temporeza

No dia 22 de junho de 2024, ocorreu o aniversário da comunidade Santo Ezequiel Moreno. Saímos de lancha da cidade

de Breves, por volta das 7 horas da manhã, antes disso eu e meu filho João Pedro – que foi comigo nesse dia festivo até a comunidade – contemplamos a revoada de pássaros no trapiche municipal de Breves, a temporeza já nos avisava de que o dia seria de muitas descobertas, belezas e sutilezas.

Figura 21 – Cartaz da comemoração de 21 anos da Comunidade SEM

**CELEBRAÇÃO DO 21 ANOS
DA COMUNIDADE SANTO EZEQUIEL MORENO**

DATA de 21 a 22 Junho
PORTEL - PARÁ
Peaex. Acutipereira

PROGRAMAÇÃO DO DIA 22/06

08h às 09h00-Celebração em ação de graças pelo aniversário da comunidade

9h30 às 11h00-Cerimônia de entrega da revitalização das casas e entrega de 45 Tecnologias Sociais do SANEAR e a Unidade de Captação de água e rede de distribuição coletiva para a comunidade.

11h30 às 12h30-Assembleia de Constituição da cooperativa mirim

12h30 -Almoço

17h -Início da Programação Cultural
Arraiá do Tio Ezequiel Moreno
com vendas de comidas típicas

PROJETO FOTOGRAFIA QUE TRANSFORMA
Oficina de fotografia com as crianças da comunidade

FOTÓGRAFO DOCUMENTAL: SÉRGIO RODRIGUES

REALIZAÇÃO:
Comunidade Santo Ezequiel Moreno

SESCOOP/PA

APOIO:

IED

Fonte: Teófilo Lacerda, 2024.

Ao chegar na comunidade, fui surpreendida com uma explosão de cores, todas as casas haviam sido pintadas e ainda tinham algumas com artes visuais feitas por um artista local chamado Marcos Duarte. Vejamos as fotografias das pinturas:

Figura 22 – A casa e o indígena



Fonte: Teófilo Lacerda, 2024.

Figura 23 – Remando com açaí



Fonte: Teófilo Lacerda, 2024

Figura 24 – O pássaro



Fonte: Teófilo Lacerda, 2024.

Figura 25 – Arte em copiaça



Fonte: Teófilo Lacerda, 2024.

Figura 26 – A biblioteca ilustrada



Fonte: Teófilo Lacerda, 2024.

Figura 27 – Entre o sagrado e a temporeza



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, 2024.

Figura 28 – Casa-igreja e temporeza



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, 2024.

Figura 29 – Casas pinturas



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, 2024.

Figura 30 – O menino, o livro e os espelho das águas



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, 2024.

Figura 31 – Os pássaros, as casas e a rede (1)



Fotos: Teófilo Lacerda, 2024.

Figura 32 – Os pássaros, as casas e a rede (2)



Fotos: Teófilo Lacerda, 2024.

Figura 33 – Brincando com desenhos e cores



Fotos: Teófilo Lacerda, 2024.

Diferenciada, propositiva, inovando com os pés na tradição, na beleza da ancestralidade, foi isso que as imagens artísticas me passaram dessa comunidade, além de arte e temporeza que se

fundam e se transformam. Na biblioteca infantil, as imagens estavam lá alegrando com a amarelinha e com a diversidade de cores; na igreja, o sagrado aparece apresentando toda a religiosidade católica; na escola, o menino e o livro em contraste com as águas escuras que acrescentam um cenário perfeito; nas casas, muitos pássaros, indígenas e homens a remar. Tudo isso me remeteu à expressão freireana de “Leitura do mundo” (Freire, 1991) e de “saber da experiência feito” (Freire, 1992), como concepção do real, experiência de vida, compreensão do significado de algo, educando e promovendo a capacidade de ler a realidade e de agir sobre ela, um ato educativo artístico, motivacional e transformador.

Segundo Freire, a leitura precede a palavra, é certo, então, que a leitura faz parte das nossas vidas, logo nem sempre a leitura é escrita, ela pode ser uma imagem com muitos significados e interpretações. Quando olhei as imagens na comunidade, imaginei o que o pintor tentou retratar ali e toda vez que rememoro as imagens me reporto àquele lugar, àquela comunidade, ao que essa estética comunicou a mim e ao que ela poderá ter comunicado para tantos que estavam naquele momento festivo.

Antes desse dia, dessa festa, dessas telas nas casas, na escola, na biblioteca e na igreja, algumas imagens já se apresentavam para mim. Sempre foi inspirador vivenciar o movimento das águas, o vento, os japiins fazendo seus ninhos, as folhas caídas nos igarapés, os mururés, as curvas dos rios, a chuva e tudo mais nesse enlace de temporeza.

Uma pedagogia inspirada no visual que encanta e eleva, uma boniteza que inquieta e se mistura com as pinturas da temporeza. Nesse movimento, apresento imagens que o ser humano não pintou:

Figura 34 – Entre águas e mururés (1)



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, 2024.

Figura 35 – Entre águas e mururés (2)



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, 2024.

Figura 36 – Os Ninhos de japiins



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, 2024.

Figura 37 – “Chão igarapé”



Fonte: Parte do acervo da pesquisa, 2024.

Estamos ligados à temporeza. É urgente cuidar dela e nela nos cuidando também. Nesse contexto, entra mais uma vez o pensamento de Paulo Freire em *A pedagogia da indignação* (Freire, 2000), por meio da qual evidencia que a garantia da vida – da floresta, dos pássaros, das mulheres e dos homens, dos demais animais, dos rios e igarapés, da terra firme e alagável – só pode ocorrer se se cuidar do que está ao seu redor. Uma outra

contribuição importante Freireana é a visão do ser humano como inacabado, logo o mundo é inacabado, assim como a temporeza também é e pode ser transformada. O que faz do pensamento de Paulo Freire uma aproximação com a temporeza é o reconhecimento do ser humano de que está sempre se transformando e encontrando novas soluções para viver melhor e em equilíbrio consigo mesmo e com tudo à sua volta.

Isso tudo me fez lembrar de uma fotografia que fiz, quando eu me despedi de Portel, em 2006. É interessante como é a vida: eu, nesse momento tinha os meus vinte e poucos anos, coordenadora, junto com outra colega, de 206 escolas rurais e mais duas turmas do programa saberes da terra; “morava” nos rios e nas escolas rurais; “dormia” fim de semana em Portel; vivia no “corre-corre”, porque eu era movida a sonhos e, por causa da vontade de mudar o mundo, entendi que o mundo não queria ser mudado. Mudei daquele lugar, hoje, eu entendo, olhando a imagem que carrego em quase todas as minhas imagens sobre a realidade rural que eu nunca desisti de Portel. A prova disso é que estou a falar das mulheres da comunidade SEM nesta tese, mesmo depois de tantos anos a navegar. Veja uma das imagens, mas bela que já retratei por lá.

Figura 38 – Eu e a imagem



Fonte: Jeovani Couto, 2006.

Essas tessituras da temporeza que nos ensinam que somos parte dela em conexão, em vida, em movimento é o que me fez perceber no percurso da tese que eu deveria abrir cada seção com um poema escrito por mim que se entrelaça com a arte visual; um chamado à boniteza sem deixar de ser ciência, uma unidade que reflete os eus artísticos no querer compartilhar, comunicar e amar.

Em todas as construções do meu viver, sempre me veio a palavra, envolta a versos rimados e melodias ritmadas, herdadas de uma família musical; às vezes, eu sonho com cânticos e balbucio aquelas letras e, quando desperto, há uma composição de letras, músicas e imagens. Essa última construída acordada enquanto viajo por entre águas e florestas na imensidão do Marajó, apreciando toda essa mistura, e até acho que fica mais bela quando não tento fragmentá-la.

Nessa tessitura, desejo oferecer ao caro/a leitor/a um pouco do sentimento que me causa a temporeza através da arte que há em mim e da minha amiga Professora Ma. Fabíola Barroso Cabral, quem tive a satisfação de conhecer no Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Pará e que me encantou, a priori, com a sua arte e, posteriormente, com sua dissertação “A boniteza em Paulo Freire e o ensino de filosofia com crianças e adolescentes em escola pública” (Cabral, 2022).

A ela indaguei via WhatsApp sobre as composições que partilhamos, e ela me enviou áudios que eu transcrevo, a seguir:

[11:45, 20/07/2024] Fabiola- Então, meu sentimento nesse processo eu já passei por várias etapas de sentimento, no primeiro momento ele acaba sendo algo mais técnico que a gente tem que pensar a tintura, o tamanho do papel, nas dimensões do desenho, nesse caso que tem poesias tem que pensar também o ponto de foco de cada desenho porque no caso eu não tenho o papel inteiro para trabalhar, eu tenho que fazer uma conexão com a poesias, então foi um primeiro momento ainda muito tímido de sentimentos, meu passo tem que ser técnico para depois seguir para o poético.

[11:47, 20/07/2024] Fabiola- Depois que a gente estabelece os limites a gente precisa extrapolar esses limites, meio que escrevo e depois rasgo o papel e esse é o movimento poético né, então o processo de feitura dos desenhos, eles seguiram momentos bem diferentes, no começo eu pensava meio que

individualizada, por isso que o desenho do açai ficou pronto porque eu estava concentrada nele, e depois eu fui mais seguindo esse processo de pensar neles enquanto conjunto, neles enquanto uma narrativa, que tivesse uma conexão e isso foi me libertando mais, do ponto de vista criativo né, então foram sentimentos muito interessantes, muito intensos mesmos de fazer os desenhos. Depois foi preciso pensar uma imagem do feminino, uma imagem do mágico, do sagrado, a imagem da cotidianidade, são sentimentos que circundam quando eu li as poesias

[11:50, 20/07/2024] Fabíola- Outro aspecto que estou pensando e imaginando, era os turnos, cada desenho é pensado em um turnos, isso é no campo da coloração dos desenhos, porque algumas ilustrações que a minha imaginação guiava pelo amanhecer ou guiava para um retrato de final da tarde, um retrato também da noite, porque acho que a noite é muito encantada, da encantaria amazônica, e eu tentava buscar essas observações em momentos não óbvios, então, eu ainda tô muito centrada nesse processo e tento seguir esses sentimentos na hora de elaborar as ilustrações.

Uau!!!! Fiquei deveras emocionada ouvindo esses áudios, sempre foi você Fabíola e sua poesia pintada que procurei para interpretar meus poemas nascidos a partir do texto, das narrativas, das imagens, dos sabores, da escuta, dos gestos, da temporeza em todos os sentidos, uma sutileza que não passou despercebida, porque fez morada em mim.

Eu sentia que a tese não estava pronta, eu gostaria que quem me lesse também pudesse visualizar o que eu estava comunicando e, assim, fizemos eu e Fabíola um dueto entre poema e artes visuais que apresento no início de cada seção dessa tese. Uma espécie de efígie, porque esta também se refere a imagens, mas uma efígie que tem uma identidade própria, criada para ser poetada, sentida, vivida, sequenciada, por vezes, e, por outras, circundante; grosso modo pode parecer até errante, mas nunca sem propósito.

Quando o meu orientador me desafiou a explicar as composições, hesitei, tive receio de que esse ato pudesse limitar a própria construção artística de quem lê, depois fui convencida a fazer esse processo que não precisa ser sistemático nem tampouco conclusivo, só tem a pretensão de traduzir o que sentimos ao criarmos as composições que são interfaces das seções, um diálogo com o/a leitor/a, sem ser um modelo de criação para alguém, afinal

o ato criativo é espontâneo, imaginativo, identitário, sem ser individual, pois tem inspiração em outras pessoas, em animais, em florestas, rios e igarapés e tantos seres vivos e não vivos. Espero que quem leia essas expressões artísticas também nos conte o que sentiu, quem sabe cada imagem poetada os leve para outros caminhos não navegados por nós.

7.4 Os sons da temporeza

Paulo Freire nos disse que “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (Freire, 2004, p.142).

Com esse dizer, procuro evidenciar o que senti dentro da mata, ao acordar pela manhã no quiosque, andando pelas pontes, durante a caminhada no campo de futebol na comunidade SEM. A alegria se deu em escutar pássaros, ventos, chuva, sobrevoos, mover das águas, passos, sementes que se dispersam ao vento, ao chão, um movimento que está além do tempo do relógio, que não cabem na quadrada e fracionada existência, os sons da temporeza são uma busca e um achado, um libertar poético e difuso, uma boniteza pedagógica que nos faz querer se “perder” em uma viagem de percepções e sentimentos que não cabem em um tempo específico, cronológico ou linear.

Te convido a atemporizar com os sons da temporeza:



Sons da Temporeza
<https://youtu.be/O9gu1UMFPVA>

Ah!!! Esses sons puderam mudar a maneira como eu estava pensando a pesquisa, doses diárias de temporeza que diminuíram a minha ansiedade e me trouxeram paciência, uma espera que não cansa, uma calma que traz sabedoria e sentido ao que é simples e (im)perfeito.

Gerações de compositores criaram obras inspiradas na natureza, incluindo a sinfonia de Beethoven (1808), também conhecida como “Sinfonia pastoral ou lembranças da vida campestre”. Agora, em nosso mundo moderno, parece que houve um despertar para a profundidade e diversidade desses sons, intensificados por preocupações ambientais.

Como é possível observar no decorrer desta seção, apresento relações que se estabelecem entre a olfação e a degustação, a imagem e o som, o poema e a imagem, como indicadores da temporeza, todos orquestrados pelo protagonismo dessa concepção que se inicia multifacetada e se transforma em uma singularidade. Fiquei vários dias tentando entender esse

movimento até ter uma conversa informal com meu sobrinho Danilo Couto, saxofonista da *Amazon Jazz Band*, do Theatro da Paz e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Música, da Universidade Federal do Pará. Ele me disse que, na música, existe o que eles denominam de **intersemiose**, que é definida como o processo de tradução que se produz na transposição de um elemento para o outro, ou seja, um estudo semiótico em diferentes meios e linguagens, em diferentes semioses (Quaranta, 2013)

A proposta desta seção foi partir dessa perspectiva, intersemiótica, conceber e ler composições a partir da perspectiva das tessituras, de relações estabelecidas que compõem a trama de um discurso composicional da temporeza, que é espaço de produção e reprodução sociocultural e ambiental – estas relações indissociáveis – fazem parte das mulheres da comunidade SEM.

É uma visão particular que dá relevo às relações que se estabelecem no próprio processo criativo da pesquisa, da vida cotidiana, que sempre está atravessado pela temporeza, já que os sabores, os sons, as imagens ou espaço é sempre uma tradução que gera uma composição.

8. NESSA MINHA MAREZIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA NÃO FINALIZAR

Chove lá fora, fecho a janela, volto para o computador e procuro algumas palavras para resumir esta pesquisa. Nessas ações, tem sempre um serzinho ao meu lado – Zoe –, minha fiel cachorrinha, que sempre esteve próxima: no meu colo ou nos meus pés, acompanhando cada linha que escrevo. Zoe significa vida e em vida ela tem me ensinado a celebrar e vibrar com a chegada de uma pessoa em casa, a tirar uma sonequinha ao meio-dia. Em nunca perder a oportunidade de passear e ficar feliz ao sentir o vento na face. Aprendo com ela a correr, brincar e pular todos os dias, não importando quantas vezes eu pareça chateada ou magoada, ela sempre faz as pazes comigo e aceita com amor o carinho em sua barriguinha e, o mais importante, quando estou triste ou doente, ela fica em silêncio, fica por perto sempre ali para me confortar e amar. Essa tese é também sobre nos animalizar, aprendendo com os animais a deitar sem pressa na sombra de uma árvore ou aproveitar o prazer da caminhada.

Eu também poderia dizer que foi um passeio pelas minhas memórias de neta e que eu não poderia terminar esta tese sem falar que as comunidades rurais sempre me fizeram revisitar um passado de meninice: no topo das árvores frutíferas; nos banhos nas águas pretas e geladas ao pular dos trapiches; no saborear do beju feito pelo vô; no reviver as histórias contadas próximas ao jirau, no quintal ou na roça; nos passeios de cascos ou nas brincadeiras com os cascos alagados; no medo sereno das madrugadas; no som das matas; e nos contos de botos e de cobras, à espreita, em meu pensamentos.

Eu poderia também dizer de perspectivas atuais e tão presentes como discutir sobre mulheres, que desencadeou em mim um desejo de acarinhar meu filho, de perceber que ser mãe divorciada não é uma escolha, é uma consequência do que eu não

quis ter e ser e que não é fácil dizer não ao patriarcado e à opressão de gênero. Ser mulher negra, mãe, filha, estudante, solteira tem suas descobertas e liberdades, mas também tem suas dores e conflitos íntimos que só o cantar dos pássaros ao amanhecer pode consolar a alma de quem chorou à noite.

Ser mãe atípica é um dos maiores desafios da minha vida, eu poderia escrever um livro de memórias sobre isso, de como foi difícil a primeira infância de meu filho, eu não conseguia entender as suas diferenças nem os professores, então foi sofrível sim, mas sem perder a beleza de eu ter uma criança. Chorei, sorri, cantei, cansei, levantei novamente e continuo nesse percurso de vários sentimentos, porque estou sempre (re)aprendendo com as descobertas que faço sobre como o meu menino enxerga a vida, suas diferentes formas de expressar sentimentos e os desafios que temos que enfrentar para que o mundo seja mais inclusivo e amoroso. Ser mãe atípica é desafiador, porque você tem uma jornada intensa, vivenciando os desafios naturais de ser mãe e também os desafios diários de uma vida dividida entre as tarefas cotidianas, as terapias e as especificidades escolares.

Nesses momentos, meu exemplo é minha mãe que sempre esteve presente em ocasiões boas e difíceis do meu existir, esse exemplo carrego comigo como um manto protetor em que me faço e me refaço mãe e nessa pluralidade cotidiana também tenho que ser professora, estudante e pesquisadora. Então, eu poderia também escrever para os meus alunos dos quais eu presenciei relatos cheios de esperança e de representatividade rural, jovens que me ensinaram sobre viver em comunidade, sobre respeitar a temporeza, que na floresta tem gente que agrega, que luta e que se reconstrói. Nesse ínterim, rememoro todos os projetos de pesquisa e de extensão que realizei e os que ainda vão nascer a partir das narrativas que me cativaram e das vivências que prenunciaram o tema desta tese.

Assim, eu fui aprendendo com as mulheres que foram sujeitas dessa pesquisa e a elas também posso remeter a palavra. Irmãs que ouvi e com quem dialoguei com respeito e dignidade, desde as dores ditas às alegrias compartilhadas nas narrativas de vida e nas

rodas de conversa. Memórias de filha, de mães, que veio a mim em meio a convivência, nas caminhadas em pontes, nas proximidades dos igarapés e nas marés embarcadas ou nas minhas próprias viagens recriadas em mim em muitos nós.

Antes de eu começar essa pesquisa, a perspectiva que eu tinha dessa comunidade é o que a maioria tem, que é a de ser criadora do Fundo Solidário Açaí, uma inovação social. Quem poderia imaginar uma pequena comunidade rural, às margens do rio, no interior do município de Portel, criando sua própria moeda de troca a partir de um banco comunitário, sim, o açaí é o seu “ouro”.

Chegando mais próximo das mulheres, conheci a Cozinha Laça com invenções de receitas feitas a partir dos ingredientes da natureza; isso também me trouxe uma perspectiva outra de inventibilidade, além das mesmas evidenciarem saberes ecológicos, espirituais, comunitários, de manejo e organizativos que emancipam suas práticas, seus fazeres e movimentos, revelando uma **pedagogia da temporeza** anunciadora da **epistemologia da temporeza**, de outros modos de vida a partir da perspectiva do bem viver. Mas a pesquisa não me trouxe só a ideia de que essas mulheres são unidade na diversidade e que giram a engrenagem das tecnologias sociais da comunidade. O estudo me oportunizou criar uma pesquisa de campo e uma escrita que não quebra todas as paredes que eu ainda quero ruir, mas que já acena algumas fissuras que gostei de protagonizar com as mulheres da comunidade, e isso foi possível no momento que entendi que o tempo nas localidades rurais é regido pela natureza, na maré baixa ou alta, na influência da lua, enfim no ritmo que os cantos dos pássaros anunciam, no vento que dispersa sementes e, assim, se faz temporeza. Nessa minha maresia, sei que novos caminhos se abriram ao fazer ciência com ecologia e poesia, inclusive criando com as mulheres a categoria epistemológica **temporeza** com a força que pressupõe o movimento das águas e das florestas na Amazônia marajoara.

Diante do “inédito viável” outras maresias se lançam com força margeando os rios, como a discussão do currículo escolar que está indiretamente entre os objetivos dessa pesquisa, mas que certamente

ressoa como uma importante fonte de estudo, uma vez que é nítido que essa comunidade tem muito a ensinar em termos de saberes, e a escola, pelo pouco que pude observar e com raras exceções, segue na contramão, no “carbono” de planejamento das escolas urbanas da cidade de Portel, o que é de causar estranhamento, pela personalidade e pertencimento que essa comunidade pressupõe, sendo exemplo para outras comunidades pelo que ela representa e o que cria e recria no processo de produção e conservação de natureza e ainda os saberes de mulheres da comunidade SEM, que contribuem com espiritualidade, cooperação, manejo e mobilização social. Elas conseguem viver a definição de **comunidade**, em comunhão, e isso deveria ser levado em consideração nos processos educativos institucionais.

Que bom que a comunidade já começa a despertar para uma outra possibilidade: a criação de uma escola comunitária, com gestão própria. Eu pude participar de duas reuniões sobre a temática, uma de forma presencial e outra *on-line* com a presença da Federação das Casas Familiares Rurais (FECAFAR). Há um prenúncio de novas possibilidades de educação formal, o que me remeteu às minhas primeiras aprendizagens sobre **pedagogia da alternância**, no Saberes da Terra, em Portel, e nas Casas Familiares Rurais de Gurupá e de Breves, na Reserva Extrativista Mapuá.

Eu me senti útil, compartilhando vivências e experiências; senti também uma nostalgia de um passado que foi a criação da CFR de Breves, sendo que eu vivi sua criação, vi os/as alunos/as chegando e com eles/elas a esperança de se ter um ensino médio, coisa que o Mapuá não cogitava como possibilidade. Hoje, vejo esses/as alunos/as terminando o superior na Licenciatura em Educação do campo no IFPA de Breves, curso este que ajudei a criar, junto com os meus colegas do IFPA e da CFR. Um sonho que se tornou possível, porque os pés estavam fincados na realidade dos sujeitos. É bem verdade que eu não consigo pesquisar sem intervir, porque as pessoas me causam, me comovem, me entrelaçam e eu me junto a elas, mesmo sabendo que há dores e lutas que só elas mesmo sentem e reúnem forças para enfrentar.

A educação escolar está no meu DNA e sempre lutarei pelo acesso e pela permanência com sucesso, mas devo confessar que não ter que lidar com carga horária, professores dentro da caixa, calendário, foi um alento para os meus dias na pós-graduação, é por isso que amo a temporeza, uma ciência que emerge da natureza, sem burocracia, em seu próprio ritmo, em uma dinâmica que me traz o riso miúdo, aquele de canto da boca que não chega a ser risada, um alento para alma, uma pedagogia viva e transcendente.

Será que algum dia a escola vai conseguir entender essa episteme da vida comunitária em temporeza? Que cura, colabora, embeleza, educa, que me faz entender que é bom humanizar, mas que é fundamental animalizar, temporalizar. A comunidade SEM me permitiu embarcar nessa canoa, maresiando, temporalizando, não sendo mais possível retornar pelas mesmas águas, ou seja, já não vejo a pesquisa sob a mesma ótica, nem a educação.

Não é preciso dormir para sonhar. Aprendi isso participando do cotidiano da comunidade SEM, que nascida às margens dos rios como muitas que emergem rurais, amazônicas e agroextrativistas, segue firme aguerrida por suas lutas, sejam elas sociais, ecológicas, políticas, econômicas ou culturais, comunidade que usa o sonho como maneira de projetar outros modos de vida.

Depois do surto de morcegos, depois da fome, da falta de saneamento, buscaram novas possibilidades, a partir do sonho que não se sonha só; era só uma comunidade como muitas comunidades rurais do município de Portel, uma casa lá e outra acolá, com dificuldade de se deslocar entre as residências, entre os açais nativos, entre as roças na área de terra firme, entretanto ousou ser mais, buscou inspiração em outros lugares e em outras experiências, trouxe acompanhamento técnico florestal para discutir possibilidades de projeções sociais e econômicas; imprimiu um senso de comunidade que se constrói diariamente, resolvendo seus problemas, alguns bastante complexos; e segue em realizar um sonho de um mundo melhor, conquistado a cada vez que se unem, em uma realidade que sempre foi negada e expropriada.

Nesse coletivo, há os sonhos das mulheres que se juntam com força aos sonhos comuns da comunidade e que se projeta na composição prática do cotidiano, enfrentando o patriarcado e orientando as lutas, as causas e a potente alteridade que tudo isso evoca. O sonho não tem pressa e, nessa desaceleração, há uma outra relação com o tempo, o espaço e com as experiências comunitárias.

Para não finalizar, quero ainda dizer que essa pesquisa me oportunizou criar sensibilidades e criatividades que eu nem sabia que poderia existir em mim, como a escrita em que assumo o protagonismo de ser eu que escrevo, como os poemas que se fundam nas imagens, como ir para comunidade só para olhar, escutar e sentir o que as pessoas, os animais, as águas, as matas, a chuva, a terra e tudo mais que está comunicando. Ficar simplesmente na dependência da temporeza, permitir ficar de “bubuia na maré”, como quem não quer nada, e, querendo tudo, que puder ser e viver. Aprendi a não ter pressa, a desprezar toda a ansiedade, com a pretensa ideia de abstrair o genuíno, o cativante, como se fosse as primeiras letras de uma composição.

E nesse até breve, os deixo com a canção Santo Ezequiel Moreno, composição e produção do professor Ronaldo de Deus Machado que, em versos melódicos, nos diz: “...somos pescadores, agricultores, nossa terra é nossa raiz, manejaí, manejo de açai, a floresta nos diz”.



Vídeo Comunidade https://youtu.be/5MyV_Zir5Zw

REFERÊNCIAS

ALBURQUEQUE, Maria Betânia Barbosa. **Sabenças do Padrinho**. Belém: EDUEPA, 2021.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. Narrativas Orais sobre religiosidade e saberes escolares no município de Colares-PA. **Revista História Oral**, v. 18, n. 2, p. 179-206, julho a Dezembro de 2015. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/download/578/pdf/1850>. Acesso em: 01 de março de 2024.

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Autonomia Libertária, Editora Elefante, 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. 1ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2017.

ALVES, Matheus Monteiro. **Do Peasants Make Science? Solidarity-based Strategies and Sustainable Livelihoods in the Amazon Estuary**: a case study of the Açaí Solidarity Fund, Brazil. University of Amsterdam, (Dissertação), 2018. (Documento digitalizado).

BERTAUX, Damiel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução de Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Lavallée; Revisão científica Maria da Conceição Tassegi, Márcio Venício Barbosa. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará. **Instrução Normativa PROEN/IFPA Nº 004, de 20 de novembro de 2018**. Estabelece normas para organização do projeto integrador na integralização curricular das atividades acadêmicas específicas dos cursos técnicos de nível

médio e de graduação do IFPA. Disponível em: <https://proen.ifpa.edu.br<intrução-normativa>2018.4>. Acesso em: 15 de outubro de 2022.

BUBER, Martin. **EU e TU**. Tradução Newton Aquiles von Zuben. 10ª ed., 4. reimpressão. São Paulo: Centauro, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Trad. Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COUTO, Jeovani de Jesus. **Entre águas e florestas: Alternância Pedagógica na Casa Familiar de Breves/ Resex Mapuá**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares, Instituto Federal do Pará Campus Castanhal, 2015. (Documento digitalizado).

DINIZ, Nilo Sérgio de Melo. **Chico Mendes: Um grito no ouvido do mundo; como a imprensa cobriu a luta dos seringueiros**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2019.

FLEURI, Reinaldo Matiais. Paulo Freire hoje em Abya Ayala. In: LOUREIRO, Camila Wolpato; MORETI, Cheron Zanini; MOTA NETO, João Colares da; FLEURY, Reinaldo Matiais. **Paulo Freire e o bem viver**. Porto Alegre: Cirkula, 2020, p. 75-94.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo**. 2ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.

FREIRE. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 10ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudanças**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2020

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da solidariedade**: 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GARGALLO, Francesca. **Feminismos desde Abya Yala**: Ideas y proposiciones de las mujeres e de pueblos en nuestra América. Cidade do México: Editorial Corte y Confección, 2014.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs, 1884, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaio, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HAGE, Salomão Antonio. Retratos da realidade das Escolas Multisseriadas na Amazônia Paraense. **Informativo Comunica Geperuaz**, nº. 3 e 4 – Belém- Pa – Maio-Junho de 2005.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrematadoras. 18ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2002; 15ª ed. Rio de Janeiro, 2003.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. 2ª ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista**: da margem ao centro. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOLKS, Bell. **Ensinando o pensamento crítico**: sabedoria prática. Tradução Bhuvi Líbano. São Paulo: Elefante: 2020.

HOOLKS, Bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOLKS, Bell. **Ensinando a comunidade**: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOLKS, Bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante, 2022.

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Belém CEJUP, 3ª ed., 1992.

Kheel, Marti. Fundamentos teóricos do ecofeminismo: A contribuição do ecofeminismo para a ética animal. *In*: ROSENDO, Daniela; OLIVEIRA, Fabio A. G.; CARVALHO, Priscila, KUHNEN, Tânia A. (Org.) **Ecofeminismos**: fundamentos teóricos e práxis interseccionais. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a Cultura do Bem Viver**. Texto elaborado a partir de Live, realizada na Semana do Bem Viver da Escola Parque do Rio de Janeiro, no dia 17 de junho de 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das letras, 2023.

LEITE, Corrêa, Danielson. **Relações de trabalho na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Marajó-Pa**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018. Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogodeteses/#/>>. Acesso em: 11 de outubro de 2022.

LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: CEJUP, 1995. Cap.1. A Poética do imaginário. (p. 49-107)

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, setembro-dezembro/2014. Artigo originalmente publicado na revista *Hypatia*, v. 25, n. 4, 2010. Disponível em: <<https://docero.com.br>>. Acesso em: 23 de abril de 2022.

MENDES, Chico. Chico Mendes por ele mesmo: testamento político. In: NAKACHIMA, M. **Chico Mendes por ele mesmo**. São Paulo: ed. Martin Claret, 2006, p. 75-128.

MIRANDA, Katiuscia *et al.* **Embarca Marajó**: Estratégias locais de inovação, fortalecimento institucional e desenvolvimento sustentável. Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2017.

MIRANDA, Katiuscia *et al.* **Receitas da culinária agroextrativista**. Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2019.

MORAES, Lucivando Barbosa de. **Para além do alimento**: inovações sociais em torno do açaí na comunidade ribeirinha Santo Ezequiel Moreno em Portel, Arquipélago do Marajó, Pará. (Mestrado em agriculturas amazônicas). Universidade Federal do Pará, Belém, 2020, Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 11 de outubro de 2022.

OLIVEIRA. Ivanilde Apoluceno de. **Paulo Freire**: gênese da interculturalidade no Brasil. Curitiba: CRV, 2015.

PAIVA, João Daltro; MIRANDA, Katiuscia; SILVA, Ruth Correa da. Experiência do Fundo solidário Açaí em Portel. In: MIRANDA, Katiuscia; POTIGUAR, Manoel; MORAES, Maura; MENDONÇA, Rosevany e SILVA, Ruth Corrêa da. **Embarca Marajó estratégias locais de inovação, fortalecimento institucional e desenvolvimento sustentável**. Organizado por Belém, Instituto Internacional de Educação do Brasil, 2017.

PAREDES, Julieta. **Hilando Fino desde el Feminismo Comunitario**. México, Melanie Cervantes, 2013. Disponível em <https://sjlatinoamerica.files.wordpress.com/2013/06/paredes-julietta-hilando-fino-desdeel-feminismo-comunitario.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2022.

QUARANTA, Daniel. Composição Musical e Intersemiose: processos composicionais em ação. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v. 13, n. 1, 2013, p. 162-174.

QUIJANO, Anibal. **Bem viver**: Entre o “Desenvolvimento” e a “Des/colonidade” do Poder. Oxfam, Maio de 2010.

REIS, graça; OLIVEIRA, Inês Barbosa. Aprendizagens coletivas e ecologia de saberes as rodas de conversa como auto-formação contínua. *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

RAMOS, Carlos Augusto Pantoja; MACIEL, Alyne; SOUZA, Taiane. Porque as palavras têm força: é necessário chamar o novo paradigma, no mínimo de Biossocioeconomia. *In*: LIMA, César Augusto Tenório de; ALMEIDA, Oriana Trindade de (org.). **Florestas para pessoa**: garantias de direitos e de cidadania com sustentabilidade na Amazônia. Belém/Pa: Grupo Acadêmico Produção do Território e Meio Amambiente na Amazônia – GAPTA/UFGA, 2023, p. 50-71. Disponível em: <http://gaptaufpa.blogspot.com/2023/05/ebook-gratuito-disponivel-para-download.html?m=1>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

RAMOS, Carlos Augusto Pantoja. Breves reflexões sobre o Plano Estadual de (Sócio) Bioeconomia do Pará. **Recanto das Letras**, 2022. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/7646967> Acesso em 28 de maio de 2023

RAMOS, Carlos Augusto Pantoja. Da Impressão à Expressão Digital do Colonizador: breves reflexões para possíveis embates. **Recanto das Letras**, 2021. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/e-livros/7261730>. Acesso em: 28 de maio de 2023

RAMOS, Carlos Augusto Pantoja. **O dominante das riquezas futuras**. Meio ambiente, açaí e farinha: para falar de recursos naturais disponíveis na Amazônia, 2014. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/cronicas/4772496>. Acesso em 28 de maio de 2023.

RODRIGUES, Denise Sousa Simões *et al.* Cultura, cultura popular amazônica e a construção imaginária da realidade. *In*: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; LOBATO, Tânia Regina (org.). **Cartografias de Saberes**: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular. Belém: EDUEPA, 2007.

RODRIGUES, Kássya Christinna; COUTO, Jeovani de Jesus Couto; BEZERRA, Teresa Christina da Cruz. A Construção Dialógica na Pesquisa Inscrita no Cotidiano. *In*: LEMOS, Flávia Cristina Silveira; COLOMBANI, Fabiola; SENHORAS, Elói Martins (organizadores). **Humanidades**: Agendas Multidisciplinares. Boa Vista: Editora IOLE, 2023, 361 p. Série: Ciências Sociais. Editor: Elói Martins Senhoras.

SAMPAIO, Carmem Sanches; SOUZA, Tiago Ribeiro Rafael de. conversa como metodologia de pesquisa uma metodologia menor? *In*: RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa**: por que não? Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

SESMA, Angélica Velasco. De la lógica de la dominación al respeto y la empatía: hacia una relación ecofeminista con los animales y la naturaleza *In*: ROSENDO, Daniela; OLIVEIRA, Fabio A. G.; CARVALHO, Priscila, KUHNEN, Tânia A. (Org.) **Ecofeminismos**: fundamentos teóricos e práxis interseccionais. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2019.

SILVA, Alexandre Nunes da. **A economia solidária como vetor do desenvolvimento territorial no Marajó**: estudo de caso da

comunidade Santo Ezequiel Moreno, Portel (PA). Dissertação (Mestrado em Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) - Núcleo de Meio Ambiente, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13449>; <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>>. Acesso em: 11 de outubro de 2022.

SILVA, Maria das Graças da; SILVA, Cirlene Silva dae DINIZ, Francisco do P. Santos. **Cartografias e Métodos: Outros traçados e caminhos metodológicos para a pesquisa em educação**. In MARCORDES, Maria Inês, OLIVEIRA, Ivanilde de (org.). Abordagens e técnicas e construções metodológicas na pesquisa em educação. Belém. EDUEPA, 2011.p 59-76.

SILVA, Maria das Graças, CUIMAR, Raimunda Martins. Saberes ambientais locais: narrativas de Colares. In: ALBUQUERQUE, Maria Betânia B. (Org.). **Saberes da Experiência, Saberes Escolares: diálogos interculturais**. 1ª ed. Belém: EDUEPA, 2016, v. 1, p. 129-167.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. Varadouros da Liberdade: empates no modo de vida dos seringueiros da região acreana de Brasiléia. **Cadernos Ufac**, Rio Branco-Acre, v. 6, 2000, p. 225-237. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11202>. Acesso em 02 de maio de 2023.

SOUZA, Márcio. **O empate contra Chico Mendes**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: Uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 4ª edição, Dezembro de 1972.



Temporeza é um estudo etnossociológico, dialógico e interseccional sobre os saberes das mulheres agroextrativistas da Amazônia marajoara. A obra revela como as práticas gastronômicas e modos de vida tornam-se formas de resistência política, espiritual e ecológica. Mais que uma obra, é um chamado à escuta da epistemologia e pedagogia da *temporeza*. Um convite a conhecer a Amazônia marajoara que floresce pelas mãos das mulheres.

Pedro & João Editores
20 ANOS
pedrojoaoeditores.com.br

ISBN 978-65-265-2359-9

